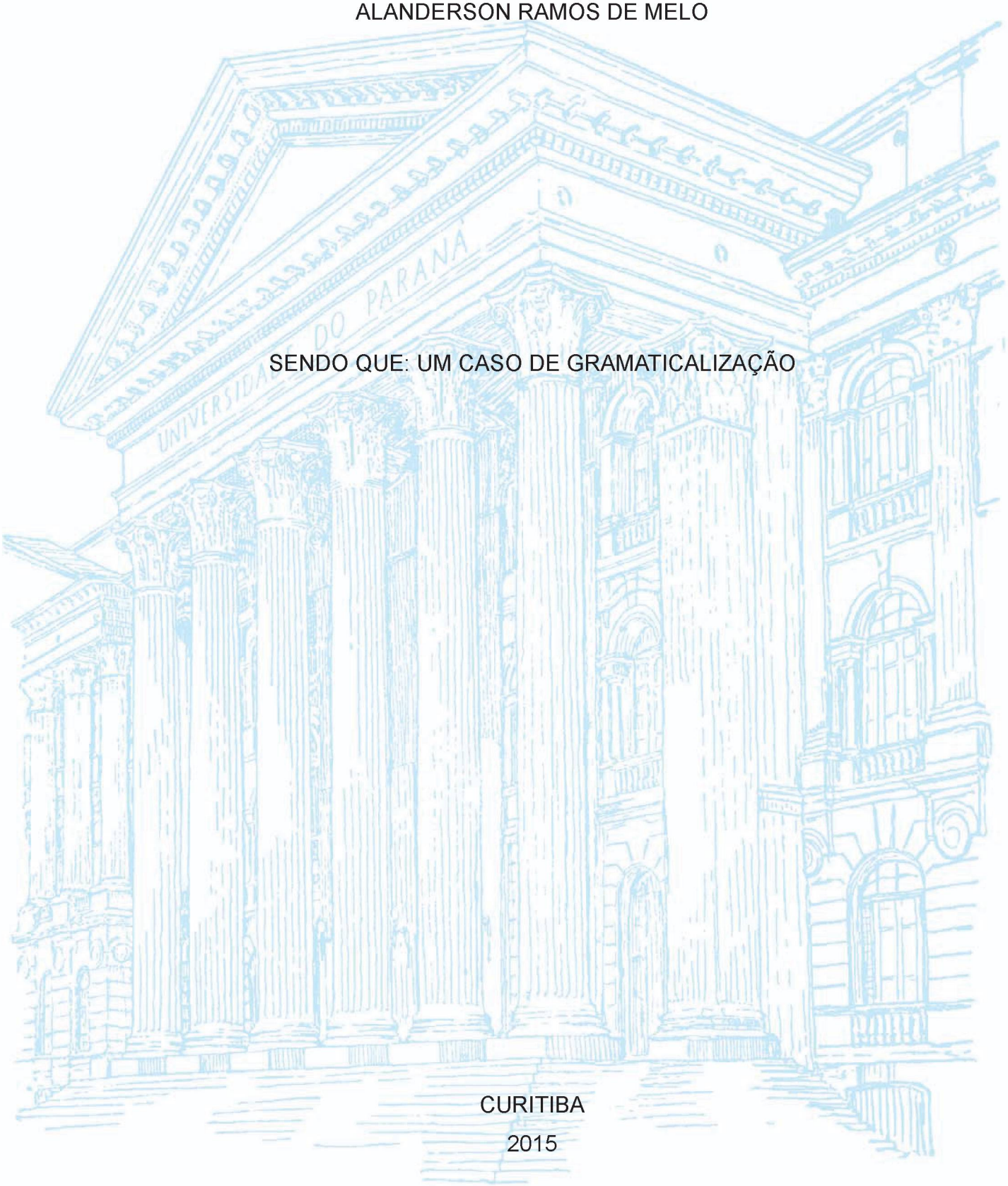
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ALANDERSON RAMOS DE MELO



SENDO QUE: UM CASO DE GRAMATICALIZAÇÃO

CURITIBA

2015

ALANDERSON RAMOS DE MELO

SENDO QUE: UM CASO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Humanas, da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Odete Pereira da Silva Menon

CURITIBA

2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Mariluci Zanela – CRB 9/1233

Melo, Alanderson Ramos de
Sendo que: um caso de gramaticalização / Alanderson Ramos de Melo – Curitiba, 2015.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.
Orientadora: Profa. Dra. Odete Pereira da Silva Menon.

1. Língua portuguesa – Gramática. 2. Gramática comparada e geral - Gramaticalização. 3. Linguística. I. Título.

CDD – 469.798

Setor de Ciências Humanas
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras
Tel./Fax: +55 41 3360-5102

Ata septingentésima décima terceira, referente à sessão pública, de defesa de dissertação para a obtenção de título de mestre a que se submeteu o mestrando **ALANDERSON RAMOS DE MELO.** No dia vinte e sete de novembro de dois mil e quinze, às quatorze horas e trinta minutos, na sala 1005B, 10.º andar, no Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, foram instalados os trabalhos da Banca Examinadora, constituída pelos seguintes Professores Doutores: Odete Pereira da Silva Menon, Presidente, Edair Maria Görski, Edson Domingos Fagundes designados pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Letras, para a sessão pública de defesa de dissertação intitulada: **"SENDO QUE: UM CASO DE GRAMATICALIZAÇÃO"**, apresentada por **ALANDERSON RAMOS DE MELO.** A sessão teve início com a apresentação oral do mestrando sobre o estudo desenvolvido. Logo após, a senhora presidente dos trabalhos concedeu a palavra a cada um dos examinadores para as suas arguições. Em seguida, o candidato apresentou sua defesa. Na sequência, a Professora Odete Pereira da Silva Menon retomou a palavra para as considerações finais. Na continuação, a Banca Examinadora, reunida sigilosamente, decidiu pela aprovação do candidato. Em seguida, a senhora Presidente declarou **APROVADO** o candidato, que recebeu o título de **Mestre em Letras**, área de concentração **Estudos Linguísticos**. A versão final da dissertação deverá ser encaminhada à Coordenação em até 60 dias. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pela Banca Examinadora e pelo candidato. Feita em Curitiba, no dia vinte e sete de novembro de dois mil e quinze.

Drª Odete Pereira da Silva Menon

Drª Edair Maria Görski

Dr. Edson Domingos Fagundes

Alanderson Ramos de Melo

A meus pais, meus eternos instrutores,
que me ensinaram o mundo mesmo eu
não sendo dele.
&
À *Maria Lurdes Fernandes,* que me
conduziu os passos às primeiras letras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

a Deus, pela vida.

à família pelo apoio;

à professora Deizi Link, que me incentivou à pesquisa e fez crescer em mim a paixão pela Linguística, e que me introduziu nos estudos de Gramaticalização;

à Pamela Binda, pelo apoio;

à Alana Brito e à Sirlei Cavalli pela ajuda muito oportuna em como operar o programa *GoldVarbX,* que até então me era desconhecido;

à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior, CAPES, pela ajuda financeira;

e, em especial, à professora Odete Menon por ter aceitado meu projeto de pesquisa e ter sido minha orientadora. Agradeço pelas ricas discussões, nas quais pude aprender e crescer como pesquisador.

“A linguagem, para enunciar o pensamento em todas suas gradações, para o debuxar em todas suas cores, acompanhando-o na diversidade de todos os seus toques, na multiplicidade de todas as suas feições particulares, em toda a sua ligação e concatenação, é forçada a engenhar novos signaes, valendo-se algumas vezes de várias outras categorias gramaticaes e adaptando-se à natureza desses elementos.”

(RIBEIRO, 1919, p. 472)

RESUMO

Esta dissertação visa verificar o processo de gramaticalização, tido como um subconjunto da mudança linguística (HOPPER; TRAUGOTT 1993; 2003), pelo qual passou a forma verbal *sendo,* justapondo-se ao conector *que* para resultar na construção SENDO QUE; composição esta que hoje se manifesta na língua como conjunção. Objetiva-se mapear em textos de estágios mais antigos da língua portuguesa os possíveis contextos linguísticos que propiciaram o amálgama dessa conjunção, assumindo-se, de antemão, a questão da frequência de uso para que ocorra o fenômeno da gramaticalização. Recorre-se ao Córpus do Português de Davies e Ferreira (2006) como a principal fonte de dados para a análise, bem como obras que embasam teoricamente o trabalho, como: Hopper e Traugott (1993; 2003); Heine e Traugott (1991); Heine e Kuteva (2002); Maurer Jr. (1959); Rauber (2013); Bybee (2010); Simões (2007); Longhin (2003), entre outros. Observa-se que, apesar de o SENDO QUE apresentar a acepção de *conector causal* na visão de alguns gramáticos, como Ribeiro (1919), essa conjunção assumiu um caráter multifacetado, expressando outros valores. Buscando-se verificar o percurso histórico/diacrônico do SENDO QUE, foram feitas duas análises, uma quantitativa e outra qualitativa, opondo-o ao SENDO (ocorrências do gerúndio com função de núcleo da oração reduzida, adverbial, relativa e coordenada) para se obter como se deu a variação e a mudança desta *perífrase* ou *locução conjuncionais*, segundo a GT, ao longo do tempo. Foram tomados como fatores o tipo de oração e os séculos, usando para isso o programa *GoldVarbX*. Tem-se como hipótese que o SENDO QUE tenha surgido a partir de contextos morfossintáticos específicos de usos do gerúndio adverbial ou coordenativo. Esta conjunção SENDO QUE está em concorrência com outros conectores no paradigma das conjunções do português e indica estar adquirindo valor mais acentuado de oposição de ideias, como em: "Recebi por e-mail um boleto para pagar *sendo que* nem sou mais cliente." Ela pode também ter interpretação de construção distributiva/numerativa, representando uma expressão do partitivo, em alguns casos. Essas afirmações e hipóteses são o que se vai buscar atestar com os dados e resultados obtidos.

Palavras-chave: Gramaticalização. Sendo que. Conjunção.

ABSTRACT

This dissertation aims to verify the process of grammaticalization, understood as a subset of linguistic change (HOPPER; TRAUGOTT, 1993), by which are subjected the verbal form *sendo* juxtaposing to *que,* resulting in the construction SENDO QUE; this composition functions as a conjunction in the language. The aim is to investigate in texts of the ancient Portuguese language the possible linguistic contexts in which it was caused the creation of this locution, assuming, beforehand, the question of its frequency to occur the phenomenon of grammaticalization. It is resorted to the *corpus* of Davies & Ferreira (2006) as one of the sources of data for the analysis, as well as works that theoretically base this work: Hopper & Traugott (1993); Heine & Traugott (1991); Heine & Kuteva (2002); Maurer Jr. (1959); Rauber (2013); Bybee (2010); Simões (2007) and others. It is observed that although SENDO QUE shows a more evident causal sense in the first stages of its origin and exposed by Ribeiro (1919), it admits also a multifaceted behavior, expressing other semantic values. As the aim is to seek the historical/diachronic course of SENDO QUE, a quantitative and qualitative analyses were done, opposing SENDO QUE to SENDO (occurrences of *sendo* as the core of the reduced sentence) in order to understand how the variation and the change of the periphrasis happened throughout time; it was taken as an extra-linguistic factor the time and as a linguistic factor the types of sentences, using the software GoldVarbX. It seems, thus, that SENDO QUE has come about from specific morphosyntactic contexts with the coordinative or adverbial gerund. It is now in concurrence with other connectors in the conjunctions paradigm and it indicates to be acquiring a more accentuated, stronger, adversative value, as in: “Recebi por *e-mail* um boleto pra pagar SENDO QUE nem sou mais cliente”. It also holds the interpretation of distributive/enumerative construction, representing a partitive expression, in some cases. Assertions and hypotheses that are supported by the data and results obtained.

Key-words: Gramaticalization. Sendo que. Conjunction.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Distribuição das ocorrências dos gerúndios por século, segundo Simões (2007). 64

Quadro 1 - Reanálise hipotética do SENDO QUE, segundo Rauber (2013). 67

Quadro 2 - Comutação entre SENDO e SENDO QUE. 73

Figura 2 - Recortes da obra História da vida do padre Francisco Xavier, páginas 531 e 793. 85

Quadro 3 - Progressão hipotética da junção do *sendo* ao *que*. 88

Figura 3 - Variação e gramaticalização, esquema 1 112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	-	Disposição dos dados com SENDO e SENDO QUE	95
Tabela 2	-	Distribuição dos números de ocorrências, valores percentuais e pesos relativos para cada tipo de oração. Aplicação de regra: SENDO.	100
Tabela 3	-	Número de ocorrências e percentagem dos tipos de oração para SENDO e SENDO QUE por século.	106
Tabela 4	-	Distribuição de SENDO e SENDO QUE em números absolutos	109
Tabela 5	-	Número de ocorrências e percentagem dos tipos de oração por século	111

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GT	Gramática Tradicional
p.	Página
PA	Português antigo
PB	Português do Brasil
PE	Português europeu

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
1.1 A ORGANIZAÇÃO DO PRESENTE TRABALHO 15
2 A GRAMATICALIZAÇÃO 17
2.1 A TEORIA DA GRAMATICALIZAÇÃO 21
2.2 MOTIVAÇOES E MECANISMOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS NO PROCESSO DE CRIAÇÃO LINGUÍSTICA 23
2.3 A MUDANÇA SEMÂNTICA NA GRAMATIC/ALIZAÇÃO 31
2.4 A UNIDIRECIONALIDADE DA MUDANÇA 40
2.5 O *SENDO QUE* E OS PRINCÍPIOS DA GRAMATICALIZAÇÃO 42
2.6 CONJUNÇÕES: PALAVRAS GRAMATICAIS 46
3 A HISTÓRIA DO VERBO *SER* 51
4 A HISTÓRIA DO *QUE* 54
5 O GERÚNDIO NO PORTUGUÊS E O *SENDO QUE* 60
5.1 O *SENDO QUE* E A QUESTÃO DO FOCO 64
5.2 O *SENDO QUE* E A VARIAÇÃO 68
6 MATERIAL E MÉTODO 74
6.1 METODOLOGIA E CÓRPUS 74
6.2 HIPÓTESES E JUSTIFICATIVA 79
7 ANÁLISE E RESULTADOS 79
7.1 UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA: O SURGIMENTO DE UM NOVO CONECTOR 80
7.2 ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA 94
7.3 GRAMATICALIZAÇÃO E VARIAÇÃO 112
7.4 A CONJUNÇÃO *SENDO QUE* NO PORTUGUÊS 113
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 122
REFERÊNCIAS 126
APÊNDICES 131

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho está inserido nos pressupostos da teoria da *Gramaticalização*, que assume como premissa básica a mudança linguística.

A questão da mudança linguística nos estudos científicos da linguagem tem ocupado, de forma ascendente, cada vez mais as páginas de trabalhos acadêmicos nos últimos anos, o que sinaliza uma preocupação no tratamento desse fenômeno e uma busca em evidenciar os mecanismos que estão subjacentes a esse processo.

Dada a realidade de que as línguas naturais humanas estão sempre em variação e mudança e que essas mudanças são passíveis de estudos sistematizados, alguns pressupostos teóricos são suscitados na tentativa que melhor explicar tais fenômenos.

Uma das abordagens dadas à mudança linguística é a chamada de teoria da Gramaticalização. Essa é tratada como um tipo especial de mudança; podendo fazer parte desse fenômeno, transformações fonológicas, semânticas, morfossintáticas e ações pragmáticas, que incidem em parte do léxico de uma língua, e que podem promover mudanças categoriais ao longo do tempo. Concebe-se a gramaticalização, em termos simplificados, como o processo de mudança que leva a passagem de um item lexical à função gramatical, isto é, a uma posição mais presa na estrutura da língua, ao contrário do que se encontrava antes (MEILLET 1912 *apud* LONGHIN 2003; GONÇALVES *et al.* 2007); ou ainda, adquirir *novas funções* na língua (HOPEER; TRAUGOTT, 2003).

O presente estudo também se baseia em trabalhos elaborados sob a perspectiva da teoria funcionalista da linguagem - corrente teórica que se opõe ao formalismo. A respeito dessa teoria, de forma clara e sucinta, Neves (1997) afirma:

> Por gramática funcional entende-se, em geral, uma teoria da organização das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social. Trata-se de uma teoria que assenta que as relações entre as unidades e as funções das unidades têm prioridade sobre seus limites e sua posição, e que entende a gramática como acessível às pressões do uso (p. 15).

Dessa forma, qualquer investigação linguística toma como pressuposto a capacidade e *competência comunicativa* do falante, assumindo uma relação mais estreita entre *langue* e *parole*, concebendo esses dois conceitos não como independentes, mas que se complementam para o propósito do funcionamento

linguístico, da construção dos textos de uma língua (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991, p. 189).

Visto que no processo de mudança os elementos linguísticos estão sujeitos à variação e, dada a possibilidade de se fazer um estudo em que se flagre essa variação em um tratamento quantitativo e qualitativo, pode-se, a título de exemplificação, afirmar que essa teoria:

> considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Tais fatores são também referidos como variáveis independentes, no sentido que os usos de estruturas linguísticas são motivadas e as alternâncias configuram-se por isso sistemáticas e estatisticamente previsíveis (MOLLICA, 2010, p. 9-10).

Isso quer dizer que a língua é motivada socialmente, sendo a variação inerente à sua estrutura. A variação, que pode levar à mudança, está sistematicamente distribuída e organizada na língua, seguindo o trâmite da efetiva comunicação.

Tem-se como objeto de estudo aqui a conjunção SENDO QUE. Assume-se que esse conector tenha surgido na língua como resultado de um processo de mudança, a gramaticalização, e que passou a ter usos variados na língua em diferentes contextos. Assim, admite-se que o presente estudo vai se inserir numa perspectiva que envolve pressupostos da mudança linguística (e algumas nuances de variação) e do funcionalismo linguístico voltado à gramaticalização.

Tavares (2013) explica a possível coadunação dos estudos de variação com os estudos sobre gramaticalização, relacionando os conceitos de *estratificação* (cf. HOPPER, 1991) com o fenômeno da variação linguística da sociolinguística variacionista. A autora traz à discussão a questão do processo de gramaticalização e a sua relação com a variação morfossintática; associação essa que, segundo ela, é apontada por alguns pesquisadores.

> A gramática congrega domínios funcionais variados. Cada um desses domínios funcionais abarca um conjunto de formas gramaticalizadas, isto é, de um uso rotinizado, que possuem funções gramaticais similares ou idênticas" (TAVARES, 2013, p. 35).

Tagliamonte[1] (2003 citado por TAVARES, 2013, p. 36) afirma que o processo de gramaticalização "necessariamente produz variabilidade na gramática e essa variabilidade reflete as camadas variáveis da gramaticalização representadas por diferentes formas".

Dito isso, pode-se tomar a gramaticalização do SENDO QUE como um processo em que se evidencia a união dessas duas abordagens teóricas: a mudança e a variação, uma vez que a mudança é atestada nesta conjunção e também seu comportamento na língua, o de conjunção multifacetada, tendo adquirido múltiplos valores. Variação no sentido de múltiplos valores semânticos que imprime entre os períodos que liga.

1.1 A ORGANIZAÇÃO DO PRESENTE TRABALHO

Pretende-se estudar, com dados do português escrito e falado, o processo que deu origem à combinação dos itens linguísticos *sendo* e *que*, resultando num composto conjuncional[2] novo: o SENDO QUE. Propõe-se, portanto, averiguar o processo de mudança e variação linguísticas pelo qual passaram esses dois elementos, a ponto de se justaporem e tomarem um novo valor na língua. Esse fenômeno, como já suscitado no início, é chamado de gramaticalização, concebido como um subconjunto da mudança linguística (HOPPER; TRAUGOTT 1993, p. 2). Na esteira desse fenômeno linguístico, esse composto conjuncional assume propriedade linguística outra que não as acepções originais dos itens que o compõem, como se observa em (1):

(1) (...) nosso índice foi vergonhoso, mais de 2%. SENDO QUE o índice esperado é abaixo de 0,3%. Por isso algumas atitudes devem ser tomadas (Ata de reunião empresarial do ramo farmacêutico[3]).

Nesse trabalho, será utilizado o córpus de Davies e Ferreira (2006), disponível em suporte *on line*, bem como alguns dados pessoais coletados em

---

[1] TAGLIAMONTE, S. A. Comparative Sociolinguistics. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SHILLING-ESTES, N. (Eds.). **The handbook of language variation and change**. Cambridge: Blackwell, 2003. P. 729-763.

[2] Optou-se por tratar nesse trabalho os termos "conjunção", "composto conjuncional", "perífrase conjuncional" ou mesmo "locução conjuncional" como sinônimos, isto é, tratando-os igualmente por **nexos oracionais**, e assim, dessa forma, evitar discussões terminológicas.

[3] Dado pessoal, encontrado em uma ata de reunião de uma farmácia.

diversas fontes, como o exposto em (1), no qual o juntor SENDO QUE imprime valor adversativo entre os períodos que liga.

As partes que compõem este trabalho estão colocadas da seguinte forma: em um primeiro momento, faz-se uma exposição histórica do fenômeno da gramaticalização: os primeiros estudiosos sobre o tema e os primeiros passos (os principais, conhecidos na literatura) que impulsionaram essa corrente de estudo linguístico. Expõem-se, adiante, as novas acepções, que surgiram a partir daquele que pode ser o principal teórico da Gramaticalização, Antoine Meillet, e que se somam e corroboram a conceitualização desse tipo de mudança linguística.

Em seguida, baseando-se na literatura sobre o assunto, apresentam-se as possíveis motivações e mecanismos linguísticos que cooperam para o esse processo de criação linguística. Adiante, discute-se a unidirecionalidade da mudança. Logo depois, apresentam-se alguns princípios de gramaticalização, os quais se mostram válidos ao se abordar o SENDO QUE. Faz-se, depois disso, um breve apanhado sobre as conjunções e o seu estatuto no português e a justificativa pela qual essa categoria linguística está mais vulnerável a sofrer esse tipo de mudança.

Adiante, apresenta-se a etimologia e um breve percurso histórico do verbo ser e o conector *que* no português, atentando-se para seus empregos e funcionamento linguísticos. Depois, discorre-se sobre o gerúndio, expondo suas origens e seu comportamento linguístico no português, elucidando a passagem dessa forma linguística do latim ao idioma lusitano.

Após isso, são expostos alguns trabalhos (os de que se tem conhecimento) já feitos sobre o objeto de pesquisa aqui tratado, a conjunção SENDO QUE, e suas contribuições e conclusões sobre o assunto. Em seguida, desenrola-se uma discussão sobre o problema da normatização da língua e a questão da variação durante o processo de mudança linguística.

Seguem-se a metodologia e o córpus trabalhado aqui, bem como os objetivos e hipóteses sustentadas para a discussão do trabalho. Nos últimos capítulos, estão a análise, os resultados e a conclusão da pesquisa, asserções que são postas respaldadas na base teórica consultada.

Optou-se aqui, por representar os objetos de pesquisa, SENDO e SENDO QUE sempre com letras maiúsculas por questões de destaque, bem como para diferenciar de outros exemplos com “sendo”; acredita-se, com isso, não haver

maiores problemas no que concerne ao andamento e desenvolvimento do trabalho. Os recursos de itálico e negrito serão usados para outros fins.

2 A GRAMATICALIZAÇÃO

Começa-se aqui com uma abordagem histórica, sumarizada, do pensamento sobre o rearranjo e mudança linguística. Atentando para o fato da tendência de que algumas palavras têm de se tornarem mais "presas", gramaticais, na língua.

Os primeiros estudos linguísticos passíveis de serem identificados como de gramaticalização datam do século X na China, reaparecendo nos séculos XVII e XVIII na França, Alemanha e Estados Unidos; contudo, os estudos mais relevantes e que impulsionaram os estudos linguísticos no tratamento da mudança sob a perspectiva da gramaticalização surgem com Antoine Meillet em 1912, em evidência no seu trabalho *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. A esse autor é atribuído o título de cunhador do termo *gramaticalização*; o uso do termo foi aplicado, dentro de sua análise particular da língua, para se referir à *passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical* (GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 19). Givón (1971, 1979 *apud* HOPPER, 1991), por sua vez, chama o fenômeno de *sintaticização*, dando a justificativa de que dentro desse processo de mudança, há a fixação da ordem de palavras motivadas pragmaticamente em construções sintáticas e padrões de concordância; ele expande o conceito. Para Meillet, o enfoque se dava, sobretudo, mais sobre a morfologia; Givón, por outro lado, faz uma abordagem não só com vistas à parte morfológica das palavras em processo de mudança, mas no contexto sintagmático no qual se davam tais mudanças (p.18). O autor afirma que as estruturas gramaticais de qualquer língua são resultado de constantes mudanças que se dão por necessidades de natureza discursiva. Como Meillet, Givón sustenta que o processo de sintaticização está no plano diacrônico e clítico, mas acrescenta que o ponto de partida é sempre um elemento do discurso, passando pelo estágio da sintaticização. O autor estabelece a seguinte escala (*cline)*: **discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero**. "Nesses termos, a passagem de um elemento do modo pragmático para o sintático é o que Givón entende por sintaticização ou gramaticalização" (LONGHIN, 2013, p.14).

Antes de Meillet, alguns estudiosos humanistas se ocuparam em pensar sobre a origem da gramática, especulando sobre as possibilidades e as fontes da linguagem humana. Wilhelm von Humboldt (1767-1835 *apud* HOPPER e TRAUGHT, 1993, p.18) sugeriu que as estruturas gramaticais, isto é, a organização gramatical das línguas humanas, foram precedidas por um estágio em que só ideias concretas eram expressas, transparecendo o pensamento da não existência de palavras gramaticais, que surgiram com o tempo por necessidades comunicativas, a partir de estágios sucessíveis de colocações dessas ideias concretas. Acredita-se, por isso, terem existido estágios durante esse processo evolutivo. O primeiro teria sido o estágio que denotava as ideias concretas, os objetos explícitos no discurso (pragmático); depois, seria no estágio pragmático que começaria a distinção entre palavras expressando significados concretos e formais; num terceiro, as palavras funcionais teriam iniciado um processo de afixação, podendo-se se chamar de cliticização. Num quarto momento, teria a aglutinação desses pares - palavras lexicais, concretas e palavras relacionais - que cumpriam essa relação de afixação no sistema linguístico (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 18-20).

Precedendo Antoine Meillet, George von der Gabelentz pregava que gramaticalização (o conceito, não o termo em si) se resume em uma competição de tendências, uma em direção à articulação e outra à distinção. Assim como a pronúncia relaxada, distendida, pode provocar uma mudança de som (fonética), a distinção se torna obscura. Assim novas formas devem se aproximar da função de formas antigas. A título de exemplificação, Gabelentz cita a forma de futuro do latim, que, com o tempo passou de sintética *dabo* à analítica *videre habeo*, sendo mais tarde abordada novamente por Meillet, sob o conceito de *renouvellement* (renovação).

Meillet (*apud* HOPPER e TRAUGOTT 1993, p. 21), em *L'évolution des formes grammaticales,* chama a atenção para dois conceitos que acredita serem os fatores pelos quais emergem novas formas gramaticais. Um deles, segundo o escritor, é a analogia, pela qual novos paradigmas se fixam por meio de uma semelhança formal com os paradigmas já existentes. Meillet cita o exemplo do plural irregular inglês como *shoe* e a forma antiga *shoen*, em uma relação análoga às formas plurais existentes com *-s*, resultando em *shoes*. A outra forma que julga o autor ser o mecanismo do surgimento de novas formas é a gramaticalização, a definindo como "a passagem de uma palavra autônoma ao papel de um elemento

gramatical." (HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p. 21). Meillet era um linguista comparativista, para quem a *analogia* podia ser considerada como um fator que contribui para a renovação de formas da língua; ele acrescenta ainda que enquanto a analogia pode renovar formas em detalhe sem alterar o sistema, a gramaticalização de certas palavras cria novas formas e pode criar categorias que antes não tinham expressão linguística. O estudioso também acrescenta que a gramaticalização tende a ser um processo de substituição de categorias mais antigas por outras novas, tendo um significado aproximado. Nesse processo as novas formas não exercem o mesmo sentido propriamente dito, pois já está em processo de mudança, porém novas formas carregam, pelo menos em seus primeiros estágios, carga de seu significado primitivo.

Frisa-se ainda que nos estudos de gramaticalização há o evento da mudança categorial dos elementos da língua num percurso gradativo, em que se percebe uma variação, na qual um item linguístico passa a assumir outras funções na língua que não só aquela que cumpria originalmente. *Grosso modo*, um exemplo típico em português é o do verbo *ter*. Hoje, esse verbo está em uso na sua forma plena: *Maria tem três gatos* e também na sua forma auxiliar: *Eu tenho conhecido muitas pessoas ultimamente*. Ou ainda, o *ter* impessoal: *Tem um gato no telhado*. Isso indica que o verbo *ter* sofreu por um processo de gramaticalização, passando de item lexical para item gramatical (forma mais presa). Não se sabe, porém, se ele ainda está em processo de gramaticalização ou se já está totalmente gramaticalizado. Christian Lehmann (2008) faz um trabalho parecido, só que com o verbo *ficar*. Ele cita vários exemplos, como: "fica abaixo", "fica em casa", "fica escrevendo", entre outros. E defende que essas são indicações claras de que o verbo *ficar* sofreu processo de gramaticalização.

A gramaticalização é um fenômeno bastante recorrente nas línguas, fenômeno que justifica o surgimento de algumas palavras em novos paradigmas. A polivalência de algumas formas linguísticas em funções distintas pode ser explicada pelo fato dessas formas estarem ou já terem passado pelo processo de gramaticalização, como expõe Givón "o discurso, entendido como um modelo não planejado de comunicação informal, passa também a ser um favorecedor da emergência de novos modelos gramaticais" (1979 *apud* GONÇALVES *et al.*, 2007, p. 25). Segundo esse autor, uma das causas pelas quais as gramáticas se encontram em constante renovação está na produção do discurso. Ele trata a

mudança numa perspectiva mais cognitiva, pragmática, prestigiando o falante nos seus trâmites discursivos. A Givón são feitas várias referências, entre elas está a seguinte asserção: *a sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem*. Isto é, as gramáticas das línguas são negociadas na fala. Os discursos não monitorados e informais são fontes de onde procedem as formas que vão compor parte da estrutura das línguas futuramente (GONÇALVES *et al.*, 2007).

Já é sabido, e é consenso na literatura, que os estudos sobre gramaticalização normalmente se preocupam em verificar a passagem de um item lexical [+ concreto] para item gramatical [+ abstrato], conceito herdado de Meillet, ou de um item gramatical para outro mais gramatical ainda. É impreterível salientar, entretanto, que visto que a gramaticalização é firmada como uma teoria, e, tendo em vista que algumas teorias podem estar sujeitas a adequações, ela sofreu aprimoramentos, reformulações, na sua conceitualização. Hopper e Traugott (2003, p. 18) afirmam: "mudança pela qual itens lexicais e construções passam, em certos contextos linguísticos, a desempenhar funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver *novas funções* gramaticais" (grifos acrescentados). Isso quer dizer que certos conceitos passam por ajustamentos no decorrer do tempo.

Os usos que aqui se faz de *unidade lexical* e *unidade gramatical* servem simplesmente para diferenciar um conjunto de propriedades que divergem de uma categoria para outra. O predicado[4] *ser lexical* aponta para categorias cujas propriedades fazem referências a dados do universo, designando *entidades*, *ações*, *processos*, *estados*, *qualidades* etc. Por exemplo, os nomes: *pedra, gente*; verbos: *andar, correr*; essas são, portanto, palavras lexicais. Em contrapartida, o predicado *ser gramatical* indica categorias prototípicas cujas propriedades visam organizar, conectar partes do texto, elementos de conteúdo, marcando estratégias interativas na codificação de noções como *tempo, aspecto, modo, modalidade,* etc. Podem ser citadas as conjunções: *porém, entretanto*; preposições: *até, ante, de*; auxiliares e modais: *eu* ***tenho*** *amado uma mulher*, *eu* ***posso*** *fazer o serviço*, são exemplos; construções linguísticas que apontam operações de modalidade e aspecto, de caráter organizacional, mais periféricas, portanto, palavras gramaticais (GONÇAVES *et al.*, 2007).

---

[4] Usa-se aqui o vocábulo "predicado" no sentido de *atributo* (conforme GONÇALVES, 2007, p.17).

Meillet (1912)[5] salienta que a gramaticalização resulta em uma mudança de categoria que ocorre sempre na mesma direção, que é o princípio da unidirecionalidade, que será melhor discutido mais adiante (p. 40): uma categoria *primária* (nome, verbo) origina uma categoria *secundária* (auxiliares, preposições, conectivos). Essa mudança ocorre não só por conta do desgaste ocasionado pelo uso corrente, mas também quando ocorre reanálise de certas palavras e construções em contextos específicos, que pode levar à perda da expressividade e do significado concreto.

Meillet afirma também que a gramaticalização é um processo fundamentalmente diacrônico que apresenta gradualidade e mudança linguística, no qual palavras com o estatuto de plenas são pressionadas a funcionar como itens em algum sentido gramaticais. Ele argumenta que a mudança categorial de uma palavra principal para gramatical/acessória pode ser acompanhada de duas alterações básicas, a dizer, *supressão da forma fonética* e *enfraquecimento do conteúdo semântico original*. Por essas razões, é necessário entender que a gramaticalização é uma mudança intercomponencial global, no que se refere à abrangência de diversos componentes da língua, a fonologia, a semântica e a morfossintaxe.

2.1 A TEORIA DA GRAMATICALIZAÇÃO

Um tratamento bastante conhecido dado à gramaticalização é o encontrado em Hopper e Traugott (1993), obra onde se encontra uma considerável discussão abordando grande parte da teoria produzida até então sobre o tema; um trabalho que sintetiza, de certa forma, o conhecimento científico sobre esse tipo de estudo linguístico até aquele momento. Os autores apontam a gramaticalização como *um subconjunto da mudança linguística*, definindo-a também como o processo pelo qual itens lexicais e construções passam, em certos contextos linguísticos, a desempenhar funções gramaticais (TRAUGOTT e KÖNIG, 1991; BYBEE, 2010). Isto é, deixam paulatinamente de representar conceitos concretos, independentes, passando a ser mais "presos", elencados no paradigma das palavras gramaticais da língua, com função organizacional do sistema (no caso da gramaticalização de

---

[5] O texto citado de Meillet foi conseguido em: <www.academia.edu>, porém no *site*, não se faz referência à publicação, como local, editora e ano; apresenta apenas uma nota onde se lê: *Scentia (Rivista di scienzia*, vol. XII (1912), n° XXVI, 6.

conjunções), e, uma vez gramaticalizados, podem continuar a desenvolver novas funções gramaticais. Assim, nomes e verbos podem mudar através do tempo para elementos gramaticais tais como marcadores de caso, conectivos e auxiliares. Considera-se, dentro da literatura linguística, a existência de certa gradação, um *continuum*, durante o processo e ocorrência do fenômeno, que se mostra válido em grande parte dos casos, que é a representação da seguinte gradação (*cline*):

item lexical > palavra gramatical > clítico > afixo
(HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p. 7).

Essa gradiência teria como objetivo explicar transformações bastante verificáveis nas línguas naturais, nas quais elementos relativamente independentes em termos sintáticos passam a assumir a forma (propriedades) de palavra gramatical, podendo também se tornar clíticos, e, em alguns casos, um afixo ou o chamado morfema zero (BYBEE, 2010, p.177). Segundo esse modelo, há também uma ação paralela contida no estatuto dos itens que se gramaticalizam: o de passarem de uma noção mais concreta para uma noção mais abstrata na língua (BYBEE, 2010, p. 165-193). O substantivo *mente*, por exemplo, sofreu desgaste semântico (*bleaching* ou reforço pragmático) e adquiriu nova função morfológica, passando de substantivo a morfema formador de advérbios, extremamente recorrentes. Esse percurso gradativo no encaminhar da mudança aponta que no processo de gramaticalização há uma tendência à unidirecionalidade dos itens em transformação, indo do ponto à esquerda em direção ao ponto mais à direita do *cline*. A unidirecionalidade será discutida mais adiante[6].

Apesar de esse *cline* ser bastante referenciado na literatura sobre gramaticalização e ter sua validade, e de ser bastante pertinente em certos casos de gramaticalização, ele já foi bastante questionado, alegando-se que não se deve fazer menção a ele como sendo o principal esquema, o principal mote condutor dos fenômenos de gramaticalização. Em contrapartida, alguns casos de mudança envolvendo pronomes pessoais seguem *pari passu* esse *cline*. Casos como a gramaticalização de *a gente* e de *você,* no português, são inteiramente viabilizados

---

[6] A unidirecionalidade é contestada. Heine e Kuteva (2002) afirmam que esse é o caminho mais comum que algumas formas em mudança tomam; porém há dados que provam o contrário, processo reverso que na literatura é chamado de *lexicalização*.

por esse modelo, apresentando os seguintes processos: *a gente* (locução nominal) > *a gente* (pronome indeterminado) > *a gente* (pronome de 1ª pessoa) > *te* (hipótese da existência de um possível clítico já presente em alguns dialetos do português [MENON, 1996]). E, sequencialmente, o caso de *você*, apresentando o seguinte percurso histórico de mudança: *Vossa Mercê* > *Vosmercê* > *vomcê* > *você* > *ocê* > *cê*[7] (cf. MENON, 2006), em que se discute também a *cliticização* dessa última forma, transcrita assim foneticamente: [se] (cf. VITRAL e RAMOS, 2006).

2.2 MOTIVAÇOES E MECANISMOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS NO PROCESSO DE CRIAÇÃO LINGUÍSTICA

É oportuno questionar quais as motivações que geram ou conduzem ao fenômeno da gramaticalização. Sendo a gramaticalização um processo de mudança, que fatores impulsionam essa mudança? Existe, porventura, alguma especificidade sistemática presente na língua *per si*, ou nos falantes (cognitiva/discursiva), pela qual se desencadearia o processo de gramaticalização? O que levaria o falante a fazer usos de formas linguísticas, já presentes no repertório da língua, com outra função? Ou que necessidade haveria, nas ações comunicativas, que contribuiriam para o surgimento de funções novas para formas linguísticas prontas? Antoine Meillet em *L'évolution des formes grammaticales* (1912) explica que a falta de expressividade dos itens linguísticos é o que levaria o usuário da língua a optar por novas palavras, buscando na própria língua formas inovadoras para fazê-lo, alcançando a mesma ideia, mas de forma mais clara e expressiva e/ou de forma inovadora. O autor acrescenta que com o tempo e por consequência do uso frequente, as palavras sofrem desgaste, tornando-se desprovidas de expressividade, levando o falante a se enveredar por esse caminho alternativo de comunicação. O falante, na busca de ser sempre expressivo e claro nos seus enunciados, lança mão de formas mais dotadas de força expressiva, que, de certa forma transmitem o conteúdo linguístico com mais efetividade (*apud* LONGHIN 2003, p. 10).

O trabalho de Sweetser (1990), que também traz grande contribuição para os estudos de mudança linguística, principalmente no tocante ao processo de

---

[7] A transcrição fonética correspondente dessas formas seria: [vɔsme'se] > [vɔm'se] > [võ'se] > [vo'se] (ou [vɔ'se]), conforme (MENON, 2006, p. 125).

mudança semântica, é fundamentado teoricamente numa semântica de orientação cognitiva. Uma das contribuições da autora ao entendimento da gramaticalização vem de sua tentativa de dar um tratamento unificado às mudanças semânticas.

Assim, Sweetser (1990, p. 1) afirma que "a linguagem está, indubitavelmente, alicerçada na cognição humana"; apesar de serem as mudanças de significado dos itens linguísticos seu enfoque principal, a autora suscita questionamentos sobre as constantes mudanças semânticas e funcionais das palavras no sistema da língua, e que papel teria a cognição nesse processo. O que também se nota em seus postulados é a preocupação com a ordenação dos acontecimentos, bem como a percepção de um permanente ganho de significados novos de certas palavras, resultando em novos usos por conta dos seus novos sentidos. "Existem regularidades a serem observadas a respeito da adição de novos sentidos às palavras, ou a perda de significados mais antigos?" (SWEETSER, 1990, p. 1). Ela busca esclarecer se as mudanças contínuas de significado envolvendo o meio físico e cognitivo humano seguem alguma regularidade, uma sincronia.

Em se tratando das múltiplas funções que uma forma linguística pode alcançar, a autora propõe a existência de regularidades, porém essas regularidades não devem ser entendidas apenas por meio de uma teoria semântica objetivista em que o significado seja concebido basicamente numa relação entre palavra e mundo. Ou melhor, o sentido não está apenas na relação entre forma linguística e a sua significação no mundo empírico, mas baseada e motivada por uma teoria cognitiva, que é gerada no entendimento e na percepção humana do mundo. O significado não estaria nas interpretações do "mundo real", mas na faculdade cognitiva do homem de entender o mundo, ou seja, a cognição como formatadora da estrutura perceptiva da linguagem.

Sweeter suscita também as possíveis razões e motivações, pelas quais surgiriam novos sentidos para formas já existentes. As relações entre sentido de um simples morfema ou palavra, bem como a relação entre os sentidos antigos e atuais de formas linguísticas levam a questionamentos de como essa reinterpretação e atribuição semântica se daria. Há, portanto, um razão para postular a estreita relação semântica e cognitiva entre dois significados, isto é, o significado histórico (diacrônico) assume o papel de fonte, de onde, por meio do trabalho cognitivo do falante, surgiria o novo significado.

A referida autora cita, como exemplo, a palavra *candidus* do latim, cuja correspondente existe também no inglês *candid*; essa palavra latina tinha os significados "branco" e "brilhoso", mas também, entre outros, tinha sentido de "honesto", ou ainda "inocente, ingênuo", características que se encontram no vocábulo inglês. Com isso, a autora explica que provavelmente não exista nenhuma correlação objetiva no mundo real entre coisas brancas e coisas honestas. O "mundo real", se se entende por esse mundo aquele que está fora da organização cognitiva humana, não é construído de modo a agrupar o "branco" e o "honesto", mas essa é a estruturação cognitiva feita pelo homem. Portanto, se a linguagem usa uma palavra para a construção de uma categoria cognitiva, ela não deve ser descrita apenas como um "encaixe" entre palavra e mundo, só se por esse mundo se queira significar "uma figura experimental do mundo"[8].

Sweetser concorda com Saussure quando diz que há um componente arbitrário essencial na associação de palavras com seus significados. Por exemplo, o verbo inglês *to see* (ver, enxergar) denota uma ação física do indivíduo no mundo; se refere à visão; porém, dada a arbitrariedade do signo, não significa, de forma alguma, dizer que seja arbitrário também o uso desse mesmo verbo com sentido de compreensão, como os verbos: *to know* ou *to understand* (entender, compreender). É perfeitamente possível usá-lo no sentido de compreensão*: I see, we see* (entendo, compreendemos). A linguista aponta que o sentido histórico de uma sequência fonética ou de uma palavra é fruto da arbitrariedade, mas seus usos e sentidos que lhe são atribuídos posteriormente, nas práticas comunicativas efetivas, não o são, e sim resultado de uma relação conceitual. O que levaria então o uso de verbos sensoriais a serem usados como verbos denotam *entendimento*, *conhecimento*, e *compreensão*? Ela sustenta que não é casual que o uso de *to see* seja estendido para significar a ideia de conhecimento, pois a dedução relaciona-o com outros elementos linguísticos. Por esse e outros motivos, assegura a autora, é que se devem tratar as mudanças semânticas com uma teoria de organização conceitual.

---

[8] É de se pensar que o que é exposto pela autora aqui seja algo de procedência cultural. É bastante provável que sua não identificação de coisas brancas tendo relação abstrata com "honestidade" seja pelo fato da não presença desse conhecimento cultural no seu país ou na sua formação cultural. Em nossa cultura (ou em parte da cultura ocidental) é perfeitamente relacionável a ideia de coisas brancas com coisas puras, honestas, imaculadas etc. (é uma construto cultural) como o vestido de noiva, por exemplo, sendo de preferência branco, uma vez que se lhe atribui a ideia de pureza, castidade. Fato este que não invalida o argumento de Sweetser.

Ainda sobre verbos que expressão ou sustentam uma relação entre *mundo físico* e *cognição*, pode-se fazer menção ao trabalho de Menon (2013) que discorre alguns parágrafos sobre o assunto no português. Fazendo uma análise sobre os usos de **ver** e **olhar** em textos de períodos mais antigos do português e também do processo de gramaticalização desses verbos no português atual (lançando mão de dados do banco VARSUL[9]), a linguista explica com exemplos os contextos linguísticos em que verbos sensoriais são usados com sentido de *compreensão*, dando ênfase a esses dois verbos citados acima:

> Estamos face à tradicional diferença entre *olhar* e *ver*, *ouvir* e *escutar*: o primeiro verbo das duplas diz respeito à simples percepção/reconhecimento da coisa pelos *órgãos do sentido*; o segundo deles se refere à percepção pelo *entendimento*, pois se pode *olhar* uma coisa sem *ver* ou identificar o que há nela (grifos do autor) (MENON, 2013, p.109[10])

Pelo que aponta a autora, esses usos são bastante recorrentes na história da língua, listando vários exemplos de textos antigos do português. A título de exemplificação, seguem algumas ocorrências: "Quando se **olha** *para o Brasil*, se **vê** *a sua admirável grandeza*..." (LEITE, 1940, *apud* MENON, 2013, p. 109); o *vê* no exemplo indica claramente a ideia de percepção. Outro exemplo é retirado de um texto do século XV:

(2) Senhor, Deus vos fez tam sesudo que esto entendes melhor que nós. E nós nom somos tam sandeus que nom conhoçamos que nosso conselho para vós he escusado, enpero ho amor vençe todo, per qual nos atrevemos a que todo **veedes** per experiência. Bõo Senhor, **veedes bem** o ponto em que jazees. ElRey voso irmãao, pois era homem, avia de morer, de se finar em tenpo que vos tanto era mester, louvaae Deus, a que praz que tanto padeçaaes. E do sobeyo pesar se vos segue perda asinada. Seja vosa merçee que tenperees, ca em poder d homem he". (negritos do autor) (ÁLVARES, 1960, [c. 1451-1460] *apud* MENON, 2013, p.111).

Com essa ocorrência e outras tantas, Menon (2013) demostra a antiguidade do uso/emprego dessa estratégia discursiva na língua. Não é necessário fazer muito esforço para perceber que esses verbos sensoriais podem assumir sentido de compreensão. Isso é exemplificado também pelos *marcadores discursivos*, resultado de processo de gramaticalização dos dois verbos, tão comuns na língua: **Veja só..., Olha só... Então veja... Olha que eu vou *ein*...** Entre outros. A referida autora ainda

---

[9] Variação linguística da região Sul.

[10] Esta paginação pode não conferir com a paginação final do livro. O texto lido e de onde foram retiradas as referências foi uma versão particular fornecida pela autora.

explica que: "Da percepção física pelos sentidos, decorre uma extensão de sentido para a da percepção mental, gerando certa gramaticalização do verbo, de uso muito antigo: *ver com os olhos da alma [...] aquele que tem a visão, o conhecimento das coisas.*" (MENON, 2013, p. 110).

Retomando Sweetser (1990), a linguista defende ainda que as mudanças semânticas são regulares, possuindo uma direção bem definida, e que esta regularidade tem motivação no interior de uma teoria que toma por base a percepção humana e o entendimento do mundo. A metáfora, assegura a autora, é a principal força de estruturação semântica. Os desenvolvimentos semânticos seguem uma trajetória unidirecional de crescente abstratização *(concreto > abstrato),* que pode ser justificada pela unidirecionalidade inerente às conexões metafóricas. A mudança de significado se dá pela transferência metafórica de significados, de um domínio mais concreto, lexical, para mais abstrato, gramatical. Acrescenta ainda que durante essa passagem, traços do significado do domínio fonte podem se perder enquanto outros se preservam, e a esses podem ser acrescentados/somados outros traços do domínio alvo. Para se entender o que é transferido e preservado nos processos de mudança linguística, ela define os significados dos itens lexical e gramatical: o significado gramatical é inerentemente uma estrutura topológica que denota unidades inferenciais altamente abstratas, enquanto o significado lexical não o é. Partindo dessa distinção, a autora define que a projeção metafórica nada mais é que a projeção metafórica do domínio fonte para o domínio alvo. Durante a mudança semântica, define Sweetser, deve haver necessariamente uma porção da forma fonte na forma alvo recém-surgida, os traços semânticos que agora vigoram foram obtidos metaforicamente nesse processo de abstratização.(SWEETSER 1988, p. 43-44).

Nesse sentido, os mecanismos que estariam subjacentes a esse processo de inovação e mudança seriam a metáfora e a metonímia. Observa-se na literatura linguística uma significativa quantidade de estudos que buscam explicar a influência desses fatores cognitivos na criação e mudança linguística, em especial, a mudança de significado, que implica em certos casos a mudança categorial, pela qual algumas formas linguísticas passam.

Sweetser (1988) concebe seus estudos com relação à mudança linguística embasada numa semântica de orientação cognitiva, dando um tratamento unificado à mudança. Segundo a autora, o processo de mudança semântica que se dá na

gramaticalização não é distinto dos outros processos de mudança de significado, e pode ser tratado pelo mesmo modelo teórico, (cf. HEINE; KUTEVA, 2002). Meillet (1912) já dizia que a mudança de significado se dá por um processo em que as formas da língua ficam "descoradas", "desbotadas" com o tempo, ideia que mais tarde ficou conhecida como *semantic bleaching*. Deduz-se que, nesse processo, as palavras passam por um processo de perda de significado(s) fonte, resultando em uma forma *empobrecida* semanticamente. Sweetser, em contrapartida, propõe um mecanismo geral de mudança, visto que o *bleaching* não dá conta de captar todo o processo envolvido na mudança. Esse mecanismo geral opera com projeções metafóricas entre diferentes domínios conceituais; os significados não são totalmente perdidos, mas fazem parte de um conjunto estendido, **desenvolvendo-se em polissemias** – daí surge a ideia de variação no contexto da gramaticalização, o que a autora deixa transparecer com a ideia de ambiguidade.

Sweetser afirma ainda em *Grammaticalization and Semantic Bleaching* (1988) que a mudança de significado se dá pela transferência metafórica de um domínio mais concreto, lexical para um domínio mais abstrato, gramatical. A autora acrescenta que há necessariamente uma porção da forma fonte que é mantida, preservada na forma alvo, permitindo uma relação entre essas duas formas. Meillet, no entanto, sustentava a ideia de que havia pouca relação de significado entre a forma fonte e a alvo. Isso é, em certa medida, atestado em alguns casos de gramaticalização, em que a forma gramaticalizada não estabelece nem resgata nenhuma relação semântica com sua forma primitiva. A esse respeito, Sweetser, por sua vez, acrescenta que nesses casos, a forma linguística em mudança já deve ter passado por alguma perda fonológica; fenômeno que é identificado, em alguns casos, em itens em processo de mudança semântica (e em vias de gramaticalização). No entanto, esse processo nem sempre é verificável, como na gramaticalização de conjunções com o *que*, em que os elementos linguísticos que compõem a conjunção podem ou não permanecer com seu mesmo material fônico-morfológico. Ainda sobre os conectores oracionais com *que*, não se pode falar em perda fonológica, mas sobre diferenças acentuais, como *já que, só que, sendo que*. Quando se trata, no entanto, das conjunções, por exemplo, *embora, porém* entre outras, percebem-se mudanças fonéticas, pois essas formas não revelam suas expressões originais.

Tal reflexão pode facilmente ser atribuída à mudança categorial do SENDO quando se tornou justaposto ao *que,* pela omissão de material intercalado. Os processos metafóricos parecem ser pertinentes ao avaliar sua nova função na língua. Um verbo que na sua forma gerúndio se adjungiu ao *que*, funcionando como um composto conjuncional. Uma mudança que se iniciou quando houve, em português, a confluência de traços semânticos dos dois verbos latinos: *esse* e *sedere* – que denotavam o primeiro, "existir" e o segundo "estar assentado" ou "ter a sede em", que resultaram em uma única forma verbal: *ser*. A descrição do comportamento semântico-sintático do verbo *ser* no português constitui uma questão linguística desafiadora. Tudo indica que com o tempo, e com os usos, esse verbo passou a fazer parte de diferentes estruturas na língua; passou a compor orações que figuram, por exemplo, sentido locativo: "Breve **serei** convosco"; estrutura modal: "**É** mal que você não se preocupe com seus amigos"; atributiva: "Esta gente **é** boa..."; equativa: "Meu primo **é** aquele rapaz ali" (CASTILHO, 2012, p. 400). Exemplos com os quais o referido autor elucida a mudança assumida pelo verbo, adquirindo valor/função de elemento gramatical.

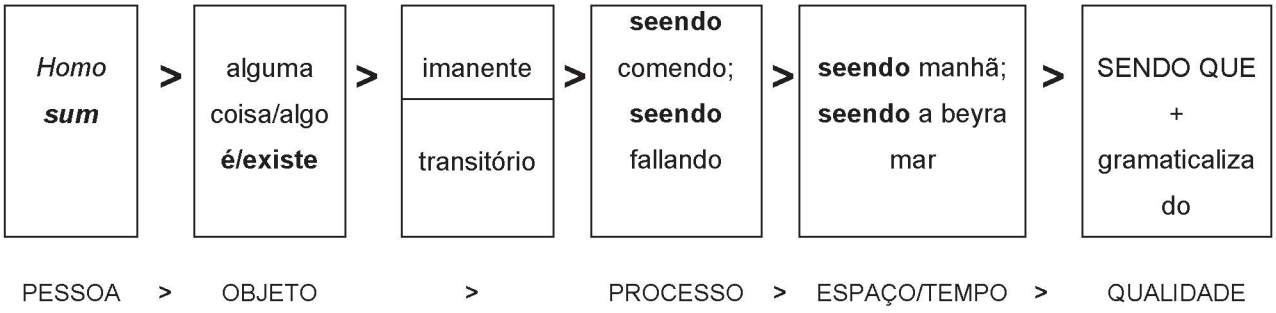
Entende-se o processo subjacente à gramaticalização como sendo metaforicamente estruturado, seguindo de uma noção mais concreta para mais abstrata. Um esquema (*cline)* que parece ser verificável ao se acompanhar a formação da conjunção SENDO QUE é o apresentado em Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991, p. 157). Propõe-se uma sequência de categorias que são vistas como a representação de um domínio de conceitualizações, baseadas na experiência humana. Eis a escala:

PERSON > OBJECT > PROCESS > SPACE > TIME > QUALITY

(pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade)

A relação entre esses conceitos é metafórica, acreditando-se que cada conceito pode remeter a outro conceito à direita pela relação metafórica que sustentam. Parte-se da categoria humana, pois se acredita que é o primeiro "campo", "objeto" ou meio, pelo qual o homem tem sua experiência no mundo, passando a outras experiências a partir de um conceito anterior.

Assim, defende-se que essa ação metafórica tenha também incidido, de certa maneira, sobre o verbo *ser*. Sabe-se que essa progressão metafórica não ocorre de maneira simples, ou seja, ela não é uma sequência linear rígida; a mudança pode seguir essa cadeia ou não; ela pode pular etapas, assumindo outras mais à frente e assim por diante. Tomando-se como objeto de análise o *ser*, observa-se a primeira acepção, a existencial: *homo sum* ("sou/existo na condição de homem", por exemplo); depois, segundo a sequência metafórica, a noção existencial passou a objeto, coisas inanimadas (= algo/alguma coisa **é,** isto é**, existe**); depois, observa-se o emprego desse verbo em textos antigos da língua portuguesa, como tendo duas diferentes acepções: o *imanente* e o *transitório*. Depois, passa a formar perífrases verbais, denotando *processo*, como nas perífrases de gerúndio (cf. p. 53); também parece adquirir noção de *tempo* e *espaço*, como nas orações de gerúndio, ligando orações, chegando à ideia de *qualidade*. Segue um esquema hipotético dessa evolução:



A evolução do verbo *ser* é bastante complexa e parece apresentar, ainda que adaptada, alguns problemas quando se tenta colocá-la numa cadeia linear de mudança como a proposta por Heine *et al.* (1991); os usos e o processo de mudança pelo qual passou o *ser* não foram tão simplistas, e supõe-se que em alguns períodos da língua esse verbo tenha abarcado mais de uma acepção das apontadas no *cline*. O que indica ser o maior problema é a ambiguidade que esse verbo apresentou na história da língua, como as ideias de *imanência* e *transitoriedade*. A noção de cadeia de mudança, bastante empregada nos estudos de gramaticalização, não é tão simples como se pode pensar; parece não ser efetivamente aplicável a todo processo de mudança. Em construções como "sendo rey" (bastante comuns em textos portugueses anteriores ao século XVII), por

exemplo, aparenta ter mais de uma concepção. Parece figurar ideia de *processo*, *espaço* e *tempo:*

(3) [...] foy tam cõforme:que em satisfação da pompa/com que nacera polla grãdeza de seu estado/& dos paços em que se criara menino/e em que viuera antes senhor & depoys Rey? ordenou que em quãto o não trasladauão o ^ enterrassem na ygreja de Bethleem/que estaua nos alpëdres: que em fim era intima saudade de conformar o cabo de sua vida? com a entrada de Deos nella: e fosse isto tam conforme que nacesse Emanuel Deos & homë no al pendere? de Bethleem & no al pendere? de outro Bethleë estiuesse sepultado trinta annos el Rey dom Manuel:pera se ver que **sendo rey** se reconhecia por homem caduco & miserauel?: moueo tambem a grãde cõfiança no glorioso sam Hieronymo protector seu & padroeiro a ordë do qual apropiou esta casa polla particular deuação que sempre teue aos religiosos della. Delles confiou o tratamëto dos seus ossos? a elles entregou seu corpo/a elles encomëdou os suffragios por sua alma:obrigou os com esmollas ennobreceolhes a ordem d'antre elles esperou de resurgir/com elles ouue por bem dar respõso a seu corpo/a elles tomou por intercessores por sua alma/em isto acabou de segurar a gloria pera ella. (séc. **XVI**, Antonio Pinheio, Summario da Pregaçam Funebre – www.corpusdoportugues.com.br)

No plano dessa progressão metafórica, o *ser* parece contemplar esses três conceitos: o processo de *ser* ou *estar* como rei naquela época e a ideia de espaço e tempo que são demandadas durante o período em que o rei tem sua governança, isto é, *ser rei* é um processo e também implica tempo e espaço. De construções como "*sendo rey*", depreende-se também algumas implicações semânticas históricas, uma vez que se pode parafraseá-las, acertadamente, como: "porque era rey", ou "quando era rey", ou ainda "na condição de rey". A concomitância desses conceitos é o que pode se tornar um complicador quando se tenta colocar o verbo *ser* nos moldes de um *cline* (escala), como o exemplificado. Em vista disso, percebe-se que o processo de gramaticalização, nem sempre, se desenvolve nessa linearidade. A noção de "mais concreto para mais abstrato" é uma ideia bastante difundida, porém parece estar em questão também as especificidades de certas palavras.

2.3 A MUDANÇA SEMÂNTICA NA GRAMATIC/ALIZAÇÃO

Hopper e Traugott (1993) apontam que a mudança segue trilhas muito complexas e que é extremamente difícil prever os caminhos que vão tomar certas formas em variação ou em mudança, ou justificar o porquê que certas ocorrências se enveredam por um percurso e não por outro. Um dos principais pontos de interesse para os trabalhos de gramaticalização, segundo os autores, tem estado no

papel que falantes e ouvintes têm na negociação do significado em situações comunicativas. Muitos linguistas dão atenção aos diferentes aspectos do papel falante-ouvinte, e têm sustentado diferentes visões dessa relação com respeito à gramática da língua. Dessa forma, coloca-se em pauta a visão de que haja um número de motivações em competição que pode, em algum sentido, ser considerado como exemplo de maximização de economia ou "simplicidade": basicamente elas podem ser resumidas como maximização de eficiência via diferenciação mínima de um lado, e a maximização da informação de outro. Considerando essa visão, alguns linguistas relatam que os interlocutores têm um papel muito importante na mudança, porque eles processam o *input*, a produção linguística, de forma que podem não consentir com as intenções de quem emite a mensagem, o falante. De igual forma, o falante também cumpre um papel importantíssimo, permitindo a mudança, pois na produção de seus enunciados, ele tem a comunicação como seu objetivo e por isso está em constante procura em guiar os interlocutores para sua interpretação particular. De qualquer forma, é possível pensar nos ouvintes como os alvos do *output* dos falantes. Nessa perspectiva, os ouvintes/interlocutores motivam os falantes a serem informativos e claros em suas declarações.

Não obstante, é bastante obscuro se discutir sobre simplicidade a partir do ponto de vista linguístico. Há grande dificuldade em definir economia em termos linguísticos rigorosamente definidos. Apesar da grande tentativa, sabe-se muito pouco a respeito do que se leva em conta ou não em esforço para se produzir ou interpretar enunciados, e muito menos o que seria economia de esforço mental por parte do falante ou do ouvinte. No entanto, parece ser coerente pensar que noções intuitivas estão envolvidas. A questão da expressividade é também bastante pertinente. A idiomatização de expressões, acrescentam os linguistas, tende a reduzir a expressividade do "sinal"; assim, a tendência em suprimir as fronteiras e a redução de redundância são consideradas reações normais em situação de língua, havendo, por isso, a introdução de formas linguísticas inovadoras para se dizer aproximadamente a mesma coisa. Essas inovações são trazidas pelos falantes com o propósito de reforçar a expressividade. Isto é feito, asseguram os autores, pela desrotinização de construções, ou seja, descobrindo novas formas de dizer coisas antigas. Expressividade desempenha, nessa perspectiva, duas funções: a de melhorar, promover, a informatividade ao ouvinte, ao mesmo tempo em que permite

ao falante transmitir atitudes na situação de fala (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 65).

Hopper e Traugott (1993) afirmam que a gramaticalização é motivada pelas estratégias comunicativas e interacionais falante-ouvinte e que isso é uma mudança dirigida por metas, pelos propósitos principais, finais, que estão na pauta da teoria teleológica (por conta da complexidade desta teoria, que permeia outras áreas do conhecimento humano, optou-se apenas por citá-la para fazer referência à posição de alguns autores quando buscam justificar as causas da mudança), que busca justificar a finalidade das ações, deixando transparecer que a língua funciona como ferramenta à disposição das necessidades dos falantes. Isso conduz à discussão sobre as possíveis motivações envolvidas na gramaticalização. Bybee (1985), citada por Hopper e Traugott (1993, p. 66-67), se posiciona contra a ideia de que a necessidade comunicativa seja um fator motivador que desencadeia o processo de gramaticalização, visto que nem todas as línguas expressão as mesmas funções gramaticais, menos ainda expressam as funções gramaticais do mesmo modo. Para Bybee, é mais uma questão cognitiva do que comunicativa. No entanto, asseguram Hopper e Traugott (1993), quando um sistema linguístico mais antigo se torna "desbotado", "desgastado", ele pode cessar de funcionar em um nível adequado de comunicação coerente e, portanto, deve ser "revitalizado". Em se tratando das estratégias comunicativas no curso da interação falante-ouvinte, os autores não se referem ao preenchimento simplesmente de lacunas ou brechas, mas às estratégias usadas pelos locutores e interlocutores na produção e compreensão do fluxo de fala assim que elas são criadas; segundo os autores essas estratégias se baseiam em processos cognitivos gerais, assim como defendido por Bybee (HOPPER e TRAUGOTT, 1993, p. 67).

A *inferência* no âmbito da mudança semântica implica pensar quais os fatores que de fato incidem no material linguístico, transformando-o. A inferência coloca em pauta os limites entre semântica e pragmática no desenvolvimento da mudança. As estratégias cognitivas que incidem na mudança de significado se mostram centrais nos primeiros estágios da gramaticalização e extremamente ligadas à expressividade. Assim, Hopper e Traugott asseguram que as mudanças de significado são inicialmente pragmáticas e associativas, surgidas no contexto de fluxo de fala. Nos últimos estágios, visto que a gramaticalização continua (está em um *continuum*), as formas se rotinizam, podendo sofrer o *bleaching*, porém, mesmo

nessas condições, pode ainda persistir o contraste entre os significados antigos com os emergentes. (p. 68). A semântica e a pragmática apresentam fronteiras muito imprecisas. Há, inclusive, posicionamentos na literatura que defendem a não existência dessas fronteiras. Se se toma o estudo do significado como um fenômeno contínuo no qual se estuda o significado num sentido global, depreende-se então que as propriedades de análise que concernem ao léxico, ao sintagma e ao significado da sentença, diz-se tratarem da semântica, ao passo que as inferências, que concernem ao significado linguístico com base nas suposições de cooperação dos participantes em fala, tratam da pragmática.

Os autores reiteram o papel inferencial no desencadeamento da gramaticalização; defendem que os primeiros estágios da gramaticalização são precedidos pela semanticização de implicaturas conversacionais, resultando em polissemia de uma forma linguística. Dahl[11] (1995, citado por Hopper e Traugott 1993) defende que se uma condição vier a ser cumprida/preenchida com certa frequência quando certa categoria é usada, uma associação mais incisiva/marcante pode se desenvolver entre a condição e a categoria de modo que a condição venha a ser entendida como parte integral do significado da categoria. Assumem também que existam inferências-padrão que podem desempenhar, com plausibilidade, tamanho impacto nas estruturas linguísticas que possam ser atestadas entre as línguas. Dentre as inferências estereotípicas está a inferência de temporalidade à causalidade, evidenciada ao se discutir os conectores; o que os autores exemplificam com a forma inglesa *since* (p. 75-76).

Os processos metafóricos são amplamente aceitos no que concerne à mudança semântica. As concepções de metáfora variam, mas não tão longe de se assumir e entender um tipo de coisa ou algo em termos de outro, uma transferência de um significado básico, concreto, para um mais abstrato (SARDINHA, 2007). Pode-se dizer que os processos metafóricos são processos que perpassam as fronteiras conceituais das palavras, de forma associativa de um domínio a outro. Isso é feito, asseguram Hopper e Traugott, por analogia e por relações de iconicidade (p. 77). Quanto ao papel da metáfora:

---

[11] Dahl, Ö. **Tense and Aspect**. Oxford: Blackwell, 1985

> Ao invés de aderir à ideia de que a evolução gramatical é conduzida pela necessidade comunicativa, sugerimos que os usuários da língua humana têm uma propensão natural para fazer extensões metafóricas que conduzem ao aumento de uso de certas formas linguísticas (BYBEE; PAGLIUCA, 1985, p. 75).

Um dos exemplos prototípicos de relações metafóricas é o desenvolvimento dos conceitos espaço-tempo, atestados em gramaticalização. Heine, Claudi e Hünnemeyer (1991) discutem essa relação, incluindo, além disso, o desenvolvimento de termos de partes do corpo em locativos; de conceitos espaciais em temporais (a expressão *be going to* do inglês e o verbo *ir,* que sofreu gramaticalização e é usado também como verbo auxiliar de futuro, ou forma de futuro, em português, como em outras línguas românicas, ex. "*vou* estudar"), conceitos que são transferidos metaforicamente de uma acepção concreta para mais abstrata. "*Espaço é objeto, tempo é espaço*" asseguram os autores.

Os processos metonímicos na gramaticalização incidem majoritariamente, segundo a literatura, na estrutura, no nível morfossintático, pois são verificados pela reanálise; não estando, portanto, só a metáfora presente nesse processo, que é dada ou conduzida pela analogia. No tratamento da mudança semântica, afirmam alguns autores que a metáfora dá um "maior salto associativo" do que a metonímia, sendo essa um "processo menor"; outros resumem que a metáfora atua no eixo paradigmático enquanto a metonímia atua no sintagmático. Outros, segundo Hopper e Traugott, sustentam outra posição, como os que asseguram que metáfora e metonímia devem ser tratadas em uma perspectiva analógica e icônica (a primeira) e indexical e de contiguidade (a segunda). Cita-se, como exemplo, a gramaticalização de *be going to*, em que a mudança não incide somente sobre *go*, mas sobre o *to* intencional, resultado de uma inferência dupla (HOPPER; TRAUGOTT 1993, p. 82).

Nota-se, de acordo com o que foi posto acima, que a reanálise é ligada ao processo cognitivo da metonímia, ao passo que e a analogia é atribuída ao processo cognitivo da metáfora. Por ser um processo desenvolvido amplamente, a analogia metafórica entre diferentes domínios conceituais é um dos contextos no qual o processo de gramaticalização se desencadeia. A metonímia aponta ser predominante nos primeiros estágios atingindo o processo de mudança estrutural, local (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 87). As formas gramaticalizadas tendem a se tornar mais sintéticas e morfologizadas, adquirindo traços semânticos e pragmáticos mais fixos. Frisa-se que quando uma forma passa por gramaticalização, traços do

seu significado lexical inicial tendem a persistir (o conceito de persistência será exposto mais adiante), e detalhes da sua história lexical podem restringir, de certa forma, sua aplicabilidade e distribuição gramatical.

Bybee (2010), tratando do significado das formas gramaticais, registra que o tratamento do significado nas línguas deve ser conduzido no contexto de uma teoria baseada no uso, porque se sabe que a forma morfossintática é frequentemente influenciada pelo significado. A linguista propõe uma análise do significado das formas gramaticais sob a perspectiva de representações baseada na experiência e no conceito de "memória rica":

> Eu defendo que as categorias semânticas para construções gramaticais e morfemas não são definidas por condições suficientes e necessárias, mas que têm as propriedades que têm sido descobertas para outras categorias da gramática. Por causa da sua rica estrutura de categorias e eventos de alta frequência de uso, é natural que categorias semânticas gramaticais (tanto quanto lexicais) possam dividir-se em duas ou mais categorias, criando polissemia nas formas gramaticais (BYBEE, 2010, p. 165)[12].

A autora propõe uma *categorização exemplar*, que segundo ela, pode prever e modelar as mudanças. Representações de "memória rica" também levam em consideração os elementos e a inferência do contexto, que estariam incluídos nas representações exemplares. Isto significaria que inferências convencionalizadas e repetidas não necessitam ser calculadas a todo tempo, mas deveriam se tornar parte de uma representação (p. 165). Segundo essa representação, os mecanismos que são lançados à categorização das formas gramaticais são encontrados em outros domínios cognitivos aplicados a outras categorias da gramática.

No âmbito da mudança semântica na gramaticalização, Bybee discute que a questão do significado gramatical é derivada do significado lexical, apontando para a generalização do significado, fortalecimento pragmático, retenção de significado lexical e absorção do significado do contexto; sendo esse último uns dos mecanismos que operam no desenvolvimento do morfema zero (p. 166). Segundo a linguista, as ideias propostas por ela não são baseadas numa *teoria de exemplares* (modelo), mas em exames, verificações empíricas do modo como surgem os

---

[12] Tradução nossa: "I will argue that the semantic categories for grammatical structure and morphemes are not defined by necessary and sufficient conditions, but rather have the properties that have bee discovered for other categories of grammar. Because of its their rich category structure and pockets of high frequency use, it is only natural that grammatical semantic categories (just as lexical ones) could split into two or more categories, creating polysemy in grammatical items."

significados gramaticais e as mudanças ao longo do tempo. A dimensão diacrônica é importante, não porque os falantes conhecem a fonte e história das formas de sua língua, mas porque a diacronia determina uma boa quantia das distribuições sincrônicas dos significados das formas linguísticas (BYBEE, 2010, p. 166).

Estudos de gramaticalização reiteram que o significado gramatical surge a partir do significado lexical em praticamente todos os casos. Isso significa que a substância semântica primária pode ser mantida, com o tempo, nas formas gramaticalizadas. Podem também resultar em morfemas gramaticais ou morfemas lexicais. A substância semântica é discernível e adquirível através dos contextos de uso de morfemas gramaticais dentro de construções. Bybee indica ainda que no plano da mudança de significado de lexical para gramatical, distinguem-se três mecanismos de mudança semântica no processo de gramaticalização: *(i) bleaching* ou generalização do significado; *(ii)* fortalecimento pragmático através da inferência e *(iii)* absorção do significado do contexto linguístico e extralinguístico. O *bleaching* (desbotamento) ou *generalização do significado* ocorre quando uma construção expande gradualmente sua distribuição; este, acrescenta a linguista, é um mecanismo que faz parte do dia a dia das pessoas; os falantes precisam ser capazes de alargar construções para novos usos, para expressar novas ideias. Generalização de significado implica expansão do significado anterior, primário, dando, a título de exemplo, o modal inglês *can*, que se originou de um verbo pleno, *cunnan*, cujo significado era "saber, conhecer". Com o tempo, passou a significar "saber como", e gramaticalizou-se em modal, e no inglês atual significa: "ter capacidade de", podendo preceder verbos que designam tanto habilidades físicas quanto cognitivas, bem como o sentido de permissão. Além do mais, é importante notar que apesar da generalização do significado em alguns contextos, significados antigos mais específicos podem ainda aparecer em contextos particulares (cf. BYBEE, 2010, p. 167, 168)

Fortalecimento pragmático, o segundo mecanismo apontado pela linguista, é também defendido como um tipo de mudança semântica na gramaticalização por outros autores. Segue afirmando:

> Este importante mecanismo de mudança permite que as inferências e os significados promovidos pelo contexto se tornem parte do significado do morfema gramatical ou da construção. Em contraste com a generalização, a inferência pragmática permite que o novo significado se torne associado com a construção. Esses novos significados derivam do contexto e não formam

> uma linha direta do significado lexical ao gramatical. De qualquer forma, é interessante que as mudanças inferenciais sejam translinguisticamente bastante similares como previstas pelo princípio da unidirecionalidade[13] (BYBEE, 2010, p. 171).

Depreende-se, assim, que os mecanismos que conduzem ao fortalecimento pragmático no processo de gramaticalização não emanam, a princípio, da esfera semântica do item lexical, mas são constituídas no contexto de uso em que são empregadas as construções linguísticas.

O *raciocínio inferencial* é um hábito bastante frequente e uma parte importante da comunicação. Como seria demasiadamente pesado e incomodo expressar de forma evidente tudo que precisamos transmitir com a língua, muito é deixado para o conhecimento do contexto do ouvinte e para o poder de inferência. Portanto, as interpretações que eventualmente conduzem ao que se concebe como mudança de significado são estabelecidas todas as vezes no uso diário e corriqueiro da língua (p. 171). Mudança por inferência (ou convencionalização de implicatura[14]) não produz a gradiência semântica suave como a generalização o faz. Inferências comuns imputam noções de intenção e causa, por exemplo, onde nenhuma era expressa originalmente, assim o significado básico, primário e o significado inferido podem conduzir à ambiguidade. Em síntese, visto que ambos, o falante e o ouvinte, estão interessados na intenção do outro durante no evento da comunicação, a inferência particular pode se tornar parte do significado da construção. A exemplo da generalização de significado, a mudança por inferência pragmática produz um significado mais abstrato.

Com relação à retenção de significado lexical, Bybee (2010) assegura que há muitos exemplos de significados mais específicos de formas linguísticas que são retidos quando essas passam por gramaticalização. A autora exemplifica com o marcador de futuro do inglês *will*, argumentando que apesar de ter se gramaticalizado da forma verbal *wille* "querer" para partícula que marca futuridade

---

[13] Tradução nossa: This very importante mechanism of change allows inferences and meanings supplied by the context to become part of the meaning of a grammatical morpheme or construction. In constrast with generalization, pragmatic inferences allows new meaning to become associated with construction. Such new meaning derive from the context and do not form a direct line from the lexical meaning to the grammatical. However, it is interesting that inferencial changes are cross-linguistically quite similar as predicted by the unidirectionality principle.

[14] A respeito das implicaturas conversacionais, Grice (1975, 1978 *apud* CANÇADO, 2008) afirma que podem ser previstas por um princípio de cooperação entre os falantes. Esse princípio tem regras que explicita o acordo mútuo existente entre os participantes de uma conversação.

no inglês hodiendo, é possível ainda se fazer, em alguns contextos, uma leitura com a acepção de volição: *This hacker is offering me $1,000 if I* ***will*** *give him a declined credit card that has a mother's maiden name* (p.175). (Este *hacker* está me oferecendo $1,000 se **lhe conseguir/arranjar** um cartão extraviado com o nome de uma mulher solteira), em que *will* apresenta ainda interpretação de *querer*, *vontade*, porém modalizada.

Com relação à *absorção do significado do contexto linguístico e extralinguístico,* terceiro mecanismo de mudança semântica, Bybee reconhece que morfemas gramaticais são sempre parte de uma construção e só adquirem significado em determinado contexto e em alguns casos só são interpretadas satisfatoriamente se concebidas dentro desses contextos. Quanto a isso, a autora afirma:

> O que pode parecer como um simples/único morfema gramatical poderia perfeitamente participar de uma variedade de construções, cada qual tendo um diferente significado do morfema gramatical para a construção pode diferir de acordo com os estágios de gramaticalização. Nos primeiros estágios, o morfema gramatical adquire significado por si mesmo e supre parte do significado da construção; mais tarde, no entanto, quando o morfema gramatical se torna mais e mais desbotado de significado, ele pode ser convencionalizado somente como uma parte da construção e de fato pode derivar seu significado de toda construção ao invés de fazer por si próprio. (BYBEE, 2010, p. 176).[15]

A título de exemplificação, a linguista oferece um exemplo do francês: a negação *pas*. Tomando-se a construção *ne ... pas*, a primeira parte da frase é o negativo herdado do latim, que ocorre antes dos verbos, e a segunda parte da frase é um nome, *pas*, que significa "passo"; a segunda parte, defende a autora, pode ter sido posta com função enfática na frase, como tendo o significado: "VERBO nem um passo". Por mais que se afirme que tenha vindo da expressão "(nem um) passo", *pas* não possuía originalmente conteúdo ou significado negativo, a não ser que fosse usado com verbos de movimento: "Eu não vou nem um passo; Não ando nem um passo", o que indica que o sentido negativo parece ter sido absorvido do

---

[15] What might seem like a single grammatical morpheme could very well participate in a variety of constructions, each of which has a different meaning. The contribution of the grammatical morpheme to the construction can differ according to the stages of grammaticalization. In early stages the grammatical morpheme is meaningful in itself and supplies part of the meaning of the construction; later, however, as the grammatical morpheme becomes more and more bleached os its meaning, it may derive its meaning from the overall construction rather than making a contribution itself.

contexto. Assim, essa palavra assumiu essa significação independentemente da própria negação *ne*, sendo usado com outros verbos e, inclusive, na expressão *pas beaucoup* (não muito), arremata a autora (p. 176).

Em suma, como se percebe, o significado gramatical é decorrente do processo de gramaticalização. Contudo, como não se pode determinar quais os caminhos que algumas formas linguísticas tomarão; durante o percurso da gramaticalização alguns significados são retidos ao longo do tempo, isto é, seguem a distribuição dos usos, dos contextos particulares nos quais são empregados. É o uso excessivo de significados mais específicos que contribuem para o seu desbotamento, e não a meta/objetivo de ter significados gerais; é mais útil no sentido de ser melhor para expressar aquela situação dinâmica que está acontecendo ou em curso durante a comunicação (BYBEE, 2010, p.190).

2.4 A UNIDIRECIONALIDADE DA MUDANÇA

Existe na literatura a ideia básica de que haja, do ponto de vista da gramaticalização, uma relação entre dois estágios A e B, em que A ocorre antes de B e não o contrário (HOPPER e TRAUGOTT 1993, p. 95). Apesar de essa premissa ser refutada, contestada, em algumas instâncias, devido à descoberta de alguns contraexemplos (cf. HEINE; KUTEVA, 2002), a *unidirecionalidade* indica que haja um percurso contínuo durante o processo de mudança que pode ser ou não totalmente verificado nos itens linguísticos que passam por gramaticalização. Embora haja alguns casos contrários a essa hipótese, eles são ainda pouco numerosos se comparados a todos os outros casos (de que se tem conhecimento) de mudança, em que essa transferência unidirecional é constatada, isto é, o elemento em gramaticalização sofre a mudança de item lexical a item gramatical. Não há nada pré-determinado em gramaticalização, na mudança em geral; ela segue caminhos imprevistos, permitindo apenas se levantar hipóteses sobre um tipo de mudança poder se encaminhar por certas vias e não por outras (isso, em parte, por analogia a outros casos de gramaticalização já concretizados). A direção única proposta diz respeito ao movimento **item lexical** > **item gramatical**, mas também do **gramatical** a **mais gramatical**, ou, ainda, a *novas funções gramaticais* (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 15). A *generalização*, também apontada como parte da mudança, diz respeito ao grau de polissemia que a forma linguística pode carregar

nos primeiros estágios. Assim, tal forma passa a servir a um grande número de propósitos linguísticos. A ideia de *descategorização* está pressuposta, de igual forma, na unidirecionalidade, em que, o caminho unidirecional pode ser marcado pela unidade morfologicamente mais "pesada" em direção a uma mais "leve" (erosão fonética), isto é, a propensão que a forma pode ter em ser reduzida, passando de um elemento mais longo e distinto a um menos distinto e mais curto. Para tal mecanismo, Heine e Kuteva (2002) declaram:

> A dessemantização, então, resulta do uso de formas com significado concreto que são reinterpretadas, em contextos específicos, como mais abstratas, como significados gramaticais. Tendo adquirido significado gramatical, essas formas tendem a se tornar mais divergentes dos seus antigos usos: elas perdem propriedades categoriais características de seus usos antigos, *submetendo-se, por isso, à descategorização.* Elas tendem a ser usadas mais frequentemente, podendo perder substância fonética (grifos dos autores) (HEINE; KUTEVA, 2002, p. 3)[16].

Os autores acrescentam que no processo de descategorização, a tendência é que o elemento em vias de sofrer mudanças morfossintáticas seja oriundo de uma categoria contendo muitos membros e se dirija para uma com poucos. A dessemantização precede a descategorização; é um fenômeno bastante verificável, segundo os autores, em várias línguas. Muito embora haja também casos (excepcionais) em que a descategorização não tem sido observada apesar da dessemantização de alguns itens linguísticos, os autores defendem que apesar de alguns novos significados gramaticais surgirem, essas formas podem tomar certo tempo para apresentar alguma mudança morfológica, sintática ou fonética, ou seja, pode levar algum tempo até serem observadas e apresentarem essas transformações linguísticas.

É também desta perspectiva que se aborda a unidirecionalidade. Em relação a categorias gramaticais, as formas linguísticas são classificadas seguindo critérios que variam de língua para língua. Caso estejam presentes critérios morfológicos, eles exercerão papel importante na atribuição de categoria a certas formas, partindo da propriedade morfológica dessas palavras (HOPPER; TRAGOTT 1993, p. 103).

---

[16] Desemanticization thus results from the use of forms for concrete meaning are reinterpreted in specific contexts as more abstract, grammatical meanings. Having acquired grammatical meanings, these forms tend to become increasingly divergent from their old uses: they lose in categorial properties characteristic of their old uses, hence undergoing descategorialization, and they tend to be used frequently, to become more predictable in their occurrence, and, consequently, to lose in phonetic substance.

Heine e Kuteva (2002) questionam o princípio da unidirecionalidade. Os contraexemplos conduzem a uma análise alternativa dessa premissa da gramaticalização. Porém, a grande maioria dos casos de gramaticalização tende a seguir o caminho mais comum, do lexical ao gramatical. Heine e Kuteva citam Burridge (1995), o qual descreve um estudo averiguando a passagem de um modal a um verbo pleno: *wotte,* "desejar", do *alemão da Pensilvânia*. Os casos particulares que contrariam o princípio da unidirecionalidade, pelo que se sabe, são poucos e identificáveis. Embora haja essa divergência, exemplificado por alguns casos excepcionais, isso não inviabiliza a sustentação desse princípio como o mais recorrente no tratamento desse tipo de mudança, pois é demostrado na grande maioria dos fenômenos de gramaticalização (p. 3).

2.5 O *SENDO QUE* E OS PRINCÍPIOS DA GRAMATICALIZAÇÃO

Nesta parte, discutem-se alguns princípios da gramaticalização que são obedecidos/representados, de certa maneira na conjunção SENDO QUE.

Para Heine e Kuteva (2002) os princípios que regem a gramaticalização resumem-se em: *dessemantização* (ou *semantic bleaching* – desbotamento semântico), perda de significado de conteúdo; *extensão* (ou generalização de contexto) – uso em novos contextos; *descategorização* – perda de propriedades morfossintáticas, característica do léxico ou outras formas menos gramaticalizadas e *erosão* (redução fonética) – perda de substancia fonética. A gramaticalização parece incidir ou ocorrer em contextos específicos da língua, podendo ser (como tem sido) descrita como produto de reinterpretação por indução contextual. Dessa forma, o contexto tem se mostrado crucial em formatar as estruturas das formas gramaticais. Um dos maiores questionamentos que se depreende ao se deparar com os estudos de gramaticalização é explicar porque formas e expressões gramaticais são estruturadas da forma que são. Esses quatro mecanismos que os autores apontam: *dessemantização*, *extensão* ou *generalização do conteúdo*, *descategorização* e *erosão fonética* são, segundo eles, uma tentativa de explicar os moldes e parâmetros dentro dos quais esse tipo de mudança ocorre.

Visitando-se os parâmetros estabelecidos por Lehmann (1982 *apud* LONGHIN 2003, p. 176), percebe-se que eles possuem certa concordância (ligação) se aplicados à conjunção que vai ser aqui estudada. Segundo o autor, uma

evidência clara de que o item está gramaticalizado é o seu nível de autonomia: quanto menos autônomo, mais gramaticalizado, o que pode ser confirmado para o SENDO QUE. Lehmann registra os seguintes parâmetros: (i) *integridade*: perda de integridade fonológica e semântica, fatores que estão relacionados a estágios mais avançados de gramaticalização; (ii) *escopo*[17]: quanto mais condensado o escopo, maior o grau de gramaticalização; (iii) *paradigmaticidade*: quanto maior o nível de integração do item no paradigma, maior o grau de gramaticalização; (iv) *conexidade*[18]: quanto maior o nível de integração entre os itens, maior o grau de gramaticalização; (v) *variabilidade paradigmática*: quanto maior a obrigatoriedade dentro do paradigma, maior é o grau de gramaticalização, e (vi) *variabilidade sintagmática*: quanto menor sua variabilidade dentro do arranjo sintagmático, maior é seu nível de gramaticalização.

Aplicando-se esses parâmetros às ocorrências do SENDO QUE, obtêm-se alguns resultados: no que diz respeito à *integridade*, pode-se dizer sobre perda de integridade semântica, pois a conjunção indica que os itens linguísticos que a compõem já não mostram mais os mesmos traços semânticos primários do item lexical fonte; em contrapartida, parece ter ganhado novas nuanças quando o SENDO QUE, já como construção cristalizada, assume função de conjunção. Quanto à *paradigmaticidade* e a *conexidade,* pode-se dizer o que segue: quanto à primeira, observa-se que o SENDO QUE possui um alto nível de paradigmaticidade, pois ele já está integrado ao paradigma das conjunções do português e, quanto à conexidade, percebe-se que o SENDO QUE sustenta sua função gramatical, uma vez que coordena e subordina orações.

Com relação aos parâmetros *variabilidade paradigmática* e *sintagmática*, o SENDO QUE também parece contemplá-los. Quanto ao primeiro, o SENDO QUE permite ser comutado com outras conjunções canônicas da língua, apesar de não haver sinonímia perfeita, em outras palavras: idênticos propósitos linguísticos, isto é, parecem que tendem a aparecer em contextos linguísticos próprios (por exemplo, pode-se alternar as conjunções **mas** e **só que** com o SENDO QUE em orações adversativas, porém o sentido adversativo apresentado não é idêntico; apresenta tênues diferenças), isto é, aparecem em contextos linguísticos próprios. Com

---

[17] Escopo: finalidade, alvo, intento, propósito.
[18] Vocábulo empregado pelo autor.

referência à *variabilidade sintagmática*, parece ser categórica a aparição da conjunção preferencialmente à direita da oração principal, encabeçando a oração subordinada ou coordenada. Soma-se a isso o fato de serem indivisíveis, um composto linguístico cumprindo uma só função na língua, e que qualquer material interposto desconfigura a conjunção, não tendo mais função de conectivo.

Segue, abaixo, um exemplo com SENDO QUE que atesta, em certa medida, esses princípios acima apontados:

(4) Se você tratar as empresas como se estivessem no mesmo estágio, poderá impedir sua venda. Por exemplo, se você enviar um *e-mail* ou folder para a empresa-cliente tratando-a como se já entendesse qual é o problema a ser resolvido, SENDO QUE ele ainda não entende, o efeito pode ser nulo. Ela ainda precisa ser educada e ensinada a perceber que existe um problema e qual é ele[19].

O SENDO QUE, no excerto acima, cumpre a função de conector. Embora não tenha perdido *integridade fonológica*, (erosão fonética, os elementos que compõem a conjunção não sofreram perda fonológica) apresenta perda de integridade semântica, pois o *sendo*, parte composicional da conjunção, já não faz as vezes de verbo. Como se verá na análise dos dados (cf. seção 7.2), essa construção está sendo usada com mais frequência, indicando que está incluída no paradigma das conjunções, atestando sua *paradigmaticidade*. Constitui uma única categoria, mostrando o nível da *conexidade* entre os itens componentes. Uma vez no paradigma dos conectivos, pode ser comutável com outros de mesma categoria e quanto ao eixo sintagmático, apresenta baixa variabilidade (aparecendo à direita da oração principal, como já mencionado), o que atesta os últimos dois princípios propostos por Lehmann: *variabilidade paradigmática e sintagmática*.

Os princípios de Hopper (1991) também parecem contribuir para um melhor entendimento da gramaticalização do SENDO QUE, são eles: *estratificação, divergência, especialização, pertinência* e *descategorização*.

Segundo o princípio da *estratificação*, Hopper afirma que o fenômeno da gramaticalização gera variação linguística em que formas distintas convivem juntas na língua. Esse é o caso do SENDO QUE, em português concorre com outros conectores que possuem sentido similar, o que parece depender da estratégia

---

[19] Disponível em: <https://ideiasricardomartins.wordpress.com/2015/07/10/tiposdecliente/>. Acesso em 02/09/2015.

discursiva. O princípio da *divergência* significa que, no processo de gramaticalização, o item primário pode permanecer autônomo na língua, podendo até se submeter a novos usos e processos de mudança. Depreende-se então que o *sendo* continua na língua desempenhando seu papel de verbo pleno (cf. tabela 1), ou ainda compondo perífrases verbais: podendo ser interpretado como continuativo ou processual a depender dos auxiliares que o acompanham.

O princípio da *especialização* é concebido como um estreitamento na variedade de nuanças semânticas. No caso do SENDO QUE, vê-se que essa construção possui um *caráter multifacetado*, entretanto parece estar tomando valores mais específicos, como é o caso do contraste de ideias e de valor distributivo/numerativo. O princípio da *persistência* mostra que durante no processo de gramaticalização, pode haver porção do significado fonte na forma alvo, isto é, um compartilhamento de traços semânticos. Com respeito ao SENDO QUE, percebe-se que a conjunção ainda sustenta alguns dos sentidos que o gerúndio pode assumir, que no caso é transmitido pelo *sendo,* como a semântica de adição, como se vê nos exemplos:

(5) É verdade. E sabe por quê? Porque tivemos de discutir tudo com cada nível da Petrobrás. Estou há dois anos - **sendo** pouco mais de um ano como diretor da Rio Polímeros - negociando e o acordo tem demorado tanto...(www.corpusdoportugues.com.br).

(6) Nesse campo, as duas versões, Sport e Elegance, diferenciam-se pelas cores e pelos materiais usados. Os assentos são esportivos, **sendo que** os passageiros de trás ganharam assentos individuais com contornos ergonômicos e encostos reguláveis...(www.corpus.coportugues.com.br)

Por fim, o princípio a *descategorização* é aquele que se refere à perda de categorialidade do item linguístico. No SENDO QUE, essa mudança é constatada, pois o *sendo* não exibe mais suas características sintáticas e semânticas de verbo, perdendo sua mobilidade sintagmática e também deixando de pedir argumentos – (verbo > conjunção). Segue um exemplo com o SENDO QUE que atesta a aplicabilidade desses princípios defendidos por Hopper:

(7) E o que você fez depois dessa queda de popularidade? Eu marco assim: o início da minha carreira foi com a Mulher-Maravilha, acho que o auge deve ter sido na época dos Vingadores, que estava lá embaixo mesmo e acabou ficando entre as 40 revistas mais vendidas, SENDO QUE antes, nem aparecia entre as cem mais vendidas (www.corpusdoportugues.com.br – Mike Deodato).

Nesse exemplo, a conjunção SENDO QUE encabeça a oração coordenada. Nessas circunstâncias, é valido dizer sobre a *estratificação*, uma vez que ele convive com outras conjunções mais antigas, canônicas, como *porém, entretanto* etc. Em um mesmo espaço de tempo. Quanto à *divergência*, pode-se dizer que o *sendo* ainda permanece na língua, autônomo, cumprindo a função de verbo. Apesar de não apresentar um estreitamento semântico como em outras formas gramaticalizadas (como tendo poucas variações de sentido), a conjunção indica um caráter múltiplo de sentidos, porém mais com valor de oposição de ideias, como no exemplo acima, que marca ideia adversativa, o que pode implicar, com o tempo, a *especialização* dessa conjunção. Pode-se sustentar também os princípios da *persistência* e da *descategorização*, se se observa o gerúndio *sendo* na língua e a construção SENDO QUE tendo função de conjunção.

2.6 CONJUNÇÕES: PALAVRAS GRAMATICAIS

Meillet (1912 *apud* LONGHIN-THOMAZI, 2006), em *Le renouvellement de conjonctions*, avalia que as conjunções sempre estiveram sujeitas ao processo de renovação. Numa perspectiva histórica das línguas, vê-se que essas formas estiveram sujeitas ao aparecimento e ao desaparecimento de modo relativamente rápido. Segundo o autor, o procedimento mais comum para a renovação e criação de conjunções é buscando material linguístico no próprio léxico, no repertório da língua (*apud* LONGHIN-THOMAZI)[20].

As **conjunções** (cuja etimologia significa "*palavras de ligação*" segundo PAUL 1886 *apud* GONÇALVES et. al. 2007) são formas gramaticais bastante usuais e podem facilmente ser tomadas como exemplo de gramaticalização, pois são palavras dotadas de carga gramatical, formas presas, e que só adquirem sentido quando empregadas textualmente, ligando, organizando e arquitetando o discurso, o texto. Há a hipótese de que as formas conectivas tiveram sua origem provavelmente nos advérbios conjuncionais e/ou em pronomes conjuncionais (GONÇALVES et. al., 2007 p. 92).

---

[20] LONGHIN-THOMAZI, S. R. **O papel do contexto na gramaticalização de conjunções**. In: VII Encontro do Celsul, 2006, Pelotas. Caderno de Resumos do VII Encontro do Celsul. Pelotas-RS, 2006.

As perífrases conjuncionais, nomenclatura tradicional, são exemplos que evidenciam o processo de gramaticalização. Conjunções como: *embora, porém, ainda que, dado que, já que, logo que*, e o próprio SENDO QUE revelam combinações linguísticas que foram resultado do fenômeno da mudança gramatical, fenômeno já atestado no latim vulgar, (MAURER Jr., 1959). Trata-se de itens linguísticos que se aglutinam para cumprirem uma função gramatical nova; elementos que, em alguns dos casos, apresentam polissemia, seja por serem dotados de uma caráter funcional mais amplo, seja por ainda terem correspondentes lexicais no repertório da língua, formas antigas, autônomas, convivendo num mesmo período de tempo; assumindo papel semântico, morfossintático, mais abstrato, gramatical (HOPPER; TRAUGOTT 1993, p. 77).

Said Ali (1965) assegura que mesmo as conjunções mais antigas mantinham valores linguísticos múltiplos a depender do período histórico da língua e dos contextos de emprego. Cita ele os conectivos *posto que, tanto que, logo que, quando* e o próprio *que*. A respeito do composto conjuncional *tanto que*, afirma o gramático que era usado até o século XVIII como conjunção temporal, e que hoje se usa com sentido de quantidade ou intensidade; *pôsto que* (grafia do autor) é citada como conjunção concessiva que ganhou esse valor graças a seus usos na língua; o *logo que*, o qual hoje é bastante usado, assumiu as vezes de *logo quando* e *logo como*. O *quando* também sustentava uma flutuação semântica, podendo figurar não apenas como temporal, mas expressar também a ideia de concessão (cf. p. 222). Said Ali argumenta ainda que a conjunção *caso que* pode ser uma redução de *sendo caso que*, conjectura que fornece hipóteses também para o presente trabalho, sobre ao estudo do SENDO QUE (SAID ALI, 1965, p. 222-224). O gramático sustenta que:

> Nestas [*a fim de que, sem embargo que, contanto que, ante(s) que, depois que* etc.], como em outras locuções conjuncionais, o elemento advérbio nada mais é que um vocábulo deslocado de uma oração para outra. Devia modificar o verbo, mas afasta-se dele, emigra da respectiva oração, atraído por uma partícula, à qual se une, resultando desta liga uma conjunção de nova espécie (SAID ALI, 1965, p. 222).

Nestas circunstâncias, ele afirma que, no processo de junção desses elementos linguísticos, existe uma reinterpretação da estrutura sintática, uma reorganização morfossintática, resultando em uma nova conjunção.

Câmara Jr. (1979), por sua vez, no âmbito dos conectivos subordinativos, registra que, do ponto de vista formal, as conjunções subordinativas se caracterizam por só se aplicarem a ligações de orações, ao passo que as coordenativas desempenham conexão entre quaisquer constituintes, sejam palavras, grupos lexicais ou orações. O autor acrescenta ainda que no latim, principalmente na escrita, expressava-se, concomitante ao uso de conjunções, a subordinação no próprio verbo, ficando este em uma de suas formas nominais. No português, houve uma reestruturação bastante grande no quadro das conjunções subordinativas. E nessa realidade, segundo o linguista, o fato principal, o evento maior foi o aparecimento do conectivo *que* como conjunção subordinativa por excelência, em homonímia com o pronome relativo *que*, resultando em um esvaziamento do sentido pronominal da forma neutra *quid* do pronome indefinido-interrogativo e sua aglutinação com a forma neutra *quod*, pronome relativo. Ademais, somou-se a isso a convergência da evolução fonética do elemento de conexão comparativa *quam* e da conjunção causal *quod* (CÂMARA Jr., 1979, p. 183-184).

Como resultado de tudo isso, surgiu um elemento multifuncional **que**, o qual, segundo Câmara Jr., serviu para os mais altos padrões frasais e que figura como parte final na composição de locuções conjuncionais. As locuções são de dois tipos. Numa primeira instância, estão as formadas com advérbios, *ainda que, logo que, sempre que, depois que, antes que* etc.; depois, as que estão em conjunto com as locuções adverbiais, antecedidas por preposição: *de sorte que, ao passo que, de modo que* etc.

Acrescenta-se aqui o caso do SENDO QUE, que configura um quadro um pouco diferente das outras formações conjuncionais (aquelas que contêm o *que*), pois se trata de uma composição contendo uma forma gerúndio. Sabendo-se dos vários valores semânticos que o gerúndio pode assumir na língua, esta nova conjunção apresenta um comportamento multifuncional (no sentido multissemântico) que não se encontra no repertório de conjunções compostas no português.

Rodolfo Ilari (2008) discute a dificuldade que se tem às vezes na classificação semântica dos nexos intersentenciais. O linguista levanta um pensamento que é bastante pertinente quando se lida com a classificação dos sentidos das relações oracionais. O conceito de causa, por exemplo, envolve a noção, ao mesmo tempo, de anterioridade no tempo e de condição. As fronteiras entre orações subordinativas e coordenativas é outra coisa também bastante

discutível e que é lembrada por Ilari. Os valores de *porque* são um exemplo. Dentro de uma análise formal, o linguista aponta dois princípios para uma explicação, do tipo: (i) esse conectivo, se estiver sujeito à negação, é considerado conjunção subordinativa; se fora do alcance da negação, será sempre explicativa, coordenativa; e (ii) *porque* será conjunção subordinativa quando faz parte do *dictum* e coordenativa quando fornece evidencias para o *dictum*. Como exemplo, fornece a seguinte frase: *João não voltou ao médico* ***porque*** *tinha piorado muito da gripe*. Nesse exemplo, tem-se uma interpretação explicativa se se comuta o *porque* com o *pois*, e se a segunda sentença for uma evidência para alegar a verdade da primeira sentença. E obterá valor subordinativo se se entende a piora como causa da não volta ao médico, pelo princípio (i) citado acima (ILARI, 2008, p. 22).

Nota-se, portanto, que certas conjunções compartilham algumas noções de ambiguidade, ou pelo menos, a depender do contexto, podem exibir sentidos ambíguos, envolvendo, como apontou Ilari (2008), mais de uma noção no evento linguístico, problemas que são resolvidos a partir de critérios de análise.

Couper-Kuhler & Kortmann (2000)[21] discutem as relações muito próximas que compartilham as ideias de *causa, condição, concessão e contraste*: *C-relation* (as relações de C[22]), reconhecendo não haver uma separação estanque, uma fronteira rígida entre essas ideias.

Causa, condição e concessão têm sido conhecidas por terem uma relação especial entre si como relações adverbiais de circunstância, afirmam os autores. Às vezes, elas têm sido concebidas umas em termos de outras, a saber, uma relação condicional ser vista como tendo uma ideia similar à relação de causa ou uma relação concessiva como uma causa *inoperante*. Todas as três relações são relacionadas ou expressas via subordinação sintática. Os autores exemplificam com o *if* do inglês, que pode ter interpretação de *causa* e *condição*, bem como o *for*, que admite o sentido de *condição* e *concessão*. A relação de *contraste*, por outro lado, é tipicamente expressa por coordenação sintática e não por relação adverbial; enquanto que partindo-se do ponto de vista pragmático ou discursivo, o contraste é mais comum ser relacionado à ideia de concessão, defende os autores (p. 2).

---

[21] A sugestão de leitura desses autores foi dada pela professora Elizabeth Traugott em uma troca pessoal de *e-mails*.

[22] Isto é, as relações semântico-cognitivas que esses três tipos de juntos oracionais podem estabelecer entre si.

Essa tênue separação se verifica em alguns dados com o SENDO QUE; a conjunção permite, em alguns exemplos, uma análise muito próxima, às vezes ambígua, dependente da posição sintática para ser classificada, assumindo valor concessivo ou adversativo. Segue um exemplo:

(8) O "Doutor Morte", que se declarou abertamente como defensor da eutanásia, não se limitou a filmar o momento, como entregou a fita para divulgação à CBS, uma das maiores redes de televisão norte-americanas. A divulgação das imagens acarretou a abertura de processo contra o médico, que dispensou advogados para sua defesa. Alegou que sua prática era " uma forma de colocar fim ao sofrimento das pessoas ". Kevorkian foi condenado a penas entre 10 e 25 anos de prisão, SENDO QUE a máxima punição no estado do Michigan, onde foi condenado, seria a prisão perpétua. (www.corpusdoportugues.com.br – eutanásia – séc. XX).

Essa ocorrência será analisada com mais vagar mais adiante neste trabalho. O SENDO QUE expõe certa ambiguidade entre as partes que liga, suscitando a questão entre nexos adversativos e concessivos, o que requer lançar mão de critérios de classificação.

Rudolph (1996), nessa esfera, mostra que os conectivos adversativos assumem, mormente, a posposição em relação à oração principal, vindo sempre depois; ao passo que as formas conectivas que apresentam relação de concessão não são limitadas a uma posição; a oração concessiva pode aparecer anteposta ou posposta e às vezes inserida dentro da oração principal. Dado que a relação concessiva pode ser transformada em uma relação adversativa, ambas as relações são em certo grau como "dois lados de uma mesma moeda". A posição mais livre de ocorrer a relação concessiva desfruta de certas vantagens visto que em alguns casos a estrutura do texto não permite uma oração adversativa devido à sua posição mais à direita (p. 505). Pode-se dar como exemplo essas frases: *Embora não tenha ganhado o premio, recebeu várias homenagens* ou *Recebeu várias homenagens, embora não tenha ganhado o prêmio*. A adversativa tende a vir mais posposta: *Recebeu várias homenagens, mas não recebeu o prêmio*.

A defesa dessas asserções por Rudolph serviu de norteamento para a classificação de algumas das orações do córpus aqui analisado, a saber, as que denotam ideia de contraste. Entretanto esse critério posicional foi e é dado pela professora Odete Menon, que vem orientando seus discentes já há algum tempo que a melhor forma de desfazer essa ambiguidade é tomando como pré-requisito o posicionamento das orações.

A conjunção SENDO QUE apresenta essa dubiedade quanto à sua classificação quando liga oposição de ideias. Isso pode ser verificado a seguir.

(9) Como é que o CAP[23] está indo para a Libertadores, SENDO QUE nós somos o #coxalider?[24] (www.facebook.com.br).

Parece não haver problema em parafrasear a ocorrência acima de modo que se tenham valores adversativo e concessivo como: *O CAP está indo para a Libertadores,* ***ainda que*** *nós sejamos o #coxalider?*; ou ***Embora*** *sejamos o #coxalider, o CAP está indo para a Libertadores*; ou ainda: *Somos o #coxalider,* ***só que*** *o CAP está indo para a Libertadores.*

Percebe-se que existe nessa ocorrência uma relação de ideias opostas, embora sejam duas orações encabeçadas a primeira por um advérbio interrogativo *como* e a segunda por uma conjunção adverbial *se* (que no exemplo possui mais semântica causal que condicional). Esse é um tipo de construção com o SENDO QUE bastante comum no português: em que se coloca o SENDO QUE onde viria o *se*: "*como ela chegou lá, SENDO QUE não tinha ninguém que a levasse?*".

3 A HISTÓRIA DO VERBO *SER*

O verbo *ser* teve uma formação etimológica irregular, híbrida. Sabe-se que esse verbo possuía em sua formação a convergência a parti de dois verbos latinos: *sedere* e *esse*, "estar assentado" e "existir" respectivamente. Nas representações morfológicas conjugadas, ele adquiriu a forma de três verbos, incluiu-se o *ire* (cf. Castilho, 2012). O *ser* herdou de *esse*, no latim-vulgar *essere*, as formas do presente do indicativo (sou, somos, sois, são, é, és) e do imperfeito do indicativo (era); de *sedere*, transmitiram-se as formas do subjuntivo (seja), futuro do presente e pretérito (serei, seria), imperativo formal (sê, seja), gerúndio (sendo), particípio (sido) e infinitivo (ser). Nota-se traços do *ire* nas conjugações do pretérito imperfeito do indicativo (fui, foste, foi, fomos, fostes, foram) também mais-que-perfeito do indicativo e imperfeito do subjuntivo (fôra, fosse) bem como o futuro do subjuntivo

[23] Clube Atlético Paranaense.
[24] "Coxa": epíteto dado ao time Coritiba *Foot Ball* Clube, como também para os seus torcedores, que por vezes também recebem o apelido de "coxa branca".

(for). Isso lhe deixou como herança acepções variadas no português antigo (CASTILHO, 2012, p. 399)

No latim, o verbo *ser*, *sum*, era usado tanto como cópula, uso que era optativo, como no sentido existencial. Poderia dizer: *puella pulchra est*, ou *pulchra puella*. E os usos existenciais *homo sum*, "sou homem", "existo na qualidade de homem", e que permanece em português em textos antigos e em expressões prontas, provavelmente transmitidas oralmente, como: *Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraham* ***fosse****, Eu sou* (cf. ALMEIDA, 1633[25]). *Era uma vez um rei*..., "Uma vez, em um momento do passado, um rei era (existia); Existia um rei em um determinado tempo que...".

Castilho (2012) assevera que enquanto núcleo de predicado, o *ser* é um verbo pleno, construído apenas com um sintagma nominal (= X existe) tomando qualquer outro termo à direita como adjunto. Antes de ser gramaticalizado, o *ser* configura existência como no exemplo que segue: *(...) e alçaron por sseu rey hum homem, que auia nome Bamba, que era do linhagem dos reis que ante* ***forom****.* (exemplo de SILVEIRA 1975/1980 citado por CASTILHO 2012, p. 399). O autor afirma ainda que a maior parte dos empregos de *ser* como verbo pleno deve ter desaparecido no século XIV. Porém, como exemplificado acima e reforçado aqui, esse uso do verbo ainda sobrevive em poucos contextos: "A: - Quem está aí?/Quem **é**?, B: - **É** fulano." (CASTILHO, 2012, p.399).

Por essa abordagem, o verbo *ser* passa por reanálise e deixa de operar como núcleo de predicado, função assumida pelo termo adjacente à direita. Assim, os tipos de termos adjacentes vão configurar estruturas locativa, modal, atributiva e equativa (CASTILHO 2012, p. 399).

Acredita-se que nas etapas iniciais da língua portuguesa o verbo *ser* passou por um longo período sendo usado com o sentido ainda de *sedere*, "estar sentado em algum lugar" ou de "por ou ter a sede em algum lugar" ou até mesmo "estar". Não se sabe ao certo, mas acredita-se também que por volta do século XIV o verbo ser já tenha sofrido mudança, passando a verbo auxiliar, compondo o que se chama de perífrases de gerúndio (**duplo gerúndio** [Dger], cf. MENON, 2008).

---

[25]Disponível em: <http://purl.pt/12730/6/res-4465-v_PDF/res-4465-v_PDF_24-C-R0150/res-4465-v_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf>. Acesso em: 04/07/2014.

O trecho a seguir retirado de *O Orto do Esposo* final do século XIV exemplifica essa etimologia: *"[...] quando [o filosafo]* ***siia*** *aa mesa pera comer..."*; aqui, pelo que se percebe, o uso é ainda de verbo pleno, mas com a semântica de "estar" ou de "estar sentado". Seguem os seguintes exemplos:

(10) E emtam abrirõ-lhe o costado e acharon-lhe o coraçõ aberto e partido, e **era** dentro em ele escripto: Jhesu meu amor. (MALER, 1956, p. 8).

(11) Eu soom trigo de Jhesu Christo, quero **seer** muudo cõ os dentes das bestas brauas, por tal que eu seia achado pam limpo. (MALER, 1956, p. 10).

(12) Non sabes que escripto **he**: Eno nome de Jhesu Christo todo geolho **seia** eclinado das cousas celestiaaes e terreaaes e infernaaes? E logo desapareceu. (MALER, 1956, p. 13).

(13) E asy todallas cousas que **som** sobre a terra, tenho por cinza e por esterco em conparaçom daquelas cousas da egreya triumphante, que **he** enos ceeos. (MALER, 1956, p. 19).

(14) Onde aueeo que huu dia, **seendo** ele **estudando**, ueeo a ele hua molher pera lhe demandar conselho. (MALER, 1956, p. 17).

Nos exemplos de (10) a (14) tem-se um retrato do comportamento do verbo *ser* por volta do final do século XIV e início do XV. Por mais que sejam dados extraídos de uma única obra *Orto do Esposo* esses exemplos têm sua validade, pois é possível encontrar usos do mesmo verbo em outros textos da mesma época, como dos *Diálogos de São Gregório* (cf. MENON, 2008). O verbo *ser* apresenta, nessas ocorrências, significado de *estar*[26]. Pode-se, sem maiores problemas semânticos, intercambiar o *ser* dos enunciados de (10) a (14) por *estar,* conservando-se o mesmo sentido. Em (14), como se verifica, o verbo *ser* estar formando **perífrase de gerúndio** com o verbo *estudar*, fato que confirma os estudos sobre a gramaticalização de *ser* e *estar*, cujos resultados apontam para uma concorrência entre esses dois verbos nesse período, sendo o verbo *ser* suplantado mais tarde por *estar* (MENON, 2008, p. 57-58). Também aqui, nesse dado encontrado na obra *A Demanda do Santo Graal*, cuja data é incerta, finais do século XIV e início do XV, observa-se: *E seendo falando aquele cavaleiro que ao padre nom podia squaser*

[26] Castilho (2013), se debruçando no estudo sobre os clíticos do PA (português antigo), afirma que devido ao desaparecimento do clítico locativo *hi*, o verbo *estar* passa a verbo funcional e o *ser* deixa de ser um verbo locativo (p.8).

(www.books.google.com - demanda do santo graal, p. 45)[27], e em um exemplo de Bastos, 1945 (citado por Menon, 2008, p. 84):

(15) A estorya de ruymãço (*sic*) castelão diz em outra maneira e alega dõ Lucas, enna estorya do latym, e diz que o iflãte **seendo** no paaço, **fallando** sõ sua esposa, que ouvyo demandar armas e grande pressa e que sayo fora aa rua por veer o que era.

Esses usos não conduziram o verbo a uma cristalização de seu significado, contudo reflete sua natureza naquele dado período da história da língua, conforme já apontado acima.

Fernão Lopes foi um homem da transição do século XIV para o século XV, mas, como nasceu aparentemente, em 1380, era um representante da língua de finais do XIV. O dado que se segue, extraído da Crónica de D. João I, pode ajudar a se formular algumas reflexões sobre a forma verbal *sendo*. Esse é o exemplo: "*E seendo achado em alguũs livros o contrário do que ela fala, cuidae que nom sabedormente, mas errando muito, disserom taes cousas*"[28]. Com relação ao gerúndio, o qual será discutido com mais detalhe nas próximas seções, percebe-se aqui que o uso do verbo *ser* nesse exemplo é uma evidência da mudança fonético-morfológica por que passou esse verbo, algo como: *sedendo* > *seendo* > *sendo* (em que há a perda da oclusiva alveolar sonora /d/, resultando posteriormente na crase das duas vogais de *seendo*). Nessa oração de gerúndio, retirado desse trecho da crónica, o gerúndio tem sentido condicional; numa possível paráfrase seria: "E se for encontrado em alguns livros...".

4 A HISTÓRIA DO *QUE*

O QUE é, evidentemente, uma das palavras mais usadas no português. É praticamente impossível se escrever ou enunciar alguma frase sem produzi-lo, haja

---

[27] Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&id=jkRfAAAAMAAJ&focus=searchwithinvolume&q=seendo+falando>. Acessado em 22/01/2013.

[28] Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/71708110/Prosas-medievais-convertido#scribd>. Acesso em 07/01/2015.

vista seus múltiplos empregos na língua. Seria uma inverdade dizer que se trata de várias funções do QUE, pois, sabe-se que, na sua origem, se trata de vários *quês*.[29]

Em qualquer gramática tradicional ou escolar que se consulte não é difícil encontrar elencada uma lista com as "funções do QUE". A *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa* de Domingos P. Cegalla apresenta uma lista com os vários tipos de QUE, precedida do seguinte tópico: *Muitas conjunções não têm classificação única, imutável, devendo, portando, ser classificadas de acordo com o sentido que apresentam no contexto*. Assim, a conjunção QUE pode ser: aditiva (= e) *Esfrega* ***que*** *esfrega, mas a nódoa não sai*; explicativa (= pois, porque) *Apressemo-nos,* ***que*** *chove*; integrante: *Diga-lhe* ***que*** *não irei*; consecutiva: *Tanto se esforçou* ***que*** *conseguiu vencer*; comparativa (= do que, como) *A luz é mais veloz* ***que*** *o som*; concessiva (= embora, ainda que) *Alguns minutos* ***que*** *fossem, ainda assim seria muito tempo*; temporal (= depois que, logo que). *Chegados* ***que*** *fomos, dirigimo-nos ao hotel*; final (= para que). *Vendo-me à janela, fez sinal* ***que*** *descesse*; causal (= porque, visto que). *Velho* ***que*** *sou, apenas conheço as flores do meu tempo*; condicional (sem que = se não, caso não) *Ninguém será bom cientista,* ***sem que*** *estude muito*; consecutiva (sem que = que não) *Não vão a uma festa* ***sem que*** *voltem cansados*; modal (sem que = de modo que não) (CEGALLA, 2012, p. 294).

Quando se vê a descrição dessas conjunções, pode-se imaginar que outras gramáticas não dizem algo muito diferente, pois é comum se encontrar esse tipo de lista em outros compêndios gramaticais, tentando abordar ao máximo todas as formas e "usos" dessa conjunção. Se se consulta outras gramáticas normativas, vai se notar que a explicação dada ao conector *que* não fugirá muito da fornecida por Cegalla. O que se torna curioso é que, na grande maioria dos exemplos, o autor sugere outras conjunções também formadas com o *que*, deixando perceber o quanto são recorrentes essas composições, podendo-se usar o *que* para compor qualquer conjunção adverbial do português, bem como coordenativas. Esse tipo de construção já está presente no latim vulgar, e se torna ainda mais produtivo com o início da formação das línguas românicas, segundo Maurer Jr. (1959).

O latim vulgar eliminou muitas conjunções antigas, criando, para substituí-las, novas conjunções, sobretudo em formação com o *que*. De acordo com Maurer

---

[29] Explicação que a profa. Odete Menon fez durante o Fórum Discente da Pós-graduação de Letras da UFPR em 2014.

Jr. (1959) já no latim vulgar as formas conectivas latinas clássicas entraram em desuso, a saber, das copulativas, permaneceu apenas o *et*, desaparecendo *ac, atque* e *que*. Acredita-se que seja bastante questionável o desaparecimento de QUE copulativo, dada a afirmação de Ribeiro, 1919, p. 471:

> Em algumas locuções portuguesas familiares, a conjunção *que* passa a pertencer à classe das coordenativas, posta entre duas flexões verbaes, que se repetem para dar mais relevo e vivacidade à acção exprimida pelo verbo: *Dá-lhe que dá-lhe, tira que tira, bole que bole, bumba que bumba*".

As disjuntivas *aut* e *nec* se mantêm, ao passo que *vel, sive,* não se mantiveram - apenas no Oriente, frisa o gramático. As adversativas, acrescenta Maurer (1959), como *sed, at, verum, autem, ceterum* também são perdidas. Criam-se, pelo processo de gramaticalização, novas conjunções; o adverbio *magis*, por exemplo, se torna conjunção adversativa em muitas das línguas românicas: *mas (*português e espanhol*), mais (*francês*), ma (*italiano*)*. Porém, o que de fato vai se tornar um modelo na construção de conectivos compostos nas línguas românicas será o *quod*. "No Ocidente a integrante *quod* se mantém, mas sofre a concorrência de *quia* e, provavelmente, também de *quid*, que se confundiu primeiro com o pronome *quod* e depois com a conjunção" (Maurer Jr. 1959, p. 168). O autor chama a atenção ainda para a possibilidade de, nas línguas portuguesa, espanhola, francesa, provençal (língua extinta, segundo Maurer Jr.) e o italiano, a forma mais provável a formar essas conjunções ter partido de *qui(a)* ou as vezes também de *quid* em detrimento de *quod*; isso se deve pelo fato da presença dessas formas em textos mais recentes, como a Vulgata e textos de autores eclesiásticos, autores mais tardios do ponto de vista histórico da língua.

As conjunções finais, segue o autor*, ut, ne* e *quo* desaparecem, dando lugar a *quod*, e às conjunções que se confundiram com essa. Ainda como concessiva, *quod*, ou uma conjunção que equivalha, toma o lugar de *ut*. Há o desaparecimento das velhas concessivas, como: *quamvis, etsi, licet, quamquam*. Acredita-se que desde o latim vulgar tenha surgido locuções com *quod*. Como causais permanecem *quod, quia*, e provavelmente locuções formadas com *quod*. Avaliando que a língua vulgar era pobre em conjunções subordinativas, Maurer Jr. observa que houve uma acentuada tendência à formação de conjunções compostas de preposição mais

quod, depois também com *quid*, e que o maior desenvolvimento dessas construções se deu com o advento e consolidação das línguas românicas.

Faria (1995) explica que algumas preposições e advérbios apresentam, às vezes, limites muito imprecisos. Isso também se aplica no tratamento das conjunções; segundo o gramático, estudos etimológicos apontam a origem das conjunções em remotos advérbios pronominais. O próprio latim apresentava uma boa quantidade de conjunções que foram formas gramaticalizadas de antigas palavras gramaticais, "formas fossilizadas" de advérbios e preposições, afirma Ernesto Faria. (GONÇALVES et al*.,* 2007, p. 92, também falam sobre o assunto).

Faria acrescenta que, em latim, certas conjunções vieram de algumas formas verbais antigas estereotipadas como *uel* (segunda pessoa do imperativo presente de *uolo*, em desuso) *licet* (verbo *licere*), como também formas compostas *quamuis* (*quam* e *uis*, segunda pessoa do verbo *uolo*). Das aditivas, a enclítica *que*, que se originou provavelmente do relativo indefinido *quo/que*, supostamente enclítica desde o indo-europeu (FARIA, 1995, p. 233). A conjunção *cum*, do latim arcaico *quom*, era um antigo acusativo singular do relativo-indefinido; a final *quo* representa o ablativo de *qui;* a conjunção temporal *dum* que representa o acusativo singular neutro de *do*. O *et,* que era um antigo advérbio indo-europeu, aparece em composição em *etiam*, *etsi* e *aut* formada a partir de um advérbio, o *au* etc. Parece ficar bastante claro que advérbios e relativos estão bastante presentes na formação etimológica dos conectivos em latim. Em suma, percebe-se que em maior evidência as formas relativas *quod*, *quia* e *quid* foram as mais propícias a participarem na formação de novas conjunções nas línguas românicas. As construções *até que*, *já que,* entre várias outras, que são conjunções compostas novas, evidenciam esse processo.

Essa explanação sintetiza e confirma o fato do *que* ser considerado a conjunção por excelência; pelo potencial que ele possui na construção de novos conectivos, bem como pela convergência semântica que ele passou a sustentar na passagem para as línguas românicas. Câmara Jr. (1985), sobre o estatuto de *que,* declara, por sua vez, em *História e Estrutura da Língua Portuguesa*, que as formas latinas *quid, quod* e *quam* e seus empregos, dados os contextos semânticos e, sobretudo, morfossintáticos, resultaram em português na forma morfofonética *que*, e que contribuíram para o seu estatuto multifuncional. Devido a isso, essa conjunção é capaz de funcionar como todas as conjunções subordinadas.

Sousa (1961), em seu trabalho "A palavra *que*", afirma que o *que* é termo de riquíssimo conteúdo gramatical, nenhum outro item da língua o substitui nos domínios lexicais e sintáticos, *na largueza e extensão de suas funções*. O autor acrescenta que o *que* pode fazer as vezes de: **substantivo** comum, simples, masculino, quando determinado por qualquer adjetivo determinativo: *um quê de saudade move seus versos*; pode ter função de **adjetivo**, quando se ajusta a um substantivo: *Que assunto preferes*?; *Faz que tempo isso*?; *Por que preço comprou o livro*?, além de, segundo o gramático, funcionar como: **pronome**, **advérbio**, **preposição**, **interjeição** e **conjunção**. Ao se referir a *que* como conjunção, que é o que se torna relevante aqui, Souza atribui-lhe, além de todas as definições conhecidas através das gramáticas normativas, como: conjunção coordenativa, aditiva, adversativa, alternativa, locuções conjuntivas adversativas, locuções conjuntivas alternativas, explicativas, e também, como em outros gramáticos, subordinativa. Sousa, na descrição dos exemplos de conjunções subordinativas com *que*, cita o exemplo *seja que*[30] como conjunção concessiva.

Quanto à etimologia, Souza (1961) defende que a base natural do QUE português é o pronome relativo *qui, quae*, *quod*, na sua forma simples, de nominativo, masculino, singular e plural ou em suas divergências. Aparecem ainda variantes arcaicas, tais como *quoios, quoi, quei quis* e *queis*. Resume, assim, Sousa:

> Palavra de grande mobilidade apresenta-se na vetérrima língua do Lácio em copiosíssimas combinações fônicas, léxicas e de caráter estilístico e estético, fato que interessa, sobremaneira, ao fenômeno português de concentrismo mórfico, semântico e estilístico. A tais divergências ousadas opõe-se e responde a atitude serena de condensação lusa, que bem parece uma meditada regressão ao primarismo sônico, léxico e semântico do latim. (SOUZA, 1961, p. 122).

O gramático acrescenta ainda que a atração pelo gênero masculino, em detrimento dos gêneros feminino e neutro, é tendência velha da língua latina. A conjunção *que* é uma forma proveniente do gênero masculino (nominativo do singular e plural). Resultam no *que* português trinta flexões casuais do pronome[31],

---

[30] O autor apenas cita, não menciona nenhum exemplo no material consultado.

[31] Quadro com os 30 pronomes cuja confluência resultou no *que* português.

	SINGULAR			PLURAL		
N.	qui	quae	quod	qui	quae	quae
G.	cuius	cuius	cuius	quorum	quarum	quorum
D.	cui	cui	cui	quibus	quibus	quibus

ocorrendo, portanto, uma evolução fonética para a convergência e condensação em QUE. O pronome relativo *qui, quae, quod* introduz, em latim, orações de valor condicional, causal, concessivo e consecutivo, pelo menos, e que são denominadas nas gramáticas, segundo Sousa, de orações relativas causais, condicionais, concessivas, consecutivas. Há também orações integrantes ou substantivas produzidas por *quod*, chamadas declarativas ou explicativas, trazendo o verbo sempre no indicativo. "*Acontece, pelo que se vê, que o* ***que*** *português não se distancia, tradicionalmente, do latim*" (SOUZA, 1961, p. 130).

Justificando sua asserção, Souza exemplifica: *Haec QUI videat, nonne cogatur confiteri Deum esse*? "Aquêle **que** veja (ou aquêle **que** vir) estas coisas, por ventura não é forçado a confessar **que** Deus existe?" (negritos do autor); em vez de *haec qui videat*, poderia estar *si quis videat* "se aquele que vir". *Qui*, portanto, de valor condicional. *Caninus fuit mirifica vigilantia QUI suo toto consulatu somnum nom viderit*, "Canínio foi de uma admirável vigilância, **que** (= porque) não viu o sono (não dormiu) em todo seu consulado". QUI, de valor causal. *Quis est QUI Fabricii memoriam non usurpet, QUEM nunquam viderit*? "Quem é **que** não tem memória de Fabrício, **pôsto que** nunca o tenha visto?" QUEM, de valor concessivo. *Innocentia est affectio talis animi QUAE noceat nemini*. A inocência é uma afeição tal da alma **que** não prejudica a ninguém. QUAE, de valor consecutivo. O autor conclui:

> A tendência analítica das línguas românicas é incentivo do latim, tradição velha da língua, e êste fato particular de combinação de preposições com os conectivos de orações, como se vê em *antequam*, *postquam* e *posteaquam*, deu oportunidade a que o português, num sentido excelente de clareza, mais ampliasse essa tendência primária, e, assim, criasse numerosas locuções conjuncionais, em reforço de *que*. (SOUZA, 1961, p. 144).

Depreende-se, portanto, segundo o autor, que as conjunções compostas com o *que*, não é uma inovação das línguas românicas, mas uma tendência já presente no latim. Ele finaliza afirmando que poderia ainda se fazer uma discussão sobre o emprego tido como vicioso da dada conjunção. "Considere-se, outrossim, o seu emprêgo vicioso e, se não sempre, algumas vezês, de inspiração, propositadamente, estética, de raízes tradicionalistas [...]" (SOUZA, 1961, 148).

Ac.	quem	quam	quod	quos	quas	quae
Ab.	quo	qua	quo	quibus	quibus	quibus

(SOUZA, 1961, p. 121).

Ernesto Carneiro Ribeiro, em seus *Serões Gramaticaes* (1919), expõe uma pequena discussão sobre as conjunções, dando atenção também ao *que*. Primeiramente, ele começa dando ao *que* o rótulo de conjunção conjuntiva, a qual liga duas proposições, havendo uma relação subordinativa entre elas e que juntas representam um todo. O gramático faz menção do filólogo Horne Tooke (1736-1812), o qual sustenta uma análise, no inglês, para a conjunção *that,* argumentando ser esta um modo particular de empregar o artigo ou pronome conjuntivo. Deixa-se perceber, pelos exemplos de Ribeiro, que o *que* seria, em certa medida, análogo à *that*, apontando que essa conjunção inglesa teria também sua origem em um pronome, um demonstrativo neutro.

5 O GERÚNDIO NO PORTUGUÊS E O *SENDO QUE*

Lehmann (2008) explica, nas conclusões de um trabalho resumido sobre a auxiliarização de *ficar*, que o gerúndio é um *advérbio deverbal*, designando-o como tendo uma categoria particular na língua. Essa declaração categórica pode suscitar um grande questionamento e despertar um olhar mais curioso e investigativo do comportamento dessa forma no português. Uma delas é o caso do "gerundismo" (cf. seção 5.2), que será tratada com mais vagar mais adiante no texto.

Como se sabe, o gerúndio é uma forma legitimamente portuguesa; uma forma verbal que assume diferentes nuanças semânticas a depender do contexto em que se encontra na frase. Herança latina, que desde lá veio tomando diferentes acepções no viés da variação e mudança. Menon (2004) tece uma grande discussão sobre o gerúndio, rebatendo e atestando seus usos autenticamente próprios da língua e presentes nela desde muito cedo.

Há vários guias gramaticais conhecidos como manuais "do bem escrever o português" em que se defende e ensina, por alguns gramáticos, regras gramaticais e palavras que se devem usar, no âmbito da escrita, em detrimento de outras; estabelecendo o *normativismo linguístico*: a prescrição do que se deve ou não usar na língua, sem ter, na maioria dos casos, nenhuma fundamentação histórica do idioma, isto é, dados reais da língua; exemplos legítimos que refutem o que dizem ser irregular. O gerúndio é um deles. Muitos professores e "consultores de gramática", no afã de ensinar a "boa escrita" do português, dizem que é feito um uso

muito abusivo da forma gerúndio no PB, e que isso é ruim visto que o português de Portugal não o faz, ou ainda que essa seria uma cópia do progressivo do inglês. Essas questões são todas rebatidas e refutadas no trabalho esclarecedor "*Gerundismo?*" de Menon (2004), o qual será abordado mais a frente.

A forma verbal de gerúndio pode assumir vários *papéis* na língua portuguesa, desde a forma composta com *estar* no presente do indicativo, que configura o momento da elocução, do momento da fala (DIAS, 1953, p. 184), até figurar as chamadas orações adverbiais gerundivas.

Retroagindo um pouco historicamente, o latim possuía uma forma verbal chamada particípio presente. São exemplos hoje no português formas terminadas com o sufixo *–nte*: *estudante*, *presidente*. No entanto, com o surgimento das línguas românicas esse tipo de palavras sofreu alteração; no português, essas palavras adquiriram semântica de adjetivos e substantivos, perdendo por completo seu caráter verbal. Com o tempo, o particípio presente já não era usado com tanta frequência, enquanto que o gerúndio pareceu ter ganhado cada vez mais terreno. Houve, portanto, uma confusão durante a história da língua entre essas duas formas linguísticas. Pelo que afirma Menon (2004, p. 201), já existia, provavelmente, uma flutuação no latim vulgar entre essas duas formas e nas línguas vernáculas essa tendência aumentou. O particípio presente aparecia com pouca frequência em textos antigos do português e só com alguns verbos específicos. Isso pode levar à ideia de que houve uma sobreposição do gerúndio ao particípio presente, havendo um aumento o uso daquela forma com a acepção desta. O particípio presente equivalia a uma oração relativa, que assumiria o tempo exigido pelo contexto, e consequentemente poderia ter varias interpretações, traço que permaneceu no gerúndio português.

> Nesse caso, as línguas românicas não teriam feito mais do que fixar e ampliar uma tendência já existente em latim, amalgamando em uma só forma várias funções. É na esteira dessa tendência que a sobrevivência do gerúndio vai ser garantida nas línguas românicas (MENON, 2004, p. 209).

O gerúndio português, resultado da forma do ablativo no latim, concentra todos os tempos e pessoas, o que justifica seus diferentes usos, podendo aparecer nos três tempos, *fui fazendo, vou/estou fazendo, irei fazendo*, bem como outras perífrases verbais tais como: *eu ia fazendo, tenho estado cantando, estaria fazendo*,

etc. O antigo particípio presente fixou-se como tendo função adjetiva, e o gerúndio a de um substantivo; eles distinguem-se apenas funcionalmente e que confluíram numa só forma *–ndo.* "Arcaizado o particípio presente, o gerúndio passou a exercer suas funções" (PEREIRA 1948 citado por MENON, 2004, p. 212).

O particípio presente, como o gerúndio, tinha interpretação relativa, acompanhando um substantivo, uso que se perdeu, e passou assumir as vezes do próprio substantivo. O gerúndio passou a assumir esse papel, além de ter também a interpretação da concomitância, traço que lhe permitiu constituir as chamadas orações adverbiais. Maurer Jr. (1959) afirma que "o gerúndio, que persiste apenas no ablativo, tem como função básica exprimir o complemento do meio, de instrumento e de modo, que mantém nas línguas românicas." Um exemplo do romeno: *se oloseste umblând* (= ele cansa-se andando), ou em português, *Estudando aprende-se*, "se estudar, aprende-se", com função condicional. Maurer Jr acrescenta que o gerúndio apresenta um comportamento adverbial incisivo, que por si só exprime um valor subordinativo. O autor acrescenta que, além desse valor adverbial, ele assume outras funções, por exemplo, de complemento de tempo, de causa, de condição, de concessão, de consequência. O autor ressalta ainda que o uso já era bastante evidente no latim vulgar, em que as funções do particípio presente eram pela maioria desconhecidas (MAURER Jr. 1959, p. 188).

Os usos que se seguem foram bastante comuns nas línguas românicas como no português: *chovendo, não irei*, "se chover, não irei; espanhol, *unos galgos que cazando hallé*"; francês, *restant seulement une Maison, y mit feu dedans*". Maurer Jr. explica que no latim vulgar, o emprego do gerúndio não ocorreu de forma mais abrangente devido à confusão com o particípio presente. *Omnia loca, quae filii Israel tetigerant uendo vel redeundo ad montem Dei* ('Os filhos de Israel tocaram todos os lugares, indo e vindo ao monte de Deus') ilustra bem a confusão que se dava entre o valor modal e instrumental primitivo e outras aplicações circunstanciais, segundo o autor. Castilho (2012), apoiando-se também em Maurer Jr. (1959), complementa que as orações gerundiais adverbiais exploraram os valores típicos do caso ablativo, que tinha como função básica expressar o complemento de meio, de instrumento e de modo, que se mantém nas línguas românicas (CASTILHO, 2012, p. 382).

Observando essa tendência do gerúndio atuar adverbialmente, presume-se como umas das hipóteses, a princípio, que o gerúndio *sendo* que faz parte do SENDO

QUE explora bastante os valores do caso ablativo em muitos exemplos, subordinando orações, apesar de se assumir que outros fatores contribuíram também na formação dessa conjunção.

Simões (2007), num estudo detalhado sobre as orações de gerúndio no português brasileiro, investiga o percurso diacrônico que essa forma linguística tomou nos últimos três séculos (XVIII, XIX e XX)[32]. O linguista, lançando mão de diferentes gêneros textuais, principalmente correspondências, estuda a *sintatização*, a *discursivização* e a *semanticização* do gerúndio, buscando averiguar o comportamento linguístico ao longo desses séculos e as possíveis mudanças pelas quais os usos da forma gerúndio passaram.

De acordo com a apuração de seus estudos, afirma Simões que houve, dentro do campo sintático, uma diminuição de ocorrências dos gerúndios adverbiais, esse decréscimo diz respeito aos gerúndios dependentes do sujeito da sentença matriz, gerúndios em minissentença, gerúndio ambíguo e o gerúndio adjetivo, bem como os gerúndios independentes do sujeito da sentença matriz, gerúndio de nominalizações, gerúndio imperativo, ao passo que aumentou o uso de perífrases gerundivas (SIMÕES, 2007, p. 266; CASTILHO, 2012, p. 383). Houve um aumento do gerúndio adjetivo, pois o número de ocorrências é maior se comparado com os outros séculos.

---

[32] Na sua pesquisa, o autor utiliza um córpus extenso presente no chamado **Projeto** *Para uma História do Português Brasileiro* (PHPB), reunindo um grande número de textos de diferentes gêneros.

Figura 1: Distribuição das ocorrências e porcentagens dos gerúndios por século.

Tipo de predicação	Tipo de gerúndio	Séc. XVIII	%	Séc. XIX	%	Séc. XX	%	Total	%
Predicação secundária (dependente)	(a) adverbial	162	50,8	120	43,5	72	39,1	354	45,4
	(b) ambíguo	18	5,6	15	5,4	8	4,3	41	5,3
	(c) adjetivo	1	0,3	20	7,2	5	2,7	26	3,3
Predicação primária (independente)	(d) construção absoluta	88	27,6	57	20,7	23	12,5	168	21,6
	(e) em nominalizações	1	0,3	1	0,4	3	1,6	5	0,6
	(f) imperativo	10	3,1	3	1,1	1	0,5	14	1,8
	(g)articulador discursivo	3	0,9	4	1,4	4	2,2	11	1,4
	(h) perífrase	36	11,3	56	20,3	68	37,0	160	20,5
	Total	319		276		184		779	

Fonte: Simões 2007, p. 223.

Nota-se uma significativa queda no número de ocorrências do gerúndio adverbial ao passo que as perífrases de gerúndio aumentam. O decréscimo do gerúndio adverbial pode se dever ao aumento do uso de conjunções adverbiais. Com relação às perífrases, o que pode ter elevado o numero de ocorrências são a particularidade do PB de se construir perífrase com gerúndio como *estar* + *gerúndio*, *andar* + *gerúndio*, etc. diferentemente da estrutura *a* + *infinitivo* do PE.

Quanto ao processo de semanticização do gerúndio, o autor afirma que os gerúndios adverbiais, os gerúndios ambíguos e as perífrases funcionam como estratégia de emolduramento dos participantes e dos eventos de um dado cenário, atuando como demarcação do relevo, devido a demarcação semântica do aspecto imperfectivo inerente ao gerúndio. Avaliando os valores proposicionais depreendidos das orações adverbias gerundiais, mostra-se necessário reconhecer outros valores além daqueles tradicionalmente descritos nas gramáticas, entre eles os valores de *adição*, *adversatividade* e *exclusão* (SIMÕES, 2007, p. 363-364).

5.1 O *SENDO QUE* E A QUESTÃO DO FOCO

Um trabalho recente sobre a construção SENDO QUE foi realizado por Rauber (2013) em sua tese de doutorado. Ele trabalha com essa construção concebendo-a como marcador focal do português (que será explanado logo abaixo).

Seu trabalho está apoiado, em grande parte, no funcionalismo de Simon Dik. É possível perceber nos trabalhos de Dik não só a herança da Escola de Praga, mas uma inspiração na escola pragmática de Oxford e do Interacionismo Simbiótico de G. H. Mead. Para Dik (segundo Neves) o falante é muito mais do que um "animal linguístico", e estão envolvidas no uso comunicativo das línguas muitas funções humanas "mais elevadas" do que a simples função linguística (NEVES, 2006, p. 76). Segundo a mesma autora, Dik, como parte do seu compêndio teórico, desdobra também uma posição a respeito da função pragmática do foco na língua:

> A função pragmática do foco pertence à dimensão focal do discurso. A informação focal diz respeito às mudanças que o falante quer trazer à informação pragmática do destinatário, mudanças que podem tomar diferentes formas, como, por exemplo, um acréscimo ou uma substituição. Tipicamente, então, a informação focal, numa expressão linguística, pertence à diferença entre a informação pragmática do falante e a que ele julga que seja a do ouvinte, sendo a informação focal a que é apresentada como "nova", ou como relevante, para o destinatário (NEVES, 2006, p. 98).

Rauber (2013) expõe que uma gramática funcional deve ser definida como estando inserida dentro de uma teoria pragmática da interação verbal. Em última instância, deve ser capaz de integrar-se a um modelo de uso de língua natural. Isso significa defender que as expressões linguísticas não são objetos isolados, mas instrumentos usados por um falante com a intenção de provocar alguma interpretação (ou reação) no destinatário ou interlocutor, num contexto definido pelas expressões anteriores, e também dentro de um conjunto definido pelos parâmetros essenciais da situação de fala, ou da situação discursiva, ou seja, da adequação pragmática e uma adequação psicológica (p. 80).

Rauber suscita a hipótese de que o SENDO QUE tenha sido formado a partir de um contexto $\text{SENDO}_{\text{cópula}}$ + [$\text{X}_{(\text{SN, SADJ, ADV})}$] + $\text{QUE}_{\text{relativo}}$. Segundo ele, o traço relacional do verbo *ser* e o aspecto processual do gerúndio *sendo* adjungidos à forma *que* podem ter construído o caminho que levou à clivagem e focalização do SENDO QUE e que a polifuncionalidade da construção tenha favorecido os mecanismos de subjetivação e intersubjetivação na mudança semântica (p. 16). Ele assegura a existência de uma intenção de marcação, no enunciado verbal, da porção informativa mais relevante que conduz o SENDO QUE a caracterizar-se com um expressivo valor pragmático. Nessa perspectiva, Rauber chegar a esboçar uma leitura partitiva e distributiva da conjunção, uma vez que em alguns contextos se faz

menção a uma parte do dito, da proposição anterior, o que ele exemplifica com o dado:

(16) O 'escalafón' dos bandarilheiros não sofreu alterações significativas, SENDO QUE Joaquim Praxerdes, João José, João Vilaverde, José Franco 'Grenho' e Albino Fernandes ultrapassaram as 60 corridas (*apud* RAUBER, 2013, p. 168).

Com esse exemplo, Rauber (2013) sugere que o SENDO QUE expressa uma particularização da informação, uma leitura *partitiva* (embora não desenvolva o discussão mais extensa do termo). Afirma o autor que essa construção produz uma ênfase a uma parte do enunciado, àquela que se queira dar uma maior evidência, isto é, a um termo ou excerto anteriormente mencionado; uma estratégia pragmática, dentro da organização comunicativa, que a conjunção SENDO QUE parece ser capaz de exprimir, segundo ele (p.169).

Por outro lado, além do contexto do exemplo apresentado pelo autor ser curto, sem um escopo maior, o SENDO QUE ainda parece não sustentar essa leitura partitiva, embora não seja impossível essa estrutura vir, futuramente, assumir essa função na língua. Uma interpretação particular que se faz do exemplo acima é a de que a construção esteja funcionando como um conector causal ou explicativo entre as frases que liga, permitindo, por exemplo, a paráfrase: "O escalafón dos bandarilheiros não sofreu alterações significativas, **pois/visto que** Joaquim Praxerdes, João José, João Vilaverde, José Franco 'Grenho' e Albino Fernandes ultrapassaram as 60 corridas".

No domínio pragmático, Rauber (2013) afirma que a língua oferece recursos para as intenções comunicativas do falante. Desejos, vontades, ordens, etc. do domínio comunicativo e extralinguístico podem ser expostas na estrutura linguística. Segundo Rauber, uma estratégia interessante e produtiva de codificação sintática é o emprego de marcadores de foco informacional, o que ele busca atestar com o estudo do SENDO QUE (p. 82).

Ele afirma ter encontrado as primeiras ocorrências de SENDO QUE nos dados do córpus de Davies e Ferreira (2006), exemplos presentes na obra do Pe. Joam de Lucena, *Historia da Vida do Pe. Francisco Xavier* de 1600, exemplos que serão discutidos mais detalhadamente adiante.

Rauber traz a hipótese de que o desenvolvimento da perífrase tenha surgido de uma reanálise sintática em que a forma SENDO tinha a função primeira de verbo cópula, ligada a um sujeito e a um predicativo, como os exemplos:

Quadro 1: Reanálise hipotética do SENDO QUE segundo Rauber (2013).

1° estágio	*[...] as águas **sendo** tudo ao contrário ao mar **que**, como fogo tiram a oeste [...]*
2° estágio	*[...] as águas **sendo** [isto] **que**, como fogo, tiram a oeste*
3° estágio	*[...] as águas correm ao oeste com muita fúria, **sendo que** tiram a oeste como fogo.*

Fonte: Rauber 2013, p. 156.

Assim, Rauber (2013) acredita que o contexto *ser* (gerúndio) + o relativo *que*, com material interveniente, possa ter conduzido à reanálise da estrutura resultando na construção originalmente causal SENDO QUE.

Ele assume a pluralidade funcional da conjunção sob o pressuposto da variabilidade pragmática (quando cita Lehmann, 1995). Rauber acentua a questão comunicativa na configuração do SENDO QUE como marcador focal:

> Pragmaticamente, o falante/escritor tem de buscar estratégias linguísticas para marcar o foco sobre a porção informativa que considera a mais relevante. O ouvinte/leitor tem de interpretar essa estratégia; para isso, deve observar, por meio do contexto e do seu conhecimento pragmático, a informação que deve ser processada como adição ao que já sabia sobre determinado assunto, como contraste àquilo que achava saber ou como explicação, por exemplo. Linguisticamente, a construção *sendo que* materializa esse processo focal de intercomunicação (grifos do autor) (RAUBER, 2013, p. 224).

O autor faz aqui, novamente, referência à teoria de Dik, em que o ouvinte cumpre um papel imprescindível na construção do diálogo. Há uma interdependência pragmática dos envolvidos para que a comunicação ocorra; há uma cooperação mútua entre os participantes do evento comunicativo e é nessa interação recíproca que a efetividade linguística se consolida.

5.2 O *SENDO QUE* E A VARIAÇÃO

É muito comum, no PB, se ouvir falar em *gerundismo*. Criou-se um preconceito de que usar gerúndio seja um reflexo da não habilidade e competência de se falar português. Deixa-se perceber que o gerúndio é algo que está em uso na língua de forma "ilegal" e que se posiciona contra os moldes de língua correta e perfeita. Essa ideia ganha maiores proporções e crédito quando está presente no discurso de pessoas que se dizem professores, estudiosos da língua, conhecedores do idioma, gramáticos, inclusive; considerando-se com propriedade linguística o suficiente para dizer se certas construções são ou não próprias da língua, legítimas, atribuindo, na maioria das vezes, juízo de valor a elas.

Segundo Menon (2004), o gerúndio sempre esteve no português desde os períodos mais remotos da língua. Aquele que de fato conhece o português, de forma nenhuma condenaria o seu uso, pelo contrário saberia que é legitimo já que é histórico (presente já no início da formação das línguas românticas). Essas críticas e posicionamentos contrários ao uso do gerúndio são feitas por não se saber como se dá o funcionamento da língua, bem como pela falta de pensamento metalinguístico. São asserções provenientes de falantes comuns, sem conhecimento sobre a história da língua e, sobretudo, sobre mudança linguística.

A título de exemplificação, em qualquer visita à internet, consultando-se sobre o gerúndio, encontra-se uma gama de textos apontando alguma crítica a essa forma linguística, como a que segue:

> "Você pega o telefone para fazer uma queixa e, do outro da linha, uma operadora informa: 'nós vamos estar passando o problema para a equipe técnica'. 'Vamos estar passando'? Pois é, quantas vezes você ouviu uma estrutura parecida com essa nos últimos tempos? O curioso acerca do fenômeno é que, não importa quão atacada e condenada pelos gramáticos de plantão, essa 'moda' continua a se espalhar país afora. De onde surgiu tal estrutura? Sua origem mais provável são os manuais americanos de treinamento de operadores de *telemarketing*, nos quais uma estrutura típica do inglês *('we'll be sendig / doing / writing x tomorrow')* aparecia com frequência. Na versão rápida desses manuais para o português, a estrutura ganhou tradução literal ('vamos estar enviando / fazendo, escrevendo *x* amanhã') e desencadeou a moda que é chamada por alguns de

> 'secretariês', por ser muito utilizada por secretárias" (www.marijanemartins.wordpress.com)[33].

Menon (2004) explica que o que mudou não foi o uso, a implementação, do gerúndio, mas "o lado oposto", isto é, o início da composição da perífrase com gerúndio: ao invés de se dizer: *estarei passando*, diz-se: *vou estar passando/fazendo...* Ela chama a atenção para a questão do tempo futuro, o que pode ser feito sinteticamente e analiticamente.

A expressão do tempo futuro é que mudou; "o gerúndio sempre esteve lá", acrescenta a autora. A justificativa de que tal uso seja por influência da estrutura morfossintática do inglês também não se sustenta, haja vista as duas línguas serem e apresentarem origens e tipologias diferentes. O operador de *telemarketing*, a secretária ou qualquer outro profissional que se valha da língua ou das artimanhas comunicativas para serem bem sucedidos nas suas transações comerciais, falantes do português, possuem um domínio muito raso da língua estrangeira, os que o fazem. Sendo pouco provável que o fenômeno de uma interlíngua tenha a capacidade de conseguir tal feito: o de mudar a morfossintaxe de outra língua (MENON 2004, p. 221-226). Tudo o que ocorre e surge ou está na língua é porque ela o admite, ou porque está nela desde muito tempo, ou também porque não compromete o seu funcionamento nem o desempenho comunicativo de seus falantes (senão o aperfeiçoa), isto é, há um motivo, há um porquê, uma razão comunicativa, funcional.

Tudo indica uma situação análoga quando se observa a conjunção SENDO QUE. Parece haver um desdém quanto ao uso desse conector por parte de algumas pessoas. Essa aversão linguística pode ter sido herdada desse pensamento do "gerundismo", pelo fato de conter uma forma gerúndio na sua composição.

Com relação ao SENDO QUE, é possível também encontrar em alguns *sites* algumas posições contrárias ao seu uso, e, em alguns deles, recomenda-se outras para substituição, como o ponto e vírgula, ou apenas a pausa. Há, portanto, a resistência da normatividade sobre a língua que corrobora um posicionamento avesso a certas construções linguísticas por parte do falante comum, leigo, ou com pouco conhecimento de língua. No caso do SENDO QUE, o que se deve

---

[33] Disponível em: <http://marijanemartins.wordpress.com/coluna/uma-palavra-sobre-o-gerundismo/>. Acessado em 28 de julho de 2014.

provavelmente à polêmica do "gerundismo". Em mais uma visita à *internet*, encontra-se o posicionamento de um advogado que profere o que se segue, com o título "*sendo que* não existe!":

> A Carta Magna dispõe que: "A saúde é direito de todos e dever do Estado garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação" (art. 196), sendo que o "atendimento integral" é uma diretriz constitucional das ações e serviços públicos de saúde (art.198). Certo? Não: errado! A locução SENDO QUE não existe em linguagem formal. Deve ser substituída por outra construção. Confira-se: "A Carta Magna dispõe que: 'A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação" (art. 196). O "atendimento integral" é uma diretriz constitucional das ações e serviços públicos de saúde (art.198). Veja que esta segunda redação é mais clara, simples e objetiva e não prioriza o abuso do gerúndio (sendo que) (www.politano.com.br)[34].

O autor do texto também acrescenta outras frases, dando "soluções" de reescrita, nas quais se troca o SENDO QUE por outras palavras ou por apenas um sinal gráfico, um diacrítico: o ponto. Não há preocupação de se entender o porquê dos usos e do aparecimento de novas formas em determinados contextos linguísticos. No exemplo citado pelo advogado, o SENDO QUE tem valor aditivo; o porquê de ele estar ali é por necessidades pragmáticas, discursivas, por isso não foi omitido. Isso mostra que a língua segue seu próprio percurso, adquirindo e admitindo novos usos, mostrando que são os falantes quem fazem a língua.

A questão da variação é algo bastante marcado no processo de gramaticalização. A construção quando submetida à gramaticalização entra em concorrências com outras formas, passando a ser usada cada vez mais.

> Através da gramaticalização, podemos ver como a gramática da língua pode surgir assim como estruturas surgem em um complexo sistema adaptativo. Os mecanismos que operam em tempo real quando os falantes e os ouvintes usam a língua, repetindo várias vezes em múltiplos eventos de fala conduzem à mudança gradual pela qual morfemas gramaticais e suas construções associadas emergem. O material lexical que consiste de forma e significado é moldado em construções que são convencionalizadas, repetidas e repetidas várias vezes e submetidas a uma mudança maior tanto na forma quanto no significado (BYBEE, 2012, p. 110).

---

[34] Disponível em: <http://www.politano.com.br/userfiles/file/Sendo%20que.pdf>. Acessado em 21/01/2014.

Com base na autora, depreende-se que as formas linguísticas vão se adaptando e aderindo-se, gradualmente, aos eventos de fala. A gramaticalização opera nessas instâncias, operando nesse intercâmbio entre cognição e uso; seguindo a cadência de cada especificidade e contexto em que as manifestações comunicativas efetivas da língua acontecem.

A conjunção SENDO QUE é uma construção legítima do português e que tem sido alvo de críticas em diversas páginas na internet, por exemplo, por pessoas que muitas vezes não tem um conhecimento de língua aprofundado. Ao contrário do que fazem crer esses posicionamentos, o SENDO QUE é uma conjunção que faz parte não só da língua falada, do discurso não monitorado, mas também da variedade padrão escrita, como se vê nos seguintes trechos:

> Do ponto de vista do falante, isso significa que a expressão linguística não precisa ser uma verbalização plena da sua intenção; dada a informação que o falante tem acerca da informação que o destinatário tem no momento da fala, uma verbalização parcial será normalmente suficiente, SENDO QUE, muitas vezes, uma verbalização não-direta pode ser mais efetiva do que uma expressão direta da intenção (Neves, 1997, p. 20)

> *Habere* como verbo autônimo, no Latim Clássico, tinha vários sentidos; ele sobreviveu formal e semanticamente como verbo autônomo em várias línguas românicas: fr. *avoir*, it. *avere* etc.; sofreu gramaticalização como marcador de futuro somente em certos contextos, SENDO QUE o contexto básico foi aquele em que apareceu com infinitivo (Castilho, 2013, p. 26)

Talvez as reticências ao se fazer uso do SENDO QUE, por parte de alguns falantes (inclusive professores) se deva ao chamado *gerundismo,* como já mencionado e explicado no texto. Essa repulsa criada, possivelmente, dentro do contexto de comunicação de *telemarketing*, parece ter gerado uma cultura pouco simpática uso do gerúndio. Em contrapartida, seus usos não são periféricos no português; é visto facilmente tanto na língua falada ou escrita, desempenhando claramente a função de conector de orações. Esse conector faz parte de uma tendência bastante antiga na língua (cf. Said Ali, 1965), que é a de formar novas conjunções, a partir de material já existente, o que não é um desserviço à língua, mas um fenômeno de mudança que enriquece os paradigmas linguísticos.

Discutiu-se até agora sobre a variação com relação à aceitabilidade ou não por alguns falantes da conjunção SENDO QUE no uso corrente da língua. Nessa perspectiva, inclusive, percebe-se uma possível comutação com outros tipos de

conectores mais antigos na língua e por sua vez mais usuais, como o *visto que, dado que, já que*[35], etc.

Vale verificar também que a variação à qual se refere este trabalho está no plano da variação dentro do processo da gramaticalização; uma possível comutação entre as formas linguísticas *sendo* e SENDO QUE em alguns contextos específicos de uso entre eles, o que é mais evidente nas orações relativas, como se observará. Embora ambas não sejam pertencentes a uma única categoria da língua, isto é, trata-se de um verbo no gerúndio e de uma conjunção, podem apresentar variação, em certos contextos de uso, haja vista que podem ser alternadas sem a perda/troca de sentido.

Em outras palavras, busca-se analisar em que tipos oracionais (sintáticos e semânticos) é mais comum o aparecimento do gerúndio ou da conjunção. É importante ressaltar que não se trata de variantes de uma mesma variável (como na pesquisa sociolinguística, por exemplo), mas elementos linguísticos que assumem funções semânticas similares em certos contextos de uso.

Numa tentativa de se encontrar um *par mínimo*[36], o que configura uma tarefa árdua às vezes, foram selecionados dos exemplos em que há uma possível comutação entre o SENDO e o SENDO QUE. Nesses dados, o valor que parece ser atribuível é o de causa. Segue o esquema:

---

[35] Seria preciso um estudo quantitativo mais detalhado para se averiguar as primeiras aparições dessas locuções.

[36] Conceito postulado por Menon (1994). Não na concepção da Fonologia em que se soma traços distintivos do fonema, mas com o sentido de se ter um par mínimo em duas estruturas morfossintáticas comparáveis, onde seja possível a comutação sem perda de sentido.

Quadro 2: Comutação entre SENDO e SENDO QUE.

Dados que apresentam possível comutação entre SENDO e SENDO QUE	
O vestuário feminino é uma esquisitice muito comum entre senhoras intelectuais, envergarem paletó, colete e colarinho de homem, ao apresentarem-se em público, procurando confundir-se, no aspecto físico, com os homens, como se lhes não bastassem as aproximações igualitárias do espírito. Esse desdém da mulher pela mulher faz pensar que: ou as doutoras julgam, como os homens, que a mentalidade da mulher é inferior, e que, **SENDO** elas exceção da grande regra, pertencem mais ao sexo forte, do que do nosso, fragílimo; ou que isso revela apenas pretensão de despretensão. Seja o que for, nem a moral nem a estética ganham nada com isso. Ao contrário [...]. (www.corpusdoportugues.com.br – Livro das donas e donzelas – (1906) – Julia Lopes de Almeida)	O desenvolvimento deste povo não ficou somente no âmbito industrial e econômico, mas estendeu-se também aos costumes e à moral. Quase toda a população egéia era alfabetizada, ou seja, sabia ler e escrever, e havia uma impressionante igualdade entre homens e mulheres, **SENDO QUE** elas podiam trabalhar e ocupar quaisquer cargos que quisessem. Mas nem por isso deixavam de ser femininas pois, principalmente as mais financeiramente abonadas, dedicavam-se bastante à produção de roupas bonitas e elegantes, enfeitadas com bordados e feitas com tecidos nobres. (www.corpusdoportugues.com.br – Povo Egeu)
PARÁFRASE	**PARÁFRASE**
Esse desdém da mulher pela mulher faz pensar que: ou as doutoras julgam, como os homens, que a mentalidade da mulher é inferior, e que, ***sendo*** (VISTO QUE) elas, exceção da grande regra, pertencem mais ao sexo forte, do que do nosso, fragílimo.	Quase toda a população egéia era alfabetizada, ou seja, sabia ler e escrever, e havia uma impressionante igualdade entre homens e mulheres, ***sendo que*** (VISTO QUE) elas podiam trabalhar e ocupar quaisquer cargos que quisessem.

Nesses dois exemplos do século XX, parece haver um compartilhamento do mesmo sentido tanto por parte do gerúndio SENDO quanto pela conjunção SENDO QUE, ambos expressando uma ideia adverbial. Podem expressar ideia de causa no primeiro "**porque/visto que** elas são exceção da grande regra, pertencem ao sexo mais forte"; no exemplo seguinte, "...havia uma impressionante igualdade entre homens e mulheres, **porque/visto que** elas podiam ocupar quaisquer cargos que quisessem". Essa possível comutação semântica entre essas duas formas da língua se mostrou bastante recorrente, o que reforçou ainda mais a ideia de se fazer um estudo quantitativo e qualitativo dos dados, com o intuito de se acompanhar mais precisamente essa distribuição.

6 MATERIAL E MÉTODO

6.1 METODOLOGIA E CÓRPUS

Os dados[37] usados para a discussão deste trabalho são os que estão disponíveis no córpus do português de Davies e Ferreira (2006). Esse córpus é composto por um conjunto de textos, tanto do português de Portugal quanto do Brasil, do século XVI ao século XX. O site do córpus informa a divisão dos dados para essas duas variedades só para o século XX. Para o SENDO QUE, são 109 dados da variedade portuguesa e 635 da brasileira; para o SENDO, o restante dos dados, o que compreende a maior parte, quase 9 mil ocorrências. A busca dos dados no córpus é feita da seguinte forma: digita-se no espaço de procura a palavra ou sequência de palavras que se deseja, clica-se no século pretendido e o sistema sonda os dados contendo tais palavras, expondo-os em sequência, por século, de acordo com a obra.

Embora esse córpus tenha sido usado por Rauber (2013), este trabalho difere do dele, entre outras coisas, por tratar os dados quantitativa e qualitativamente[38], levando-se em conta não apenas o SENDO QUE, mas também as orações de gerúndio com SENDO. Foi feita uma contagem dos dados do século XVI ao século XX, contabilizando todos os SENDO (coordenativos, relativos e adverbiais) e todas as ocorrências de SENDO QUE. Numa tentativa de se compreender como se deu a mudança, a distribuição e a possível variação ao longo dos séculos entre o gerúndio e a conjunção, aplicou-se o programa probabilístico *GoldVarbX*. Todos os dados foram codificados para se fazer as rodadas estatísticas. Como grupo de fatores dependentes estão as variantes SENDO e SENDO QUE e os grupos independentes foram o linguístico: *tipo de oração* e o extralinguístico: o *tempo*, no caso, os séculos[39].

---

[37] Estudo o SENDO QUE desde a graduação. Envolvi-me na pesquisa dessa conjunção quando ainda fazia a iniciação científica: colhi alguns dados que encontrava em leituras avulsas. Esses dados particulares não fizeram parte das análises quantitativa e qualitativa aqui desenvolvidas, mas serviram para exemplificar e atestar as hipóteses defendidas.

[38] Rauber (2013) trabalha com os dados do *site*, porém não faz uma análise qualitativa, nem trata das orações com SENDO. Ele cita, numericamente, as ocorrências com o SENDO QUE, atribuindo os valores semânticos assumidos por elas.

[39] Não foram analisados aqui os fatores sociais sexo, idade e escolaridade (embora sejam contemplados em estudos variacionistas) devido à fonte de alguns dados e por sua extensão.

Para se chegar a esse objetivo principal, é necessário se propor objetivos mais específicos. O primeiro deles é averiguar qual seria o possível desgaste semântico (*bleaching* ou enriquecimento pragmático) e o contexto sintático por que esse elemento linguístico passou no percurso histórico, diacrônico, depreendendo-se assim o contexto linguístico que favoreceu o seu amálgama com o *que*. A forma gerúndio, como será exposto mais detalhadamente, já desempenhava desde o português antigo, o papel de núcleo das orações reduzidas, as chamadas *orações reduzidas [de gerúndio]* segundo as gramáticas tradicionais, escolares, podendo assim omitir o uso de conjunções prototípicas, pois a forma gerúndio representava o sentido subordinativo adverbial, relativo e/ou coordenativo da oração. As orações reduzidas de gerúndio podem representar tanto orações relativas quanto coordenadas, ou ainda adverbiais. Por isso, pode-se fazer o gerúndio assumir qualquer valor, qualquer coisa[40].

Segue também outro objetivo que é o de verificar o comportamento do SENDO QUE na perspectiva sincrônica da língua, vendo quais valores são assumidos por esse composto conjuncional, dado que se percebe, a princípio, seu caráter de assumir vários significados nos dados analisados. Ao longo do tempo, como se verá, o SENDO e o QUE participam de arranjos sintáticos que podem ter contribuído para uma reanálise que precedeu a formação dessa conjunção (cf. RAUBER, 2013).

Acredita-se que, além de cumprir o papel de conjunção causal, como já se percebe em textos anteriores ao século XX do português e que é reconhecido por gramáticos do século XIX, como Ernesto Carneiro Ribeiro [1839-1920] em seus *Serões Gramaticaes* (1919), o SENDO QUE detém também outros valores, como adição e o sentido relativo. O SENDO QUE parece estar em "concorrência", isto é, no "grupo de escolha" atualmente no paradigma das conjunções no português, se tratando de uma mudança em curso. Algumas ocorrências parecem apontar *(i)* que a conjunção esteja se especializando em uma construção adversativa ou concessiva, e *(ii)* ainda que alguns outros enunciados indicam uma interpretação distributiva e/ou

---

[40] No sentido de "qualquer coisa", a professora Odete Menon quer dizer que o gerúndio pode desempenhar qualquer valor oracional: uma referência, uma retomada, uma adversidade, uma adição etc. Exposição feita em aula durante ministração de disciplina do programa de pós-graduação em Letras da UFPR.

numerativa no português, o que será discutido no desenvolvimento da análise dos dados.

Como o propósito é analisar tanto as ocorrências de SENDO quanto as de SENDO QUE, e sabendo-se que o gerúndio pode se mostrar ambíguo em certos contextos, tendo valores bastante alternados, foi necessário estabelecer uma metodologia para a classificação das orações introduzidas por esses elementos. O exemplo que se segue apresenta essa ambiguidade, ocorrência do século XVII:

(17) Não há que fiar dela, porque em matéria de semblantes tomou a manha aos vinagreiros, cujas amostras **sendo** de bom licor, são as medidas de água chilra[41] (www.corpusdoportugues.com.br – Apolo -1640 – Francisco Manuel de Melo).

Apesar de apresentar, à primeira vista, a ideia de relação: *que são de bom licor...*, esse exemplo ilustra principalmente a ambiguidade do gerúndio SENDO, que a depender do contexto pode apresentar não só sentido relativo, mas também *temporal*: "quando são de bom licor...", *condicional*: "se (for) de bom licor...", *causal*: "porque é de bom licor...", e se se atenta para o sentido de "água chilra" como uma espécie de líquido insípido, o SENDO assume valor *concessivo*: "embora seja de bom licor, são medidas de água chilra (água-chilra)". Trechos que evidenciam o caráter ambíguo do gerúndio nessa oração. No conjunto de amostra aqui estudado, existe um grupo de dados de SENDO que configura essa leitura ambígua; ainda que o gerúndio possa ser classificado com o sentido de tempo, permite também outros sentidos; quando, por exemplo, trata-se de períodos de vida: *sendo rei, sendo mestre*; períodos do dia: *sendo noite, sendo tarde;* ou quanto a títulos, usos que aparecem em textos mais antigos da língua. Assim, por exemplo, é comum se dizer: *sendo menino/sendo já velho, sendo passados quatro dias, sendo meio dia, sendo tarde, sendo rei* (ou *reinando Dom João...*), *sendo conselheiro João etc.* Apesar de esses exemplos deixarem notar uma leitura temporal, pode-se também lê-las como tendo sentido de relativas:

(18) E Dom Martinho de Tavora filho de Ruy de Sousa **sendo** mancebo pedio a el-rey a alcaydaria-moor." (www.corpusdosportugues.com.br)

---

[41] Água chilra: água de moagem de azeitona, com impurezas. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/%C3%A1gua%20chilra>. Acesso em: 21 de maio de 2015.

"E Dom Martinho de Tavora filho de Ruy de Souza **que** *era* mancebo"; bem como causal: "Sendo (**porque** é) meio dia, o sol queima"; diferenças semânticas que exigem um contexto mais amplo para serem percebidas.

Duas análises que são próximas são a do SENDO aditivo e a do relativo, e que se mostraram bastante recorrentes nos dados analisados, como se verá. Optou-se aqui por considerar como SENDO relativo quando for imediatamente posposto ao termo a que se relaciona, o que se acredita ser bem exemplificado por esse exemplo de Garcia de Resende do século XVI:

(19) [...] De como Lopo Vaaz o Torrão se levantou com a vila de Moura e do que o principe sobre ysso fez Capitolo XX Depois d' el-rey Dom Affonso ser vindo de França no ãno de setenta e oito durando ainda as guerras de Castella, Lopo Vaz de Castelo-Branco a que chamavam o Torram, **sendo** alcaide-mor da vila de Moura sem causa alta se alevantou com a dita villa e fortaleza por el-rey / de Castela, contra el-rey Dom Afonso que o criara, e chamou-se conde de Moura ((www.corpusdoportugues.com.br - Vida e Feitos D'el-rey Dom João Segundo – (1533) - Garcia de Resende).

Nesse exemplo, é possível dizer que o gerúndio SENDO equivale a uma relativa, pois retoma e adiciona algo sobre o nome anteposto: "Lopo Vaz de Castelo-Branco [a que chamavam o Torram], **que** era alcaide-mor da vila de Moura...".

O gerúndio também expõe valor concessivo, o que sustenta certa ambiguidade, em alguns contextos, com o valor adversativo, visto que ambos ligam ideias opostas. Tradicionalmente, como elucida também Couper-Kuhler e Kortmann (2000), há uma tendência pela aparição da ideia concessiva anteposta: *Embora tenha chorado, não ganhou doce*, e a da adversativa posposta: *Chorou, mas não ganhou doce* (embora o critério estrutural não seja suficiente para classificá-las, visto que há também, e principalmente, o critério semântico), porém a concessão tem maior mobilidade, o que não é verdade para as adversativas. Segue o exemplo (8), repetido aqui como (20), que elucida isso:

(20) O "Doutor Morte", que se declarou abertamente como defensor da eutanásia, não se limitou a filmar o momento, como entregou a fita para divulgação à CBS, uma das maiores redes de televisão norte-americanas. A divulgação das imagens acarretou a abertura de processo contra o médico, que dispensou advogados para sua defesa. Alegou que sua prática era " uma forma de colocar fim ao sofrimento das pessoas ". Kevorkian foi condenado a penas entre 10 e 25 anos de prisão, SENDO QUE a máxima punição no estado do Michigan, onde foi condenado, seria a prisão perpétua. (www.corpusdoportugues.com.br – eutanásia – séc. XX).

Nesse exemplo, vê-se que são possíveis duas interpretações, *concessão* e *adversidade*, porém, a leitura concessiva parece ser semanticamente mais aceitável. Se se considera os fatores 'posição' (após a oração principal) e a ausência da marca do subjuntivo[42] (é o que trazem as gramáticas atuais, onde se prescreve o uso do modo subjuntivo com conectivos concessivos), haveria de se considerar tendo valor adversativo, mas o sentido leva a concluir como concessão: "**Embora** a máxima punição no estado do Michigan, onde foi condenado, *fosse/seria* a prisão perpétua, Kevorkian foi condenado a penas entre 10 e 25 anos de prisão".

Assim, excetuando-se exemplos como o acima, optou-se por considerar o fator posição para se classificar as adversativas e concessivas. Coube também fazer análises particulares, aplicando-se, eventualmente, os critérios semântico e contextual para resolver algumas ambiguidades.

O córpus Davies e Ferreira (2006), com o qual se trabalhou aqui nas análises, apresenta textos com o gerúndio SENDO que não são de interesse para a pesquisa, isto é, quando se faz a busca pelos dados, aparecem todos os exemplos que contemplam o SENDO, mas nem todos são o objeto de pesquisa desse trabalho. Foi necessário então fazer uma "limpeza" dos dados que não comtemplava o SENDO adverbial, aditivo, relativo, mas outros usos, como as perífrases verbais, como *anda sendo, está sendo, ia sendo, seguia sendo* etc., esses tipos de uso foram descartados. Acrescenta-se ainda e é importante dizer que não se fez restrição a nenhum gênero textual, foram analisados todos os tipos textuais disponíveis no córpus que continham o objeto de estudo, como: *cartas pessoais, títulos, crônicas, textos literários, certidões, diários, diálogos, petições, textos religiosos,* etc. Foram separados, da análise estatística, os dados de fala (que apresentaram um número bastante reduzido e que tiveram ocorrência apenas no século XX, depois da segunda metade, devido às condições de registro), usados posteriormente apenas para elucidar alguns usos que também estão presentes na língua oral. Reserva-se também uma pequena análise para o SENDO QUE nas variedades portuguesa e brasileira no século XX na língua escrita, com hipóteses de haver divergências de usos para a conjunção entre essas duas variedades.

---

[42] Apesar de as conjunções concessivas prototípicas marcarem o subjuntivo nos verbos das orações que encabeçam, o SENDO QUE, quando imprime valor concessivo, não traz essa marca, deixando o verbo no indicativo. Uma discussão sobre os usos dos modos indicativo e subjuntivo nas orações concessivas foi apresentada por Menon (2007) em um trabalho publicado nos Cadernos de Pesquisa Linguística da PUCRS.

6.2 HIPÓTESES E JUSTIFICATIVA

A elaboração deste trabalho deveu-se as seguintes justificativas: *(i)* a necessidade de se fazer um estudo linguístico que contribua para o esclarecimento da emergência de novas formas na língua, formas que, às vezes, enfrentam rejeição por parte de alguns falantes, isto é, são vistas com maus olhos, julgadas como sendo de mau uso da língua. Preconceito que provavelmente é herdado de uma tradição linguística normativa, sem, muitas vezes, nenhuma ou qualquer cientificidade, pautada, portanto, apenas na herança prescritiva; *(ii)* pela necessidade de se fazer também um estudo diacrônico, que venha a contribuir para os estudos da língua, para se entender mais a fundo como funciona o sistema linguístico em meio ao surgimento e renovação de algumas formas e categorias gramaticais; *(iii)* tenta-se ainda elucidar com o estudo da conjunção aqui abordada, como se dá a renovação da gramática de uma língua através do processo de gramaticalização. E, por fim, como ocorre a variação e a mudança na perspectiva da gramaticalização ao longo do tempo, usando para isso uma metodologia de natureza estatística com os dados.

As hipóteses que conduzem este trabalho são as seguintes: *(i)* a de que a conjunção SENDO QUE tenha surgido na língua a partir de uma configuração sintática do gerúndio *sendo* adverbial ou coordenativo (aditivo) seguido de um adjetivo ou advérbio acompanhado de um *que*; *(ii)* que o SENDO QUE esteja se especializando como uma conjunção *adversativa* ou *concessiva* na língua (mais aquela do que esta), opondo ideias, além de parecer permitir uma leitura distributiva/enumerativa no português; *(iii)* e ainda, através de uma análise quantitativa e qualitativa com orações encabeçadas pelas formas SENDO e SENDO QUE, vá se perceber a variação e os contextos nos quais estão se especializando.

7 ANÁLISE E RESULTADOS

A seguir, são desenvolvidas as análises. Começa-se com uma abordagem do *sendo* formando estruturas linguísticas particulares, com usos e sentidos também específicos, revelando a possibilidade variada de emprego do verbo *ser* na língua. Adiante, expõem-se ocorrências nas quais se identifica ambiguidade, tanto em

orações iniciadas com SENDO quanto com SENDO QUE. Tenta-se mostrar, a hipótese de surgimento desta conjunção com base em enunciados e arranjos sintáticos reais da língua. Por fim, as análises quantitativa e qualitativa dos dados.

7.1 UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA: O SURGIMENTO DE UM NOVO CONECTOR

Ao se tomar as seguintes sequências, observa-se que, em um mesmo recorte de tempo, o verbo *ser* participa de instâncias diferentes na língua, podendo ter os seguintes valores:

(21) Ela **é** a filha do primeiro ministro (dado criado).

(22) O estabelecimento *está* **sendo** *inspecionado* pela vigilância sanitária (dado criado).

(23) **Sendo** verdade as acusações, nada poderá livrá-lo (dado criado).

(24) [...] estima-se que apenas 8% de sua área original continua intacta, SENDO QUE originalmente, a extensão total da Mata Atlântica formaria cerca de 12% do território brasileiro (www.corpusdoportugues.com.br).

Atentando-se para os quatro exemplos acima, observa-se que o verbo *ser* serve como *verbo cópula* (designação usada por Castilho, 2012), ou verbo de ligação em (21) - perdendo sua função de verbo *pleno* ainda no século XIV. Apesar de que o verbo *ser* ligando o sujeito ao predicativo ainda poder ser chamado de verbo pleno, como afirmam alguns gramáticos. Castilho (2012), no entanto, por trabalhar com predicados, afirma que o verbo *ser* deixou seu papel de verbo pleno quando deixou de ser núcleo do predicado, passando esse papel ao predicativo: *Maria é bela*. Em que *bela* é que é núcleo e não mais o verbo. Em contrapartida, ao se tomar como posição metodológica a classificação de verbos tendo estatuto de pleno ou auxiliar, poderá desempenhar, portando uma ou outra categoria; assim, nessa concepção, o verbo *ser* sustentaria categoria de verbo pleno: *Maria é bela*, "Maria existe com a característica de ser bela", "Maria existe como/sendo bela". (CASTILHO, 2012, p. 399).

Em (22), participa com o auxiliar *estar* da construção da perífrase verbal, que corresponde ao momento da enunciação. O verbo *ser* sustentava acepção de algo

permanente, daquilo que é fixo, imutável, enquanto *estar* figura o transitório[43], porém esses sentidos distintos se deram em um período posterior, pois antes esse dois verbos entraram em concorrência, o que permitiu a competição entre eles em posição de verbo auxiliar (MENON 2008, p. 57-58); nessa configuração sintática junto com o auxiliar *estar* e seguido de um particípio, exemplo (22), o *sendo*, nesse contexto, exibe ideia de continuidade. Em (23), aparece uma instância em que o gerúndio representa uma oração - oração reduzida de gerúndio, como postula a GT, ou ainda orações adverbiais gerundivas. Observa-se em (24) que houve a formação de um composto conjuncional novo, SENDO QUE, composto da forma gerúndio do verbo *ser* mais o conector *que*, o qual já está na língua há bastante tempo, a saber, presente em obras do início século XVII (1603, 1624), o que faz pressupor o seu surgimento no século anterior:

(25) Quererá Deus que tudo se recupere na de Alentejo, se bem ouvi ontem ler uma carta que não alenta nada o nosso partido, SENDO QUE não é por falta de recomendações e assistências de S. M., mas a nossa desunião e os nossos vagares são os nossos maiores inimigos" (www.corpusdoportugues.com.br)[44].

Essa conjunção parece que estava começando a ter certa estabilidade na língua entre os séculos XVIII e XIX, o que levou Ernesto Carneiro Ribeiro a considerá-la, em seus *Serões Gramaticaes*, dentro das conjunções causais ou causativas. Assim ele afirma:

> Conjuncções causaes ou causativas. As conjuncções causaes ou causativas ligam entre si duas proposições, das quaes uma se acha contida na outra como o effeito na causa. A que apresenta o effeito é a principal, sendo a outra secundaria ou subordinada. São causativas as conjuncções *como, pois, porque, porquanto*, e as formulas conjunctivas pois que, *já que, visto que,* **sendo que**: [...] "Estes são mil vezes mais desgraçados, porque se recordam de que para elles houve já esplendores e harmonias, e podem medir o vácuo tedioso e desconhecido das trevas e do silencio em que vivem" (A.Herc.). "O piloto mor Pedro de Alemquer não o sabia determinar, *sendo que*, na viagem de Bartholomeu Dias, a primeira vez que dobrava o famoso promontório, navegando muito ao largo, o não pudera descobrir" (RIBEIRO, 1919, p. 469).

Talvez por se tratar de uma gramática que visava à descrição da língua formal, ou por talvez ter acesso apenas a exemplos da conjunção com usos

---

[43] Peculiaridade que, dentro do grupo de línguas românicas, se desenvolveu apenas pelo português e pelo espanhol.
[44] Sem datação.

específicos de causa, o autor não tenha abordado o quadro semântico mais abrangente da conjunção, tratando-a apenas como conjunção causal. No exemplo de Ribeiro, a noção de causa se dá como nessa paráfrase: "O piloto mor Pedro de Alemquer não o sabia determinar, **porque**... o não pudera descobrir.".

O SENDO QUE parece representar, sobretudo, subordinação adverbial, mas assume também valores coordenativos, adicionando e contrastando ideias. O valor aditivo apresentado pela conjunção pode ser interpretado como tendo ainda umas das funções que o gerúndio pode apresentar sintaticamente, que é o de uma adição, podendo representar uma oração aditiva. A sequência "sendo que" pode ter a paráfrase: "e alguma coisa mais que" ou "e é algo mais que", "existe algo mais que é...", se se tomar o caráter existencial de *ser*. Ou, no contexto apresentado, simplesmente como a conjunção prototípica aditiva *e*.

(26) [...] Pella menhã amanheceo o vento Noroeste muito rijo, e com mares grossos, e a almiranta e galião perto desta capitania. Tomou o Piloto o sol, e achou se em trinta e seis graos, e deu de sangradura a nao corenta legoas. À tarde se navegou com o mesmo vento, hindo toda a parte do dia só com o traquete por esperar pello galião Sam Francisco; não se tem tomado athé agora a vista do pataxo, **sendo que** há três dias que nos falta. Segunda feira 21. Pella menhã amanheceo o vento Oesnoroeste, e almiranta e galião junto a esta capitania; tomou o Piloto o sol, e achou se em trinta e seis graos e hum terço, e corenta e seis legoas da bahia da Lagoa, terra da altura; deu de sangradura a nao corenta legoas levando ainda a proa [...] (SILVEIRA, 1656, p.56).

(27) [...] a tarde deste mesmo dia de S. Tomé tivemos festejada com touros de água, que vimos de palanque, porque, estando nós alojados num assento sobre o rio, à sombra de árvores, com as canoas abicadas em terra, vieram dois crocodilos (que aqui chamam jacarés) a rondar-no-las por fora. Não provaram neles os índios as frechas, porque já sabem que as conchas de que estão armados são impenetráveis a elas, **sendo que** as frechas de cana, a que chamam *tacoáras*, não há saia de malha tão forte, nem tão dobrada, que lhes resista, e, se são tiradas de boa mão, passam uma porta de madeira rija de parte a parte. Os nossos soldados, porém, empregaram neles as suas espingardas, mas com o mais acertado efeito que se pudera imaginar, porque a um meteram três balas na cabeça; e, posto que a cada tiro mostravam sentir o golpe, saltando e mergulhando abaixo [...] (www.corpusdoportugues.com.br - Cartas – (1626) – Vieira).

Percebe-se, no exemplo (26), o valor do traço aditivo ou mesmo relativo da conjunção: "[...] À tarde se navegou com o mesmo vento, hindo toda a parte do dia só com o traquete por esperar pello galião Sam Francisco; não se tem tomado athé agora a vista do pataxo, **e que** há três dias que nos falta [...]", ou mesmo com função de um pronome relativo: "**que** há três dias que nos falta", ou ainda explicando o motivo pela qual não se vê o pataxo: "... não se tem tomado athé agora a vista do

pataxo[45], *visto que/porque* há três dias que nos falta". Esses exemplos são do século XVII, e mostram que desde então o SENDO QUE já apresentava mais de um valor na conexão de orações. No exemplo (27), percebe-se certa ambiguidade, a conjunção pode ter valor aditivo, causal ou concessivo (mais ainda este último). Acredita-se não haver problemas de entendimento, no exemplo (27) citado, caso seja parafraseado, substituindo o SENDO QUE por conectivos subordinativos prototípicos: "[...] Não provaram neles os índios as frechas, porque já sabem que as conchas de que estão armados são impenetráveis a elas, **embora/ainda que** as frechas de cana, a que chamam [...]"; isto é, "**ainda que** as frechas de cana, a que chamam *tacoáras*, não haja saia de malha tão forte que lhes resista, não as provaram os índios neles, porque já sabem que as conchas de que estão armados são impenetráveis a elas", colocando-se a concessiva anteposta, fica mais fácil de perceber a ideia concessiva. Se se pressupõe que o autor intencionava dar continuidade à narrativa, "emendando-a", pode-se então interpretar como uma conjunção aditiva *e*, ou ainda, com sentido causal, se se considera como dando uma justificativa, uma causa: "SENDO QUE (*porque, visto que*) as frechas de cana, a que chamam *tacoáras*...".

Revisitando os primeiros dados apresentados por Rauber (2013), retirados do córpus de Davies e Ferreira (2006) da ocorrência do SENDO QUE, observa-se que são datados do século XVII, precisamente 1600 – o que configuraria as primeiras ocorrências da conjunção até então encontradas. Rauber (2014) afirma que as primeiras ocorrências do SENDO QUE que estão disponibilizadas nesse conjunto de textos estão em um documento português, *Histórias e Vida do Padre S. Francisco Xavier*, do Pe. Joam de Lucena:

(28) [...] que trouxera, se tornou para eles. e o primeiro caminho foi à igreja (onde aquela mesma manhã dissera missa) a oferecer a Deus a própria vida e a lhe encomendar como a eterno e verdadeiro pastor as ovelhas e logo, recolhendo toda a gente que ficava na terra, faz volta com eles, levando-os diante de si para o mar onde instava e trabalhava todo o possível para que se embarcassem, especialmente as mulheres e os meninos, sem fazer caso dos que de todas as partes lhe pediam se salvasse também a si mesmo. Antes, **sendo que** se vinham os barcos chegando, abalou só para eles com um rosto alegre e sereno, não a ferir e a ser ferido, nem a morrer matando, qual foi a falsa devoção dos Décios romanos quando enganados dos sonhos supersticiosos e diabólicos e muito mais da vaníssima ambição do nome e fama do próprio valor e amor dos seus, se meteram armados pelos exércitos

[45] Atualmente se escreve "patacho" com 'ch', porém optou-se por manter, em todos os dados, a grafia que consta nos dados do córpus.

inimigos, mas a esperar, receber e agasalhar a morte corno fazemos aos hóspedes de mais qualidade e obrigação, quando, para mostrar que [...] (www.corpusdoportugues.com.br).

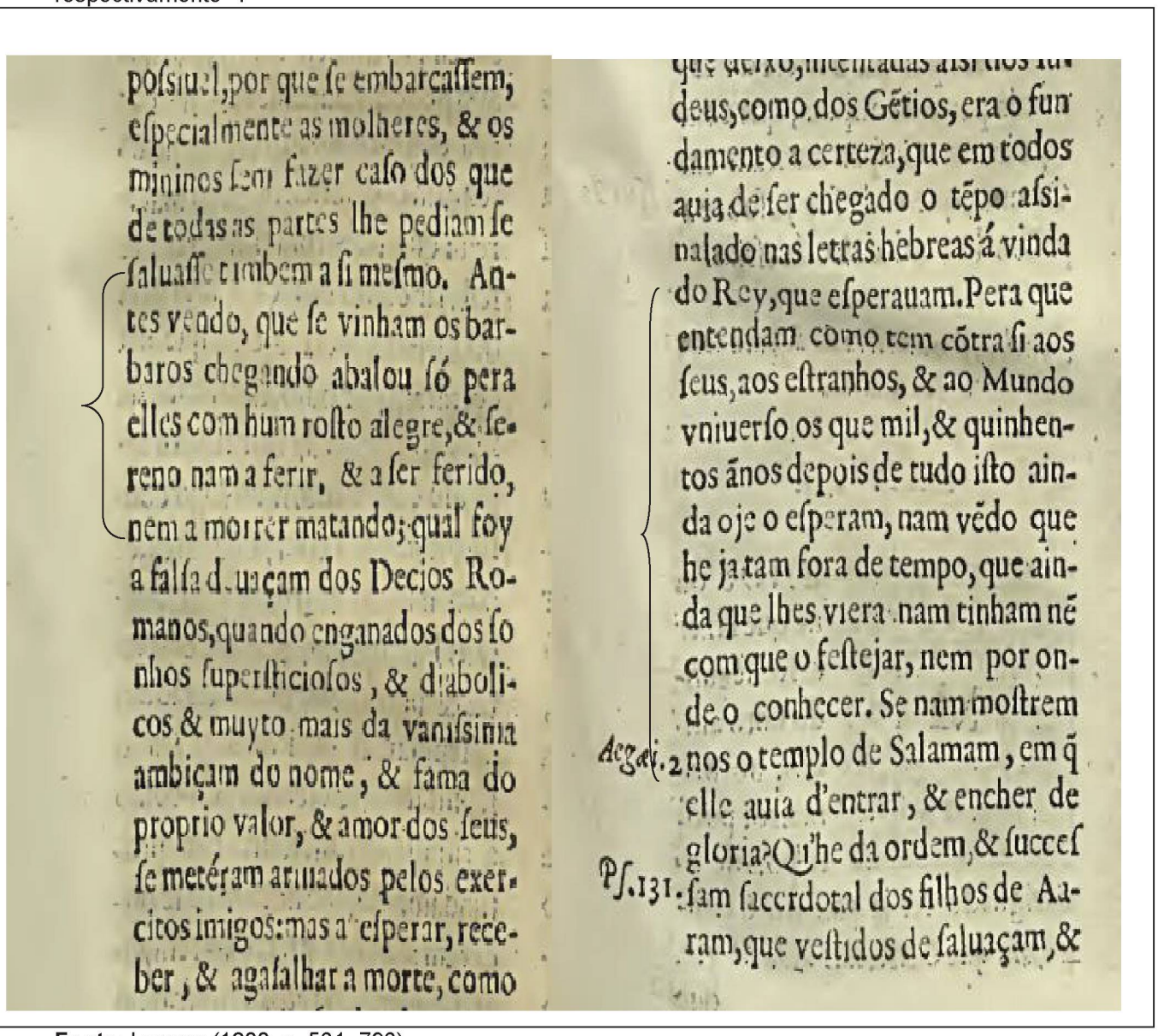
(29) [...] corte imperial grandemente valido do mesmo Vespasiano e tinha (como diz Filóstrato) posto em espanto os alexandrinos com outras e muitas invenções de monstruosos enganos. Mas de todas estas coisas e de muitas outras que deixo intentadas, assim dos judeus como dos gentios, era o fundamento a certeza que em todos havia de ser chegado o tempo assinalado nas letras hebraicas à vinda do rei que esperavam. Para que entendam como têm contra si os seus, os estranhos e o mundo universo os que mil e quinhentos anos depois de tudo isto ainda hoje o esperam, não **sendo que** é já tão fora de tempo que, ainda que lhes viera, não tinham nem com que festejar, nem por onde o conhecer, senão, mostrem-nos o templo de Salomão em que ele havia de entrar e encher de glória Que é da ordem e sucessão sacerdotal dos filhos de Aarão que, vestidos de salvação e justiça o haviam de receber e festejar Que e da propriedade da república hebreia a que Jacob, falando com seu filho José, chamava bem sua própria bênção junta e corroborada com as [...] (www.corpusdoportugues.com.br).

Os dois dados apresentados acima estão assim dispostos no córpus de Davies e Ferreira (2006). Segundo Rauber (2013), apesar de o SENDO QUE não ter um valor característico de tempo nos dados históricos do português, ele sugere duas interpretações para as ocorrências aqui representadas em (28) e (29). Trata-se de uma perífrase conjuncional que pode ser entendida e parafraseada, segundo Rauber, como: [...] *Antes,* ***porque/uma vez que****[causa]* *se vinham os barcos chegando, abalou só para eles com um rosto alegre e sereno,* e o exemplo seguinte: [...] *Antes,* ***quando****[tempo]* *se vinham os barcos chegando, abalou só para eles com um rosto alegre e sereno.* Rauber acrescenta que o SENDO QUE é extremamente polissêmico nos dados do córpus do século XVII (RAUBER, 2013, p. 175).

A professora Odete Menon, se valendo do seu conhecimento de língua antiga, desconfiou da legitimidade desses dados porque os textos, tais como reproduzidos por Rauber, não faziam sentido; eram incoerentes, o que a levou a conferir se se tratava de fato do que o córpus registrava, checando na obra original se realmente o trecho conteria a conjunção SENDO QUE. Depois de ler minuciosamente, o documento digitalizado, encontraram-se os respectivos trechos da obra nas páginas 531 e 793 respectivamente. Na verdade, não se tratava do SENDO QUE e sim de sequências com o gerúndio *vendo*, do verbo *ver*, seguidos de oração SSOD (subordinada substantiva objetiva direta). Como a fonte já era obra impressa, nem se poderia alegar erro ou confusão de leitura, como, às vezes, acontece em fontes manuscritas. Com isso - veja-se abaixo a reprodução fac-

similada dos 2 trechos da obra - invalida-se os 2 exemplos como ocorrências da conjunção no séc. XVII (ou do XVI, se considerada a data de nascimento do autor)[46].

Figura 2: Recortes da obra *História da vida do padre Francisco Xavier,* páginas 531 e 793 respectivamente[47].



posſiuel, por que ſe embarcaſſem, eſpecialmente as molheres, & os mininos ſem fazer caſo dos que de todas as partes lhe pediam ſe ſaluaſſe tambem a ſi meſmo. Antes vendo, que ſe vinham os barbaros chegando abalou ſó pera elles com hum roſto alegre, & ſereno nam a ferir, & a ſer ferido, nem a morrer matando; qual foy a falſa diuaçam dos Decios Romanos, quando enganados dos ſonhos ſuperſticioſos, & diabolicos & muyto mais da vaniſsima ambiçam do nome, & fama do proprio valor, & amor dos ſeus, ſe metéram armados pelos exercitos imigos: mas a eſperar, receber, & agaſalhar a morte, como

deus, como dos Gẽtios, era o fundamento a certeza, que em todos auia de ſer chegado o tẽpo aſsinalado nas lettas hebreas á vinda do Rey, que eſperauam. Pera que entendam como tem cõtra ſi aos ſeus, aos eſtranhos, & ao Mundo vniuerſo os que mil, & quinhentos ãnos depois de tudo iſto ainda oje o eſperam, nam vẽdo que he ja tam fora de tempo, que ainda que lhes viera nam tinham nẽ com que o feſtejar, nem por onde o conhecer. Se nam moſtrem
Aggæi. 2 nos o templo de Salamam, em q̃
elle auia d'entrar, & encher de
gloria? Q̃ lhe da ordem, & ſucceſ
Pſ. 131. ſam ſacerdotal dos filhos de Aa-
ram, que veſtidos de ſaluaçam, &

Fonte: Lucena (1600, p. 531, 793).

[46] Devido a isso, levantou-se uma suspeita com relação ao uso desse córpus. Dessa forma, encontrada essa falha, procurou-se fazer uma busca por outras dez obras, averiguando, minimamente, no original, se os exemplos apresentados pelo córpus realmente correspondiam aos presentes nas obras. Quanto aos outros dados, não foi identificada nenhuma divergência, o que assegurou, em certa medida, o seu uso.

[47] Esse é um erro que se presume ocorreu, provavelmente, durante a leitura e passagem da obra à versão digital.

A partir de uma discussão sobre a ocorrência desses dois dados que, como exposto acima, foi citado por Rauber (2013) como sendo as duas primeiras ocorrências dessa conjunção, conclui-se, portanto, que essas não são as primeiras ocorrências de SENDO QUE e sim do verbo *ver* gerúndio mais o *que* integrante, introdutor de objeto direto. Os trechos são os seguintes: "Antes **vendo, que** se vinham os bárbaros chegando abalou só para eles com hum rosto alegre & sereno, nam a ferir [...]"; e "Pera que entendam como tem contra sí aos seus, aos estranhos, & ao Mundo vniuerso os que mil, & quinhentos ãnos depois de tudo isto ainda oje o esperam, nam **vendo que** he já tam fora de tempo, que ainda que lhes viera nam tinham [...]".

Eliminados esses dois dados, tem-se como primeira ocorrência do SENDO QUE, nesse córpus, o exemplo encontrado na obra *Peregrinação* (1603) de Fernão Mendes Pinto (cf. p. 89 para uma explanação pormenorizada), que será citado na sequência e que parece indicar *causa* ou *concessão*. Soma-se a este, outros dados presentes nas *Cartas* do padre Antônio Vieira. Encontram-se várias ocorrências de SENDO QUE na obra *O Diário do Conde de Sarzedas* de D. Rodrigo Lobo da Silveira de 1655, composta por relatos de viagem, em que se conta os feitos e acontecimentos que se davam a bordo (época que ainda compreendia o período das grandes navegações e história dos desbravamentos e colonização portuguesa). Eis o dado:

(30) [...] que dtro em vinte dias elle foy saõ, sem lhe ficar mais mal que só hum pequeno esquecimento no dedo polegar, pelo qual el Rey & todos os senhores daly por diãte me fizerão sempre muyto gasalhado, & muyta honra, & o mesmo me fizeraõ a Raynha & suas filhas, as quais me derão muytas peças de vestidos de seda, & os senhores me derão treçados & abanos, & el Rey me deu seiscëtos taeis, de maneyra que ainda a cura me montou mais de mil & quinhentos cruzados que de lâ trouxe. Neste tempo, SENDO QUE aly estauão a mym cos treçados nùs nas mãos me quiserão logo matar, porem el Rey bradou rijo dizendo, ta, ta, ta, inquiranno primeyro, porque sospeito que vem esta cousa de mais lõge, porque pode ser que peitassem este homë algus parentes dos tredos de que o outro dia mãdey fazer justiça. E chamando então os dous moços fidalgos que se acharão aly com seu filho, os inquirio com grandes preguntas, a que responderão que a minha espingarda o matara com hus feitiços que [...] (www.corpusdoportugues.com.br - Peregrinação – [1603] – Fernão Mendes Pinto).

Aqui, no exemplo (30), o SENDO QUE aparenta funcionar como conjunção causal ou concessiva. Nessa época, essa construção parece que não estava ainda bem gramaticalizada. Retirando o trecho do exemplo, parece que haveria outro arranjo, algo como: "Neste tempo, ***sendo*** eu aly e eles com os treçados nùs nas mãos com ***que*** quiseram logo me matar, porem el-Rey bradou rijo..". Essa é apenas

uma hipótese, visto que o SENDO QUE permite mais de uma interpretação. Parece que a conjunção pode permitir as seguintes paráfrases: "Neste tempo, **porque** aly estauão a mym cos treçados nùs nas mãos me quiserão logo matar, porem el-Rey bradou rijo dizendo". Ou, com ideia concessiva: "Neste tempo, **embora** aly estavão cos treçados nùs nas mãos me quiserão logo matar", mostrando o caráter polissêmico da conjunção já na sua recente formação.

A obra *O Diário do Conde de Sarzedas* (1655) revela um número bastante considerável de SENDO e SENDO QUE: são 33 exemplos do gerúndio e 10 da conjunção SENDO QUE. Isso leva a se pensar na sua origem e que contexto sintático conduziu ao surgimento dessa composição. Acredita-se, visto que é uma das condições para o desencadeamento do fenômeno da gramaticalização (HEINE e TRAUGOTT 1991; BYBEE 2010), que o SENDO pode ter começado a ser usado com mais frequência em fins do século XVI a ponto de ser reinterpretado juntamente com *que*, resultando numa conjunção nova e polissêmica. A grande questão é se flagrar o momento em que o substantivo **caso** ou o adjetivo **certo** se perdem, desaparecendo de entre os elementos *sendo* e *que*, passando a ser interpretados como um conector, isto é, quando não se podia mais ser colocar na forma desenvolvida. S*endo caso que* (ou *sendo certo que)* não foram mais empregados em certos contextos, se reduzindo a *sendo que*, amalgamando-se e produzindo uma nova construção. Segue abaixo um quadro em que se tenta hipoteticamente mostrar a união de *sendo* ao *que*, a partir de um contexto de SENDO coordenativo aditivo ou subordinativo adverbial com o substantivo *caso*, que desaparece, ou mesmo o adjetivo *certo*:

Quadro 3: Progressão hipotética da junção de SENDO ao QUE.

DADO	REARRANJO E REANÁLISE MORFOSSINTÁTICA DA CONJUNÇÃO
[...] aos dezoito dias do mes de Mayo de mil e quatrocentos e setenta e cinco annos, de que el-rey e o principe e toda a corte e o reyno receberam grande prazer e se fezeram festas e muytas allegrias. E porque el-rey hia a casar a Castella, determinou logo ahi e o deixou assi assentado, que ***sendo*** *caso* ***que*** ele ouvesse filhos da raynha e o principe fallecesse primeiro que elle, que a socessam do reyno ficasse ao ifante Dom / Afonso seu neto; e logo ahi o decrarou por seu erdeiro, e deixou ordenado que o jurassem [...] (WWW.CORPUSDOPORTUGUES.COM.BR – Vida e feitos Del-rey Dom João segundo – (1533) – Garcia de Resende)	"E porque el-rey hia a casar a Castela, determinou logo ahi e o deixou assi assentado, **sendo que** *se* ele ouvesse filhos da raynha e o prencipe falecesse primeiro que elle, que a socessam do reyno ficasse ao infante Dom Afonso seu neto [...]"
[...] No qual anno se fez hua virtuosa conuençam entres hos filhos de dom Fernando duque de Bragança, marques de Villa Viçosa, conde de Barçelos, d'0urem, e d'Arraiolos, na qual dom Ioão, e dom Afonso, e dom Aluaro prometteram que ***sendo*** *caso* ***que*** seu irmão mais velho dom Fernando, conde de Guimarães, faleçesse antes do duque seu pai, que elles todos tres desistiam da auçam que lhes ho direito podesse conçeder, de herdarem has terras, e senhorios do duque seu pai [...] (WWW.CORPUSDOPORTUGUES.COM.BR – Crônica do príncipe Dom João – Séc. XVI – Damião de Goes)	"[...] No qual anno se fez hua virtuosa conueçam entres hos filhos de dom Fernando duque de Bragança, marques de Vila Viçosa, conde de Bracelos, d'ourem, e d'Arraiolos, na qual dom Ioão, e dom Afonso, e dom Aluaro prometeram que **sendo que** *(se)* seu irmão mais velho dom Fernando, conde de Guimarães, falecesse antes do que o duque seu pai[...]".
[...] E depois de feito Deos e homem deitou outro pregão sobre o mesmo caso dizendo aos discípulos: nam convém a vós outros saber o que está por vir, porque isso pertence à omnipotência do padre. Polo qual mui maravilhado estou dos letrados mostrarem-se tam bravos contra tam hórridos pregões e defesas do senhor, ***sendo*** *certo* ***que*** nunca cousa destas disseram de que nam ficassem mais mentirosos que profetas, e nam menos me maravilho daqueles que crem que nenhum homem pode saber aquilo que nam tem ser senam no segredo da eternal sabedoria [...] (WWW.CORPUSDOPORTUGUES.COM.BR – Obra completa (N-Z) – Séc. XVI – Gil Vicente)	"Polo qual mui maravilhado estou dos letrados mostrarem-se tam bravos contra tam hórridos pregões e defesas do senhor, **sendo que** nunca cousa destas disseram de que nam ficassem mais mentirosos que proferas, e nam menos me maravilho[...]"

Fonte: www.corpusdoportugues.com.br

Assume-se a hipótese de que a conjunção SENDO QUE tenha surgido a partir do SENDO adverbial condicional (ou a partir do SENDO coordenativo, aditivo) como são expostos na configuração sintática dos exemplos acima, isto é, o SENDO teria um uso majoritário como condicional. Essas sequências de SENDO e QUE com as palavras 'caso/casso' e 'certo' interpostas são comuns nesse período da língua, o

que pode, com a rotinização do uso, ter contribuído para tal formação, sendo reanalisadas como conjunção posteriormente.

Voltando ao dado encontrado na obra *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, de 1603 (segundo o córpus), percebe-se que a construção SENDO QUE é mais antiga do que parece, ou pelo menos mais antiga do que os dados indicam. Fernão Mendes Pinto, explorador português, foi uma pessoa do século XVI [1509-1583], apesar de sua obra ter sido publicada no início do século XVII (1617)[48], pressupõe-se, por isso, que essa conjunção tenha aparecido ainda no século XVI.

Abaixo, seguem outros exemplos, presentes no córpus, que mostram a construção sintática da qual se acredita ter emergido o SENDO QUE.

(31) [...] ho outro fique defora. ho que se assy cumprira sem escandalo & por seruiço de deos Os quaaes mordomos hyram com as varas nas hydas dos finados & justiçados & preçissoões pera regerem & ordenarem como tudo vaa a seruiço de deos & em boõa ordenãça E ***seendo*** *caso* ***que*** se nõ ache nynguem pera mordomos que emtom seruam os officiaaes que forom ho anno passado pollo dito modo. Do mordomo da capella & ho que a seu carreguo pertençe. Capitulo.xij. da Misericordia. / Folio ix Depois de assy serem emleytos os ditos. mordomos como dito he. O que for da capella: estara sempre nella aquelle mes continuadamëte: dãdoo a deos em dizimo. O qual tera carrego de arecadar as esmolas & offertas que se offereçerë no altar. & ysso mesmo os [...] (www.corpsudoportugues.com.br - O Compromisso da Confraria da Misericordia – [1516] - Confraria Da Santa casa de Misericórdia De Lisboa)

(32) [...] todo o mais que sobre yso vos sprevy, pella carta que levou Luis Afonso, seguyres. Iteem: eu vy os capitollos que vos forã dados, e asy o que respondestes, que foy muy bem respõdido, por nam acatardes de emtemder em nenhum d'eles, se nam somente no capitolo que toca na maneira do juizo das cartas da marca, o qual me pareceo necesario vos mãdar beem decrarado, como veres pello capitolo que cõ esta vos emvio. E aimda que cõ vossa reposta elles se tenham lançado de la se fallar neles pera este negocio, ***seendo*** *caso* ***que*** tornasem a dizer que avies de entender ~etender neles, ou em algum d'eles, pera o negocio do cõcerto se avede cõcludir, vos vos escusares d'iso com todas as booas pallavras que poderdes; e quãdo, por deradeiro ysto nam aproveitar, e toda vya quiserem que se cõcluda o negocio cõ eles, ou como algum d'eles, ho nam aceytares em nenhuma maneira, por que os ey por muyto perjudiciaes pera o negocio e pera o meu serviço; e ysto nam entenderes naqueles que [...] (www.corpusdoportugues.com.br – Letters of John III – King of Portugal 1521 – 1557 – [1538] - D JOÃO III)

Nos dados acima, a construção **sendo caso que** aponta para um valor adverbial condicional. *Grosso modo*, poderia se pensar que se tratava de uma perífrase ou locução com material interveniente entre as futuras formas que comporiam uma conjunção, daí a terminologia *locução conjuntiva* (CUNHA; CINTRA, 2008) atribuída às conjunções que seguem essa configuração. Atribui-se a

[48] Embora o trecho da obra presente no córpus de Davies e Ferreira (2006), esteja indicando a data de 1603, a cópia pública do livro disponibilizada pela Biblioteca Nacional de Portugal exibe a data 1617, o que indica que essa obra teve mais de uma edição.

designação *perífrases* não por serem compostas por duas partes ou mais, visto que já são conjunções gramaticalizadas, e sim por terem na base de sua formação (isto é, no processo de gramaticalização) uma perífrase.

Nessas construções, percebe-se o gerúndio com valor adverbial. O sentido de *condição* é o que está ligando os enunciados; quando se substitui pela conjunção *se* (representado pelo vocábulo *caso*) ou por SENDO QUE, o sentido se mantém: "[...] & em boa ordenança. E, **se / sendo que** nõ se ache (achar) nynguem pera mordomos que emtom seruam os officiaaes que forom ho anno passado polo dito modo." Como também no exemplo (20): "[..] E aimda que cõ vossa resposta elles se tenham lançado de lá se fallar neles pera esse negócio, **se / sendo que** tornasem a dizer que avies de entender [...], vos vos escusares d'iso com todas as booas pallavras que poderdes [...]".

Como proposto na introdução, pretende-se aqui fazer uma análise quantitativa e qualitativa dos dados abrangendo um período de cinco séculos – do século XVI ao XX. Para tanto, observou-se também os usos e o percurso da forma SENDO adverbial, bem como coordenativa e relativa.

Sabe-se que a classificação de orações é algo que demanda um trabalho minucioso, haja vista a ambiguidade que às vezes se dá mais ainda quando se trata de orações de gerúndio, que podem compartilhar sentidos muito próximos. É necessário, assim, se estabelecer uma metodologia para clarear as ambiguidades que algumas orações carregam. A questão do tempo é algo bastante pertinente ao se analisar orações, porque as noções de *causa*, *condição* e *concessão*, por exemplo, são noções que dependem e decorrem do *eixo* temporal, isto é, são ações que se desencadeiam dentro do tempo, e as diferenças semânticas se mostram tênues, o que requer analisá-las em seu contexto mais abrangente para, então, poder classificá-las.

O gerúndio com valor temporal é bastante usado para se referir a uma época em que se passa algo ocorrido, ou quando diz respeito a alguma pessoa ou a sua titulação, a algum cargo público, administrativo que possuía, caracterizando, portanto, uma *oração adverbial temporal reduzida de gerúndio*, segundo a GT. Soma-se a essas aquelas que fazem menção às idades e períodos de vida.

Seguem dois exemplos:

(33) [...] Com isto se foi para Alemanha. [3] Sucedeu que no seguinte ano de 1639 veio de Vila Viçosa a Almada el-rei nosso senhor, **sendo** duque; e como o zelo português alterava os espíritos de muitos fidalgos, foram alguns a Almada a visitá-lo, e rostro a rostro lhe manifestaram seu desejo. E os que mais instâncias faziam eram D. António Mascarenhas, D. Antão de Almada, D. Miguel de Almeida, Francisco de Melo, monteiro-mor do reino, e Pero de Mendonça, alcaide-mor de Moirão. Toda esta cidade concorreu a Almada. Os fidalgos iam a dar mostras de seu bom animo, e a mais gente a consolar-se (www.corpusdoportugues.com.br - relação de tudo o que passou na felice aclamação do mui alto e mui poderoso rei dom João o IV, nosso Senhor – [1638]).

(34) [...] E, falando menos filosòficamente, ao Juiz compete fazer justiça com constância, ao Príncipe com providência, porque tal vez sucede que um delito será mais danoso notificado pela punição que obrado pela malícia ou fraqueza, a qual se modera pela tolerância; ao que aludiu o grão pontífice Urbano Outavo, que, **sendo** instado de um ministro para que castigasse certa culpa secreta, lhe respondeu: "Maior que essa fora a minha culpa, se eu a manifestasse pelo castigo, estando oculta". Confesso que este modo de emendar erros é só do Príncipe, a quem depois não faltam outros meios de compor ou punir todas as acções que o merecem, como divinas e humanas Letras aprovam com ilustres exemplos. Além de que não se pode negar que a clemência seja hua virtude certa, e que, sendo virtude, é justo (www.corpusdoportugues.com.br - Apolo – [1640] – Francisco Manuel de Melo).

No primeiro dos exemplos acima, o (33), o gerúndio SENDO pode ter a interpretação de tempo. Substituindo-o por uma conjunção temporal, o sentido não é alterado: "[...] Sucedeu que no seguinte ano de 1639 veio de Vila Viçosa a Almada el-rei nosso senhor, **quando** *ainda* era duque; e com zelo português alterava os espíritos". Isto é, "quando el-rei ainda se achava como duque, ocorreu a vinda da Almada". No exemplo (34), há uma dupla interpretação, *tempo* e *causa*: "...ao que aludiu o grão pontífice Urbano Outavo, que, **quando / assim que** instado de um ministro para que castigasse certa culpa secreta, lhe respondeu", se se entende que no momento ou pouco tempo depois da ação ele respondeu; ou indicando causa, pode-se dizer: "ao que aludiu o grão pontífice Urbano Outavo, que, **porque** foi instado de um primeiro ministro, respondeu" caso se entenda como sendo a razão pela qual ele respondeu.

Seguem outros exemplos:

(35) [...] custa dos mayores inconveniëtes. Afirmo, q havia razão, para que temessem aquelles Ministros; suposto q a não houvesse para tam sobeja cautela. Quantas diligencias se fizerão por homens, e tempos, pella cõservação de aquelle tesouro, podemos dizer: Que forão enxadadas, que lhe abrirão em meyo das agoas, miseravel sepultura. O General, avisado da jornada, que se lhe mandava fazer, em beneficio do cõgresso, partio por mar [N224] a aquella Cidade, levando consigo algûas pessoas particulares, além dos officiais deputados para a conferencia. **Sendo** chegado, e recebido, com grande aplauso, se deu principio á Junta, q por algûs bons respeitos, foy celebrada em casa do Governador D. João Fajardo, cujo hospede era D. Manoel. Os mais, chegando a votar, forão de parecer: Que se não perdesse ocasião da sahida, estando sempre aparelhados, para receber os primeiros tempos. Estes, co as brizas do Norte, e Nordeste, costumão decer do Pólo, pellos ultimos dias de Janeiro, logo que o Sol se (www.corpusdoportugues.com.br - EPAnaphora Política Primeira – [1637] - Francisco Manuel DE Melo).

(36) de Liampoo. Todos estes seis dias que Antonio de Faria aquy se deteue; como lhe tinhão pedido os de Liãpoo, esteue surto nestas ilhas, no fim do qual tempo hu Domingo antemenham, que era o tëpo aprazado para entrar no porto, lhe derañ hua boa aluorada com hua musica de muyto excellentes fallas, ao som de muytos instrumentos suaues, que daua muyto gosto a quem a ouuia, & no cabo, por desfeita Portuguesa, veyo hua folia dobrada de tambores & padeyros & sestros, que por ser natural, pareceo muyto bem. E **sendo** pouco mais de duas horas ante menham, com noite quieta, & de grande luar, se fez à vella com toda a armada, com muytas bãdeyras & toldos de seda, & as gaueas & sobregaueas guarnecidas de telilha de prata, & estendartes do mesmo muyto compridos, acompanhado de muytas barcaças de remo, em que auia muytas trombetas, charamellas, frautas, pifaros, atambores, & outros muytos instrumentos, assi Portugueses, como Chins; de maneyra que todas as embarcaçoës hião cõ suas inuençoës diferentes (www.corpusdoportugues.com.br - Peregrinação – [1603] - Fernão Mendes Pinto).

Nos dois últimos exemplos, fica mais clara a noção de tempo pela presença do particípio passado "chegado" e da sequência "mais de duas horas". Nessas circunstâncias, o SENDO é semanticamente classificado como temporal.

Outra ambiguidade que se dá com o gerúndio é a que diz respeito às noções de *tempo* e *condição*. Parece ser uma redundância, porém a diferença que se julga ser mais marcante nessas duas noções é só a condição, visto que em ambas está inserido o fator tempo, tanto nas orações temporais, obviamente, quanto nas condicionais. Se duas ideias ou ações estão relacionadas por uma condição, essa condição se desenrola e desenvolve, necessariamente, no tempo, anterior ou posteriormente. Em síntese, pode-se dizer que o tempo é o suporte, o plano onde se dão as vicissitudes das coisas; no caso da condicional, o tempo é tomado como uma premissa, porém não se sabe se se concretizará ou não dada ação, se será ou não interrompida no fator tempo.

(37) [...] segunda, que a profecia não seja só uma, senão algumas; terceira, que essas profecias sucedam depois, assim como estavam preditas e profetizadas. Verdadeiramente estas palavras do bispo Palafox: Cun esset pontifex anni illius, me parecem ditadas por algum espírito e instinto superior, para que, **sendo** ditas como as de Caifás, com tão diverso e contrário intento, fossem verificadas no mesmo príncipe e no mesmo Reino que ele queria impugnar e destruir, e sua mesma acusação seja um testemunho público e mui qualificado da justiça e justificação de nossa causa. Se Palafox pede profecias, damos a Palafox profecias, e não profecias daquele dia, como as de Samuel, senão de cento, de trezentos e de quinhentos anos antes, que são as mais qualificadas e livres de suspeita, e que só podem (www.corpusdoportugues.com.br – História do Futuro – [1667] - Padre António Vieira).

(38) [...] Mas, que isto fosse graça mais que natural, deixo ao juízo de quem o considerar, **sendo** experimentado. Nunca ao doente, por importuno e mal sofrido que fosse, disse uma palavra; antes a todos consolava, condescendendo com eles no que não encontrava a saúde. Por embaraçado que estivesse e afogado com ocupações, estava sempre a sua alma tão livre e pouco perturbada que, por outras muitas que sobreviessem no mesmo tempo, a todas acudia o melhor que era possível, sem mostrar enfadamento algum,

antes com maior alegria; e a mesma tinha quando eram muitos os enfermos. Nunca se pôde (www.corpusdoportugues.com.br - Cartas – [1626-1692] – Padre António Vieira).

Nesses exemplos, à primeira vista, percebem-se duas interpretações. Uma primeira *temporal* e outra *condicional*: "[...] me parecem ditadas por algum espírito e instinto superior, para que, **quando** ditas (ou **caso** sejam ditas) como as de Caifás, com tão diverso e contrário intento, fossem verificadas no mesmo príncipe e no mesmo Reino [...]" e, em (38): "[...] Mas, que isto fosse graça mais que natural, deixo ao juízo de quem o considerar, **quando** experimentado (ou **caso/se for** seja experimentado) [...]". A grande questão é saber se há ou não uma condição entre as ideias. Soma-se a isso, a questão de que a condição parece ocorrer, na grande maioria das vezes, com o tempo, isto é, pode ou não se dar posteriormente no tempo.

A ambiguidade entre *causalidade* e *tempo* também é algo a ser observado. Observe o exemplo:

(39) não se passou pouco mais de meya hora que ao lõgo da terra enxergamos vir hua embarcação que trazia em sy noue pessoas, as quais emparelhando por juto de nós, se igualaraõ com a ribanceyra da borda do rio, & desembarcaraõ em terra em hua calheta que a mesma terra fazia a modo de angra, & ordenarão logo fogo com que começaraõ de guisar a cea, & despois de guisada se meterão nella cõ muytas festas & regozijos, em que gastaraõ hum grande espaço, & **sendo** ja bem fartos de comer & de beber, quiz Deos que todos noue, em que vinhão tres molheres, adormeceraõ de maneyra que não dauão acordo de sy. Vendo nòs então o tempo disposto para nos aproueitarmos da merce que nosso Senhor nos fazia, nos fomos todos oito muyto caladamente á embarcação [...] (www.corpusdoportugues.com.br - Peregrinação – [1603] - Fernão Mendes Pinto).

Parece haver duas leituras, uma de *tempo* e outra que indica *causa*. Exemplo que explicita a ambiguidade que o gerúndio SENDO pode apresentar; pode-se dizer: "[...] e depois de guisada se meterão nella cõ muytas festas & regozijos, em que gastaraõ hum grande espaço, & **porque** já estavam bem fartos de comer & de beber, quis Deos que todos noue [...]" como: "[...] e depois de guisada se meterão nella cõ muytas festas & regozijos, em que gastaraõ hum grande espaço, & **quando / depois que** já estavam bem fartos de comer & de beber, quiz Deos que todos noue [...]".

Vê-se, portanto, que o gerúndio, não só o SENDO – que está sendo estudado aqui – como também os demais (a forma gerúndio propriamente dita), como elucidado na revisão teórica desse trabalho, trata-se de uma forma linguística que tem uma aplicação semântica e sintática bastante diversa. Tendo em vista esse

comportamento multifacetado do gerúndio, tem-se então que analisá-lo num contexto mais amplo, na tentativa de se apreender o real significado com que é empregado num dado enunciado.

Feitas essas considerações, aludindo-se a respeito do caráter sintático-semântico do gerúndio SENDO, parte-se à análise quantitativa e qualitativa dos dados.

7.2 ANÁLISE QUANTITATIVA E QUALITATIVA

Como proposto neste trabalho, pretende-se fazer uma análise quantitativa e qualitativa dos dados, usando-se para isso o programa *GoldVarbX*, buscando-se averiguar o percurso histórico do SENDO QUE e como se deu essa mudança na língua (SENDO > SENDO QUE), o surgimento dessa nova conjunção. Optou-se também por fazer uma análise das ocorrências do SENDO adverbial, relativo e coordenativo, ou, como postula a tradição gramatical: *orações reduzidas de gerúndio*. Acredita-se, dessa forma, que comparando essas ocorrências, no decorrer de cada século, poderá se compreender mais a respeito dessa mudança, sobretudo, com relação a quais fatores foram mais relevantes para a ocorrência desse processo de gramaticalização. E também servirá para se compreender mais claramente os usos e a distribuição dessas duas formas na língua, tendo em vista que em alguns contextos essas duas formas parecem indicar uma variação.

Por mais que a variação tratada aqui não condiga uniformemente aos padrões labovianos de variação, isto é, não se tratando de variantes de uma mesma variável linguística, como, sem grandes pormenores, o *tu* e o *você* para a expressão da segunda pessoa do singular, o SENDO e o SENDO QUE apresentam variação em certos contextos linguísticos; estando em todos os exemplos a função de elos oracionais. Portanto, é fundamental evidenciar que se trata de categorias distintas, sendo necessária a adequação sintática dos enunciados nessa alternância, entre o gerúndio – SENDO - (forma verbal que se caracteriza como núcleo de uma oração reduzida de gerúndio, segundo a GT) e a conjunção SENDO QUE.

Embora a amostra apresentada pelo córpus de Davies e Ferreira (2006) não seja uma amostra perfeita, homogênea, uniformemente distribuída entre os séculos e as formas linguísticas aqui pesquisadas (e esse é um fato que se deve levar em conta e ser discutido), para a análise estatística, ela não representa uma alternativa

inválida, haja vista que nas rodadas probabilísticas, o número de ocorrências não é um fator excludente, o que mais é levado em conta é como se dá a distribuição do fenômeno linguístico nos contextos de usos, para então serem gerados os pesos relativos.

Verifica-se, ao longo dos séculos, uma quantidade bastante grande de ocorrências de SENDO adverbial, relativo e coordenativo, e também não poucas, apesar do número maior aparecer no século XX, da conjunção SENDO QUE disponíveis no córpus Davies e Ferreira (2006). A descrição do córpus usado se encontra no apêndice do trabalho; nele foram descritas todas as obras que o programa disponibiliza para cada século. Para o século XVI, o córpus apresenta 76 obras; para o XVII, 58, para o XVIII, 45, para o século XIX, 172 e para o século XX, 91 obras.

Para se ter uma melhor visibilidade da distribuição desses dados, segue uma tabela com as distribuição dos percentuais por século. São ao todo 9.852 orações analisadas, divididas, como se vê abaixo, em SENDO e SENDO QUE e o respectivo número de ocorrências e percentual de cada grupo.

Tabela 1: Disposição dos dados de SENDO e SENDO QUE.

	Século XVI		**Século XVII**		**Século XVIII**		**Século XIX**		**Século XX**		**TOTAL**
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	
SENDO	2.186	99,9	1.722	95,9	1.322	96,8	1.212	96,2	2.525	77,8	
SENDO Q	1[49]	0,1	73	4,1	44	3,2	48	3,8	721	22,2	
TOTAL	**2.187**		**1.795**		**1.366**		**1.259**		**3.246**		**9.852**

Fonte dos dados: Córpus de Davies e Ferreira, 2006.

Observaram-se os seguintes tipos de oração para as ocorrências: *condicional* (34), *temporal* (35), *concessiva* (36), *relativa* (37), *causal* (38), *aditiva*

[49] Simulação. Criação de dado fictício para se evitar os nocautes no processamento dos dados pelo programa *GoldVarbX* e para que se possa aproveitar as ocorrências das orações alternativas com SENDO, que totalizaram 6, as quais estão incluídas nas 2186 do século XVI.

(39), *conclusiva* (40), *consecutiva* (41), *alternativa* (42), *explicativa* (43) e *adversativa* (44). "A" indica os exemplos com SENDO e "B" com SENDO QUE.

Condicional:

(40) A- Neste caso mandamos ao Corregedor que a apresentaçam deste foral for Corregedor naquella comarca que vaa a dita terra omde tomara a mais verdadeira antiga & çerta emformaçam que puder auer semdo as partes presentes da medida per que antigamente se pagauam na dita terra os ditos foros E SENDO disso bem çerto a fara logo Reduzir & tornar aa medida corrente pera todos saberem quantos alqueires da dita medida velha fazem destes correntes Fazendo logo assi asntar [sic] (www.corpusdoportugues.com.br).

B - Meu tio solicitou-me que escrevesse um tratado sobre a flora e a fauna desta terra de Vera Cruz. Ato contínuo, deu-me um manuscrito: - Em SENDO QUE pereça em batalha, entrega este documento a meu tio. Em última instância, inda procurei argüir com Fernão, dizendo que, dentro em breve, as naus tornariam, e ele poderia perder o ensejo de voltar à pátria, mas ele pareceu me não ouvir, atento a outra ordem de cousa. Reparei, então, que na taba tocava a inúbya (www.corpusdoportugues.com.br)

Temporal:

(41) A - E dos montados e manynhos usaram como atee qui fizeram sem nenhuum embargo nem ennouaçam que se ao diante faça E a dita paga faram aas terças do ano.conuem a saber. por primeiros dia de (ver?) setembro janeiro mayo E pasando o tempo da paga SENDO Requeridos pagara o concelho por cada dia que pasar vimte Reaes, E a dita paga se fara por Repartiçam de todollos beens que ouuer no dito concelho e terra soldo aa liura sem nenguem se escusar por preuilegio que tenha posto que clerigo seja (www.corpusdoportugues.com.br).

B - O clima neste período permanece o mesmo dos períodos anteriores, mantendo-se uniforme, apresentando todavia zonas áridas com formações de sal e gesso. No término deste período ocorreu a grande revolução caledoniana, afetando principalmente o norte da Europa, SENDO QUE no Brasil este diastrofismo produziu apenas dobramentos de pequena importância (www.corpusdoportugues.com.br).

Concessiva:

(42) A – Do que el-rey disse a hum homem que lhe dizia mal doutro Capitollo CIII Hum homem honrrado disse hum dia a el-rey mal doutro, dizendo que SENDO casado com ha muito honrrada e muyto boa molher, era tam mao que tinha vinte mancebas; perguntou-lhe el-rey: "Quantas dizeis que tem?"; respondeo: "Senhor, vinte"; disse el-rey: "E ysso provar-lho-eis vós?"; e elle se afirmou que si; e el-rey lhe disse: "Ora hi-vos muyto embora, que quem tem mancebas nam tem manceba" (www.corpusdoportugues.com.br).

B - Nesse sentido, GALBRAITH (1974) explica que existe uma relação entre os fluxos de informação e a estrutura organizacional das empresas. SENDO QUE uma empresa processa informações para coordenar e controlar suas atividades, a estrutura organizacional é quem geralmente determina os fluxos de informação; porém, uma mudança nos fluxos de informação pode fazer com que a estrutura organizacional da empresa mude (www.corpusdoportugues.com.br).

Relativa:

(43) A - A troco dos quais deram dez negros de terras diferentes, e ûa boa quantidade de ouro em pó, que foi o primeiro que se nestas partes resgatou, donde ficou a este lugar por nome Rio do Ouro, SENDO somente um esteiro de água salgada que entra pela terra obra de seis

léguas. Houve-se mais em este resgate ûa adarga 11v de coiro de anta cru, e muitos ovos de ema, os quais, tornando Antão Gonçalves a este reino sem fazer mais outra cousa, foram apresentados à mesa do Infante tam frescos, que os estimou ele por a milhor iguaria do mundo
(www.corpusdoportugues.com.br).

B - Hoje são 31 ao largo, dez a mais do que ontem, e está prevista a chegada de outras 22 embarcações durante o dia. ao todo, são 17 os navios atracados, SENDO QUE 4 devem deixar o cais ainda hoje. Se o movimento continuar por mais alguns dias, poderá haver congestionamento no porto santista (www.corpusdoportugues.com.br).

Causal:

(44) A – Ao presente, porque com a entrada dele, Dom Francisco de Almeida, na Índia, os mares orientais desta terra Ásia, começaram a ser lavrados com nossas naus e sentir sobre si o grave peso de sua potência, e os moradores da terra firme e do grã número das ilhas, filhas daquele Oceano, SENDO sáfaro do nome cristão, submeteram seu intendimento em obséquio de Cristo per doutrina nossa, e todolos que sentiram e ouviram nossas armas, abaixaram seu pescoço ao jugo delas per amor e temor, convém, pera se entender o discurso destas obras, fazermos mais particular relação que a passada (www.corpusdoportugues.com.br).

B - Cada elemento é mostrado pelo seu respectivo símbolo. Os elementos são dispostos em sete linhas, chamadas períodos. Estes, da esquerda para a direita, mostram uma progressão dos elementos metálicos para os não-metálicos. O hidrogênio é uma exceção, SENDO QUE este não faz parte de nenhuma das categorias (www.corpusdoportugues.com.br).

Aditiva:

(45) A – Rui Soares, como ia rota abatida com o recado que levava, fez seu caminho, entregando a capitania da nau a Jorge Botelho, de Pombal, que levava no seu navio,e assi lhe deu piloto; mas ainda a fortuna dela não acabou aqui, mas em ûa angra onde se meteu, junto de Pate, SENDO já em companhia dela outra caravela, capitão Manuel Álveres, moço da câmara del-Rei, que estava em Melinde, em que a gente da nau se salvou. Partido Rui Soares, que chegou à Índia, como veremos, tanto que o tempo deu lugar à frota que invernava em Moçambique, partiu e deu-lhe Deus melhor viagem té chegarem à Índia (www.corpusdoportugues.com.br).

B - O marco histórico ao qual é remontada a origem da Igreja Luterana é visto no rompimento sua fé em locais públicos, maneira pela qual acreditam chegar à salvação. Quanto à organização clerical, as congregações são os centros religiosos, SENDO QUE a autoridade máxima repousa na figura do ministro superintendente. O marco adotado ser dotada de poderes. A organização desta Igreja possui características mais informais e aspectos bastante importantes nos cultos (www.corpusdoportugues.com.br).

Conclusiva:

(46) A – A qual resolução foi que a ele, Pate Unuz, lhe não convinha sair em terra a tomar a fortaleza; porque, ainda que tevesse certo poder-se fazer, corria a sua armada risco de os nossos a queimarem, e SENDO assi, ele ficava o cercado e desbaratado, e nós os vencedores; porque, como a vida daquela cidade era os mantimentos que lhe vinham pelo mar, tanto que lhe posessem a mão na garganta da entrada deles, não tinha mais fôlego (www.corpusdoportugues.com.br).

B - Os instrumentos eram bastante rudimentares e a flauta era uma pequena vara de bambu com menos de um metro de comprimento. As harpas, em geral de pequeno porte, aparecem

no colo dos executantes e raras vezes no chão, SENDO QUE o músico tinha que se ajoelhar para tocar. Segundo consta, na passagem do Reino Antigo para o Reino tempos pela tradição e prática do seu povo (www.corpusdoportugues.com.br).

Consecutiva:

(47) A – Não calaremos porém aqui o sucesso, que teve a empresa, e infeliz jornada do ouro. Foram a ela quarenta Portugueses, e duzentos Índios. Destes morreu a maior parte à fome, e a puro trabalho: durou esta facção dez meses; custou perdas, trabalhos, vidas, SENDO necessário mandar-lhes nova tropa de Índios com alguns socorros para a volta. E este foi o ouro, que se tirou das minas do Pacajá. CLXXXIII (www.corpusdoportugues.com.br).

B - Johann Joachim Winckelmann, um arqueólogo alemão, foi um dos primeiros a ressaltar a importância da descoberta de Pompéia como sítio arqueológico, uma vez que este sítio possibilitaria, por seu ótimo estado de conservação, a realização de um minucioso estudo sobre a arquitetura e os costumes Romanos. Novas expedições escavaram e continuam escavando até hoje a cidade de Pompéia e suas duas vizinhas, SENDO QUE cerca de três quartos da cidade já foram tirados de debaixo da terra. A maioria dos corpos carbonizados, reino do duque de Mecklenburg-Schwerin, e morreu em 26 de dezembro (www.corpusdoportugues.com.br).

Alternativa:

(48) Huum aratell dos espetos a vinte reaes e d'abi para baixo a trynta reaes. CUTILEIRO Do officio de cutileiro HUMA faqua para mesa por milhor que seja vinte reaes, quer seja de cabo de fero quer de osoo. Huma faqua grande para pato trynta reaes. Huum caniuete quinze reaes, para penas SENDO pequeno e SENDO maior vinte reaes. Humas tizouras cumuas trinta reaes. De amolalas e enxalas seis reaes. E não ha desenxando tres. De amolar e afiar huma faqua, huum reall. E da mais faramta, digo faramenta vsarão pelo preso da tayxa dos barbeiros (www.corpusdoportugues.com.br).

Explicativa:

(49) A – Mostrou Deos por sinal exterior, que se entende foy descer fogo do Ceo sobre o sacrifício de Abel, (18) que só aceytava este, & naõ o de Caim: (19) Abel ficou banhado em gozo; Caim assombrado de tristeza: (20) Abel canonizado por virtuoso, era certo que havia de ser envejado; (21) & Caim sendo irmaõ mais velho, se fez menor SENDO invejoso. (22) Levou 1. Veremos na 2. p. cap. 15. 2. Supra cap. 6. 3. Matth. 7. 17. 4. Genes. 41. Joseph. antiq. l. I. c. 3. Pereyr. in Genes (www.corpusdoportugues.com.br).

B - Este interesse geral possui o caráter de utilidade pública, por contribuir para a felicidade de todos os componentes da sociedade. Este prazer coletivo encontra oposições tenazes, SENDO QUE um de seus principais inimigos é a religião cristã. Esta condena todo prazer por pregar uma moral ascética, e combatê-la deve ser uma meta deste novo Estado hedonista. Para Helvétius, a plena expansão dos impulsos corresponde ao desenvolvimento pleno da razão, pois esta somente pode desejar o bem (www.corpusdoportugues.com.br).

Adversativa:

(50) A – Amanheceu o dia e descobriu ua espantosa mortandade de mouros: estava o campo alastrado de tantos corpos mortos que nao seriam menos de dous mil, sinal da teima com que todos pelejaram. O trabalho desta noite, inda que entre os nossos nao houve nenhum morto, SENDO muitos os feridos, mostrou-lhes, fazendo bom discurso, que, se o inimigo

> continuasse o cerco, a fortaleza se nao poderia defender, porque a gente que tinha estava impossibilitada de doença e faltas de tudo (www.corpusdoportugues.com.br).
>
> B - Já a flexura monoclinal ocorre quando há desnível das camadas com certo adelgaçamento das mesmas, não sendo verificado o rompimento da sua continuidade. Do ponto de vista morfológico, as falhas são reconhecidas pelo aspecto que imprimem à paisagem e são mais facilmente observadas nas rochas metamórficas ou cristalofilianas e nas sedimentares; SENDO QUE nas eruptivas a identificação do fenômeno é mais difícil. Um tipo complicado de falhas é a falha acavalada (faile de chevauchemente), cujo plano é quase próximo da horizontal e a parte superior é deslocada por várias dezenas de quilômetros, em certos casos (www.corpusdoportugues.com.br).

Quanto aos séculos, como exposto na tabela 1, foram incluídos cinco diferentes, são eles do século XVI, XVII, XVIII, XIX e XX, codificados como (5) para os anos 1500, (6) para os de 1600, (7) para os de 1700, (8) para os anos 1800 e (9) para os dados que compreendem os anos 1900, que é como o arquivo de dados os apresenta. Totalizou, assim, o número de 8.966 orações para as ocorrências de SENDO e 886 para as de SENDO QUE.

Na primeira rodada, visto que não houve nenhuma ocorrência de oração alternativa com dados de SENDO QUE, o programa indicou um nocaute. Valendo-se do fato de que não houve também ocorrências de nenhum outro tipo de oração para SENDO QUE no século XVI, optou-se por incluir um dado (codificação) fictício, para esse século, que indicasse uma ocorrência de uma oração com SENDO QUE junto (conforme explicado na tabela), com o intuito de se poder rodar com todos os séculos, evitando a exclusão das 6 ocorrências de orações alternativas para SENDO.

Feito isso, as rodadas não apontaram nenhum nocaute e o programa pôde fornecer os pesos relativos. Abaixo, segue uma tabela que expõe esses valores. Todos os grupos de fatores foram selecionados, indicando que foram todos relevantes para os resultados, isto é, os grupos de fatores: *tipo de oração* (em primeiro) e *século* (o segundo fator selecionado), conforme a tabela 5.

Na tabela, os números foram colocados seguindo a sequência do maior ao menor peso relativo para SENDO[50]. Visto que o programa *GoldVarbX* foi usado com esse propósito, os valores analisados serão os pesos relativos, fazendo-se relação às percentagens quando se achar oportuno mostrar algo relevante.

---

[50] Com exceção das orações alternativas, que embora tenham mostrado (0,47) em favor do gerúndio, não apresenta expressividade numérica em dados; e das causais e aditivas, (0,34) e (0,36). Dessa forma, facilitaria a divisão entre o grupo de orações pertencentes à subordinação e à coordenação; propiciando, em iguais razões, uma melhor visão, discussão e análises que se seguirão.

Tabela 2: Distribuição dos números de ocorrências, valores percentuais e dos pesos relativos para cada tipo de oração. Aplicação de regra: SENDO.

LOG LIKELIHOOD: -1440.542 SIGNIFICÂNCIA: 0000 NÚMERO DE DADOS RODADOS: 9.853							
TIPO DE ORAÇÃO		SENDO			SENDO QUE		
		N°	%	P.R.	N°	%	P.R.
SUBORDINADAS	temporal	1.198	99,7	**,84**	4	0,3	**,16**
	condicional	1.011	99,2	**,83**	8	0,8	**,17**
	concessiva	1.205	97,8	**,67**	27	2,2	**,33**
	relativa	565	91,9	**,43**	50	8,1	**,57**
	causal	2.126	90,7	**,34**	218	9,3	**,66**
COORDENADAS	aditiva	2.606	88,7	**,36**	333	11,3	**,64**
	conclusiva	140	74,5	**,29**	48	25,5	**,71**
	consecutiva	9	81,8	**,17**	2	18,2	**,83**
	alternativa	12	92,3	**,47**	1*	7,7	**,53**
	explicativa	2	8,7	**,01**	21	91,3	**,99**
	adversativa	92	34,5	**,02**	175	65,5	**,98**

* = dado fictício.

Quanto às subordinadas, que estão no topo da tabela, veja-se os tipos de oração *temporal* e *condicional,* os dados indicaram usos quase que categóricos para o SENDO: 0,84 e 0,83 de peso para os dois tipos. Esses usos se dão, sobretudo, nos séculos XVI e XVII como se verá mais à frente na tabela 3, página 105. Para o tipo *condicional*, por exemplo, seguem alguns exemplos retirados do *Diário do Conde de Sarzedas*, de 1655.

(51) Ordena me Sua Magestade que Deos quarde, nos capítulos dez e vinte e nove do meu regimento a que me reporto, que fazendo a viagem por dentro ou por fora, conforme os tempos derem lugar, SENDO por dentro o farey em dereitura a Chaul, Bombaim, ou Verçava; e fazendo a viagem por fora procurarey [...] (SILVEIRA, 1655, p. 69).

(52) [...] e em caso que já estivera surto naquella paragem não nos podia prejudicar, segundo dizem vindo nos buscar à fortaleza de Mormugão de mar em fora correndo a costa por Balravento, e ficando lugar para Vossa Excelencia puxar por mais alguma embarcação SENDO necessario, e mandar nos pelajar, e hindo ao Norte pode faltar o vento que nos serve para vir [...] (SILVEIRA, 1655, p. 73).

Alguns outros exemplos parecem compartilhar certa ambiguidade entre as noções de *condição* e *tempo*, o que exige expandir o contexto para precisar o sentido que de fato está sendo expresso, como os que seguem:

(53) [...] porque determino por todas as razoens que se me offereçem entrar com todas estas embarcaçoens juntas na barra de Goz, SENDO Deos servido; foy se o Capitão do pataxó no seu batel, e deitar o ajudante na almiranta; neste dia cahio ao mar um rapaz de oito annos, filho de hum artilheiro desta nao, e permitio Deos que estava atraveçado a elle o batel do pataxo que o tomou (SILVEIRA, 1655, p. 63).

(54) E considerando tudo, e ser matéria em cujo acerto vay tanto, quis tomar os pareceres por escrito do Piloto desta nao capitania Manoel Andre, e do Capitão della Hieronimo Carvalho, e mestre Luis Fernandes, para que como tão praticos nesta navegação me digão a altura em que estamos da barra de Goa, e em que tempo SENDO Deos servido a podermos tomar, e em que altura está Bombaim, e qual das partes tem menos risco em se hir demandar neste tempo, visto ser cedo, e havendo se de hir a Goa em que porto havemos de hir dar fundo [...] (SILVEIRA, 1655, p.72).

Como se verá na tabela 5, página 111, onde serão expostos os pesos relativos para o fator *século*, o índice maior de ocorrência de SENDO temporal ocorreu no século XVI; nesse período, é comum se fazer uso do gerúndio SENDO com referência a idades e períodos de vida. Seguem alguns exemplos desse século:

(55) Fernão de pina ho sobescreuy & conçertey em quatro folhas menos quatro Regras. teuer Soldo Aa livra Segundo as outras pessoas da dicta terra. E a dicta pagua farã aas terças do Anño conuem a saber pollos primeiros dias de setembro & de Janeyro & de mayo. sob pena de por cada dia que passar a dicta paga SENDO Requeridos paguarë vinte Reaes. E posto que pollos dictos dous mjl & quatroçentos & vinte & çinquo Reaes lhe fossem dados todos nossos dirreitos reaaes (www.corpusdoportugues.com.br – Forais Manuelinos – 1496-1520 – Notarios).

(56) E el-rey Dom Afonso por querer muyto grande bem ao infante Dom Fernando seu yrmão, e por lhe fazer merce por aver muyto que / lhe pedia, nam quis concertar nem fazer ho casamento com ha princesa herdeyra de Castella. E SENDO o principe de ydade de quinze annos ho casou com a senhora Dona Lianor d' Alemcrasto, filha mayor do infante, e prima

com yrmaã do principe que foy da propria maneira que el-rey seu pay casou (www.corpusdoportugues.com.br - Vida e Feitos D'el-rey Dom João Segundo – [1533] - Garcia de Resende).

(57) [...] e assi ho Galindo era muy esforçado cavaleiro e muyto bom capitão. E logo ahi deu o principe o officio de camareyro-moor a Ayres da Silva filho do dito Joam da Silva; e SENDO Ayres da Silva bem moço começou logo de servir ho dito officio inteiramente, e o metia nos conselhos polo fazer mais cedo homem e ter mais autoridade (www.corpusdoportugues.com.br – Vida e Feitos D'el-rey Dom Joao Segundo – [1533] – Garcia Resende).

Com o passar dos séculos, os dados mostram uma redução do gerúndio temporal, o que pode indicar um aumento de uso de conjunções diversas.

O tipo de oração *concessiva* apresentou preferência pelo gerúndio, com peso 0,67, enquanto que para a conjunção o peso foi de 0,33. Em textos mais antigos, esse tipo oracional se mostra recorrente; consultando a tabela 3, vê-se que há uma distribuição relativamente homogênea entre os séculos.

Quanto às orações *relativas,* se se pode falar em variação com mais evidência, deve ser a respeito desse tipo oracional. Percebe-se ainda uma não definição, nesses contextos, para uma dessas duas formas. Os pesos mostram isso: uma aproximação do ponto neutro, 0,43 para o gerúndio e 0,57 para a conjunção; apenas 0,14 de diferença, o que significa uma significativa proximidade. Essa possível variação nas relativas (variação na gramaticalização, contextos que ainda não mostraram uma especialização) parece exprimir uma partição, como se vê neste exemplo: "Certo hotel tem duas piscinas, SENDO/SENDO QUE uma com 1,20m de profundidade, e uma infantil com profundidade de 40cm".

O tipo *causal* aparenta ser, com peso 0,66, o tipo mais propício a ocorrer com a conjunção dentre as subordinativas. Embora o SENDO QUE seja concebido como uma conjunção multissemântica, isto é, poder imprimir mais de um valor entre as partes que liga, é abordado por Ribeiro (1919) como uma *formula conjunctiva*. Em seus *Serões Gramaticaes*, o gramático a compara com a conjunção *porque*, dando ao SENDO QUE uma classificação única de causalidade (cf. seção 7).

Discute-se agora as coordenativas. Quanto às orações *aditivas*, os dados indicaram o valor de 0,36 de peso para o gerúndio, o que mostra um uso mais amplo também para a conjunção em termos de coordenação, adicionando e somando ideias. Para o tipo *conclusiva*, o programa forneceu o peso 0,29 e 0,17 para o tipo de oração *consecutiva*. Nesses dois últimos tipos, apesar de haver, em percentagens, um maior número de ocorrências para o gerúndio (74% para a conclusiva e 81%

para a consecutiva) a probabilidade de aparecerem com o SENDO QUE é maior, como mostram os pesos gerados pelo programa probabilístico.

As coordenadas *alternativa*[51], *explicativa* e *adversativa* foram os que apresentaram os pesos com valores mais baixos para o gerúndio - 0,47; 0,01 e 0,02 respectivamente (esse peso para as alternativas, 0,47 para o SENDO e 0,53 para a conjunção, se deu por conta do problema com o córpus, por não apresentar dados para todos os séculos e. sobretudo, por não ter ocorrências com o SENDO QUE) -, indicando uma maior probabilidade de ocorrência com a conjunção. Dentre os três, o que parece com maiores probabilidades de ocorrer com a conjunção é o tipo *adversativo*, que é uma das hipóteses sustentadas no trabalho.

As adversativas parecem ser as que mais dizem quanto ao SENDO QUE. Segundo os resultados, há uma preferência quase que categórica por SENDO QUE quanto ao valor adversativo, com peso relativo 0,98. Os usos de SENDO QUE aumentaram significativamente no século XX, e, pelo que as orações analisadas mostram, a ideia de contraste parece estar bastante marcada na conjunção.

Sabe-se que as noções de *concessão* e *adversativa* compartilham uma relação bastante próxima, como expõe Rudolph (1996). Alguns gramáticos as classificam como contraste concessivo e contraste adversativo, Azeredo (2011) é um exemplo. Em vista disso, foi necessário estabelecer algumas condições metodológicas tangentes à estrutura, à posição, como início de período e posposição de período e a composição do sentido entre as partes de ligam.

Parece haver uma tendência do SENDO QUE configurar uma noção de adversidade ou concessão entre os enunciados que conecta, apesar de que em alguns casos ainda remanesça uma leitura ambígua; esse sentido aparece nos exemplos analisados aqui e também na língua oral, observando o discurso dos falantes comuns no dia-dia. Parece não haver problemas de interpretação substituir as ocorrências de SENDO QUE nos exemplos abaixo por uma conjunção adversativa prototípica:

(58) [...] Agora irrompia com toda a força, ocupando o espaço da vigília. Bia Vasconcelos sentada ao meu lado para o café da manhã, andando pela sala, pegando um livro ao acaso, escolhendo uma música. A visão durou apenas alguns segundos. Bia desapareceu e em seu lugar surgiram Júlio, minha ex-mulher, Alba, Rose, SENDO QUE esta última eu conhecia

[51] Optou-se por desconsiderar a análise da alternativa aqui devido à existência apenas de 1 ocorrência para o SENDO QUE, e esse se tratar de uma dado fictício.

apenas de fotografia. Tentei invocar nova-mente a imagem de Bia, em vão. Talvez o problema fosse aquela sala. A diferença em relação ao seu apartamento era impressionante. A sofisticação clean da designer e o amontoado barroco do policial comprador de livros. Levantei-me da mesa e fui novamente me olhar no espelho [...] (www.corpusdoportugues.com.br – O Silencio da Chuva – 1996 – Rosa-Garcia, Luiz Alfredo).

(59) [...] Mas' a poeira subia tranqüilamente para o teto e as résteas de sol - que se infiltravam pelos basculantes de aço, davam um aspeto de templo. A faxina prosseguiu, lenta. - É isso mesmo. - E que negócio é' esse de juro? - Olha aqui, pedaço d' asno. Quando você aluga um taxi não paga uma taxa de aluguer? Pois bem, no Banco o sujeito aluga um dinheiro e paga também o aluguer. SENDO QUE aqui tu paga a taxa e recebe o líquido. - Que é líquido? - Ora: o líquido. - Ah, sim.. * Pois é - disse Otariano fazendo uma estrada entre o lixo. Assim os grandões vão se encalacrando também. Pedem hoje cinco mil. No dia de pagar não tem para pagar e pedem mais [...] (www.corpusdoportugues.com.br – O Burro de Ouro – 1960 – Gastão de Holanda).

(60) [...] As visitas começarão pelo Norte do Estado de Minas Gerais, nos projetos de Janaúba e Jaíba. Em Janaúba existem atualmente 8.000 hectares irrigados com destaque para a produção de banana, limão, uva e abacaxi. As águas são captadas do Rio Verde Grande, afluente do São Francisco. Há também irrigação com água de poços. # No segundo dia de viagem a comitiva estará no Pólo de Fruticultura Petrolina-Juazeiro. Petrolina e Juazeiro são cidades-irmãs localizadas às margens do São Francisco, **SENDO QUE** Petrolina fica do lado de Pernambuco e Juazeiro do lado da Bahia. Foi nessa região que teve início o processo bem-sucedido de plantio de frutas no vale do São Francisco (www.corpusdoportugues.com.br – missão da alemanha visita estado do ne).

No primeiro dos três últimos exemplos (58), tem-se a ideia de chamar a atenção para o fato de apenas "conhecer Rose, por fotografia", opondo-se à ideia de se pensar que o narrador a conhecia pessoalmente, por exemplo. No segundo exemplo (59), assume-se que "há ou haverá de se pagar de igual forma, porém com a ressalva de que se recebe o líquido quando se fizer a transação". No terceiro (60), pode-se analisar como sendo uma oração adversativa se se assume ou pressupõe que para duas pessoas ou entidades terem a qualidade de serem irmãs tem de haver certa proximidade ou elo, o que o autor marca contrastivamente ao dizer que as duas cidades ficam em estados diferentes.

Em termos gerais, ao observar a tabela 2, nota-se alguns pontos centrais como as **prováveis especializações** das formas linguísticas SENDO e SENDO QUE para, respectivamente, **as orações temporais e condicionais e para as adversativas, com seus pesos apontando usos quase que categóricos para cada forma**. Todavia, especialmente sobre as relativas, poderia se dizer que se trata de uma variação estável do ponto de vista da teoria da Variação e Mudança e, na perspectiva da gramaticalização, um estágio intermediário. Sob o ponto de vista da Sociolinguística, pode-se falar de variação no sentido de que os termos não estão se definindo, mas isso dentro do quadro da gramaticalização. Essa relação pode se

dever às origens da conjunção, que tem na base de sua formação o gerúndio SENDO.

Adiante, optou-se por apresentar os *percentuais* das duas formas linguísticas analisadas, não porque indicam tendências no seu uso, mas com o objetivo de se visualizar ou "fotografar", de forma detalhada, sua distribuição e emprego nos textos pertencentes aos períodos estudados. Seguem, na próxima tabela, os valores de SENDO e SENDO QUE para cada tipo de oração através dos séculos:

Tabela 3: Número de ocorrências e percentagem dos tipos de oração para SENDO e SENDO QUE por século.

TIPO DE ORAÇÃO		SÉCULOS										TOTAL
		XVI		XVII		XVIII		XIX		XX		
		N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	
CONDICIONAL	SENDO	**401**	100	**145**	100	**129**	100	**129**	99,3	**207**	96,7	
	SENDO QUE	-	-	-	-	-	-	**1**	0,7	**7**	3,3	
TEMPORAL	SENDO	**573**	100	**293**	99,9	**213**	100	**75**	100	**44**	93,6	
	SENDO QUE	-	-	**1**	0,01	-	-	-	-	**3**	6,4	
CONCESSIVA	SENDO	**263**	100	**306**	95,1	**217**	97,7	**149**	100	**270**	95,5	
	SENDO QUE	-	-	**15**	4,9	**5**	2,3	-	-	**7**	2,5	
RELATIVA	SENDO	**142**	100	**79**	98,8	**62**	98,4	**63**	100	**220**	82,4	
	SENDO QUE	-	-	**1**	1,2	**1**	1,6	-	-	**47**	17,6	
CAUSAL	SENDO	**384**	100	**456**	93,5	**302**	94,1	**409**	95,4	**575**	79,3	
	SENDO QUE	-	-	**30**	6,5	**19**	5,9	**19**	4,6	**150**	20,7	
ADITIVA	SENDO	**387**	100	**411**	97,6	**373**	98,2	**368**	94,3	**1069**	78,5	
	SENDO QUE	-	-	**10**	2,4	**7**	1,8	**21**	5,7	**293**	21,5	
CONCLUSIVA	SENDO	-	-	**5**	100	-	-	**4**	100	**126**	72,4	
	SENDO QUE	-	-	-	-	-	-	-	-	**48**	27,6	
CONSECUTIVA	SENDO	-	-	**2**	100	**4**	100	**2**	100	**1**	33,3	
	SENDO QUE	-	-	-	-	-	-	-	-	**2**	66,7	
ALTERNATIVA	SENDO	**1**	50	-	-	**5**	100	-	-	**6**	100	
	SENDO QUE	**1***	50	-	-	-	-	-	-	**0**	-	
EXPLICATIVA	SENDO	-	-	-	-	**2**	100	-	-	-	-	
	SENDO QUE	-	-	-	-	-	-	-	-	**21**	100	
ADVERSATIVA	SENDO	**30**	100	**26**	61,5	**15**	55,6	**12**	63,2	**9**	6,0	
	SENDO QUE	-	-	**16**	38,5	**12**	44,4	**7**	36,8	**140**	94,0	
TOTAL	SENDO	2181		1723		1322		1211		2527		9.852
	SENDO QUE	0		58		44		48		718		

* = Dado fictício.

Observando-se a progressão dos tipos de oração através dos séculos, nota-se que para as orações de gerúndio SENDO, embora haja uma diminuição numérica de dados para alguns valores oracionais, o gerúndio sempre permanece superior à

conjunção em percentagem. O tipo de oração *temporal*, que apresenta uma diminuição gradativa do uso do gerúndio: 573 ocorrências no século XVI para 44 no último século, ainda suplanta, no último século, a conjunção em números percentuais. Se se observa a última coluna (a do século XX) percebe-se uma diminuição percentual, mesmo que pequena, para o gerúndio, abaixo de 90%, para as relativas, causais, aditivas, conclusivas, consecutivas, explicativas e adversativas, visto que há um pequeno aumento do número de ocorrências para o SENDO QUE.

As orações *relativas* apresentam uma distribuição homogênea para SENDO e embora não o seja para a conjunção, nota-se uma quantidade relativamente significativa de orações relativas com o SENDO QUE no último século, 47; esse tipo oracional, vale lembrar, representa o contexto em que indica certa variação entre o gerúndio e a conjunção. Ainda que os números absolutos sejam discrepantes, quanto à análise qualitativa, essas duas formas configuram uma possível alternância, uma não definição de seus usos, o que leva a se fazer tal asserção.

O valor de *causa* mostra ser bastante marcado tanto no gerúndio quando na conjunção, apresentando ocorrências em todos os séculos para ambas as formas linguísticas, com exceção para o SENDO QUE no século XVI, visto que não foi apresentado nenhum dado pelo córpus para esse período. O tipo oracional *coordenativo* com semântica aditiva, embora tenha apresentado para o SENDO QUE alguns poucos do século XVII ao XX, não se equiparam às ocorrências com SENDO, com um número bem superior de dados.

Quanto às *conclusivas*, no século XX (excetuados os outros séculos, que não mostraram números significantes) esse tipo oracional indica maior ocorrência para o gerúndio, 126, embora apresente uma significativa quantidade para o SENDO QUE, 48. As ocorrências de SENDO no século XX para as orações conclusivas incluem ocorrências com construções "sendo assim" ou "assim sendo", que, em alguns casos, podem ter sentido tanto de *conclusão* quanto de *causa*. O "assim" contribui para essa interpretação semântica de oração conclusiva:

(61) serviço de gruna, do Bom Será. Serviço duro, senhor, onde eu ia perdendo a vida, por ser inda reculuta. O dono teve pena de mim, foi me adiantando o saco toda a feira, porque eu não tinha outro jeito. Depois de um mês de trabalho, em que foi preciso arrebentar com broca um emburrado dos diados, também a gente catou diamante que foi um gosto! Como meia-praça, me coube uns quatro contos, e eu comprei esta casinha e botei esse negócio, porque no fim o diamante ficou cumprido. - **Sendo assim** feliz, devia continuar. - É um engano, senhor Ricardo. Garimpo é um jogo. Só deve jogar quem não tem muito a perder, e ganhando, deve sair e não voltar, enquanto tiver dinheiro. Quer uma prova? Olhe, o homem

que primeiro me alugou, estava quase rico; pois já gastou tudo com o serviço, com luxo, e está infusado que mete dó! Esta semana me veio pedir o saco fiado, e eu não tive jeito senão fiar. – (www.corpusdoportugues.com.br – Lindolfo Rocha – (1980) – Maria de Dulcã).

(62) ...o profissional liberal da classe média que habita bairros e subúrbios e até o potentado que se isola em condomínios de alto luxo ou mansoes superguardadas. Liberdade deve ter o menino que vai todos os dias para escola, a dona-de-casa para ir às compras, ou os jovens sequiosos de freqüentar festas e bares nos fins de semana. Democracia precisa ser o direito não apenas de cada um exprimir seu pensamento e suas opiniões, mas de transitar pelas ruas sem temer o pivete ou o assaltante que o espreita a cada esquina, tolhendo-lhe a prerrogativa de ir e vir**. Sendo assim**, esses princípios se opoem diretamente às diversas máfias que infestam a vida nacional. A máfia dos traficantes de tóxicos que transformam favelas em territórios livres, áreas onde vale a sua autoridade. A máfia dos contrabandistas que chegam à desfaçatez de oferecer armas muito mais sofisticadas do que as utilizadas pela polícia e as Forças Armadas. A máfia dos seqüestradores, muitíssimo bem organizados e pretendendo situar-se acima da lei. A máfia dos assaltantes de bancos, cuja atuação vem se transformando em verdadeiras operações comerciais, com contabilidade (www.corpusdoportugues.com.br – Títulos sem nobreza – (1997).

Percebe-se nos exemplos acima que o gerúndio, em certos contextos, parece atribuir valores de *causa* e *conclusão* entre os enunciados que liga. O SENDO com o adverbio "assim" forma uma construção que também tem valores diversos, dependentes contextualmente, e que não aparecem comumente descritos em gramáticas, talvez pelo fato de "assim" já possuir uma categoria mais definida na língua, como a de poder marcar, sozinho, a ideia de conclusão. Porém, nos exemplos que se vê nos dados do córpus, o gerúndio SENDO também corrobora essa possibilidade de diferentes valores para a construção e não apenas o advérbio "assim".

Com relação ao SENDO QUE com valor *adversativo*, houve ocorrência em todos os séculos, exceto no século XVI, período em que não foi possível encontrar dados com a conjunção já na sua forma cristalizada. O que mais se destacou foram as ocorrências para o século XX; a conjunção, com 140 ocorrências, parece ser mais provável a ser usada com valor adversativo se comparada ao gerúndio, que apresenta apenas 9 dados para o mesmo século. Números que mostram que a conjunção tem adquirido valor mais acentuado de adversatividade ultimamente na língua.

A tabela 4 abaixo mostra, em números absolutos, os tipos de oração em que a conjunção se mostrou mais contínua em relação ao SENDO. Não foram postos os tipos de oração *temporal*, visto que o número de ocorrências foi bastante pequeno,

apenas 4 casos, e os *tipos conclusiva, consecutiva* e *explicativa* por aparecerem apenas no século XX. As *alternativas* também ficaram de fora porque não apresentaram nenhuma ocorrência, exceto o dado fictício.

Tabela 4: Distribuição de SENDO e SENDO QUE em números absolutos.

TIPO DE ORAÇÃO		SÉCULOS				
		XVI N°	XVII N°	XVIII N°	XIX N°	XX N°
Condicional	SENDO	401	145	129	129	207
	SENDO QUE	-	-	-	1	7
Concessiva	SENDO	263	306	217	149	270
	SENDO QUE	-	15	5	-	7
Relativa	SENDO	142	79	62	63	220
	SENDO QUE	-	1	1	-	47
Causal	SENDO	384	456	302	409	575
	SENDO QUE	-	30	19	19	150
Aditiva	SENDO	387	411	373	368	1069
	SENDO QUE	-	10	6	21	293
Adversativa	SENDO	30	26	15	12	9
	SENDO QUE	-	16	12	7	140

Analisando essa tabela, percebe-se que alguns valores são constantes para o SENDO QUE e outros não. O tipo *condicional* apresenta para o SENDO QUE apenas 8 ocorrências, um número bastante ínfimo se comparado à quantidade de SENDO, que apresentou uma constância, presente em todos os séculos. Os tipos *concessiva* e *relativa* se omitem no século XIX, o que pode ser atribuído a algum problema de composição do córpus, pois apresentam ocorrências nos séculos

anteriores; porém não chega a ser um número tão representativo se se observa a quantidade de ocorrências com SENDO.

Os tipos *causal, aditiva* e *adversativa* são os que apresentaram uma constância quanto às ocorrências das duas formas, o gerúndio e a conjunção. As orações de gerúndio para os tipos *causal* e *aditiva* tiveram um aumento, crescendo o número de ocorrências e se mantendo constante, com números significativos 575 e 1.069 respectivamente, bem como para o SENDO QUE, 150 e 293 ocorrências. Pode-se dizer, portanto, que em alguns contextos, que essas duas formas da língua não são vistas como totalmente distintas, e que em alguns casos permitem ser comutáveis sem a perda de sentido, algo que indica um espraiamento dos usos.

Com relação ao tipo *adversativo*, embora apareçam, no último século 9 ocorrências para o gerúndio, a quantidade de ocorrências para a conjunção é absolutamente mais representativa, 140 dados. Fato que parece se dever à presença do *que* na construção, marcando cada vez mais uma espécie de "barreira" entre os enunciados, o que permite frisar esse traço semântico de contraste, e que não parece muito presente no gerúndio sozinho.

Apesar de se chamar a atenção para o caráter adversativo que a conjunção parece estar tomando, é interessante evidenciar o espraiamento, a expansão, de empregos do SENDO QUE, revelado no último século. A conjunção se mostra plurisemântica haja vista que está presente, encabeçando todos os tipos de oração, com exceção das *alternativas*. Isso mostra que houve novos empregos e novos contextos de uso.

O interessante de se fazer um levantamento quantitativo e, sobretudo qualitativo é que é possível perceber a evolução, a progressão, de uma forma linguística e o seu comportamento na língua, reforçando e evidenciando a presença da variação e da mudança na linguagem.

Segue abaixo uma tabela referente aos valores dos pesos relativos de SENDO e SENDO QUE para cada século, objetivando perceber o índice de probabilidade de uso dessas duas formas no tempo.

Tabela 5: Distribuição dos dados por século: percentagens e pesos relativos.

OCOR.	SÉCULOS														
	XVI			XVII			XVIII			XIX			XX		
	N°	%	P.R.	N°	%	P.R.	N°	%	P.R.	N°	%	P.R.	N°	%	P.R.
SENDO	2186	99,9	**0,98**	1722	95,9	**0,39**	1322	96,8	**0,45**	1211	96,2	**0,41**	2525	77,8	**0,09**
SENDO QUE	1	0,01	**0,02**	73	4,1	**0,61**	44	3,2	**0,55**	48	3,8	**0,59**	721	22,2	**0,91**

Observa-se, na tabela, que o número de ocorrências para o SENDO é bem superior ao SENDO QUE em todos os séculos, no entanto, isso não foi um impedimento para se fazer uma análise estatística com os dados para cada século, na busca de se descobrir qual período da história da língua (desses analisados) houve maior tendência de uso comparando as duas formas linguísticas estudadas. Nota-se que o valor do peso em favor do SENDO no século XVI (0,98) tem de ser ponderado por conta da presença apenas de um dado com a conjunção e este se tratar de um dado fictício. Para os outros séculos já se pode fazer uma leitura comparando esses valores.

Embora em todos os outros séculos tenha havido vantagem em números percentuais para o SENDO, os pesos relativos revelam uma maior tendência de uso para o SENDO QUE, sobretudo, no ultimo século. Poderia ser dito que tal resultado foi gerado devido à quantidade de dados, que são bastante discrepantes entre as formas, no entanto para um programa probabilístico o que pesa é a distribuição desses dados e não necessariamente a quantidade deles. No século XVII, o SENDO QUE tem peso 0,61, no século XVIII apresenta peso relativo 0,55, valores que não mostram uma grande diferença, mesmo havendo 30 dados a mais com a conjunção no século XVII; comparando os séculos XVIII e XIX, embora haja números parecidos em valores percentuais para o SENDO QUE em ambos os períodos, os pesos apresentam valores que indicam maior preferência para este último (0,55 e 0,59). No último século apesar da vantagem percentual do SENDO, a conjunção mostra probabilidade maior de uso, com peso 0,91. Essa expectativa de maior probabilidade de uso para o SENDO QUE no último período analisado pode se dever a seu

espraiamento na língua, estendendo-se a outros usos, como: juntores explicativos, conclusivos, relativos etc.

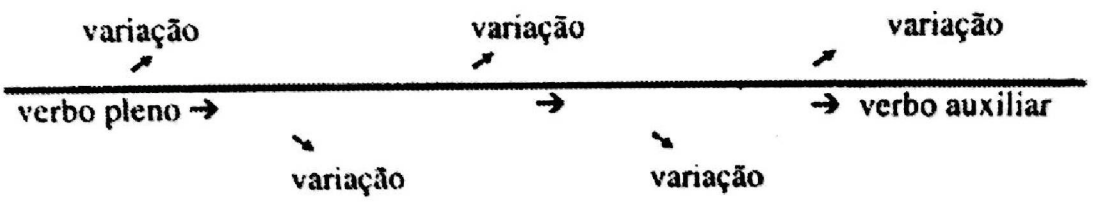
É importante chamar a atenção aqui para a diferença entre porcentagem e peso relativo. O peso visa identificar um ponto de equilíbrio, acusando a maior probabilidade de ocorrências das variantes estudadas, em cada século. Como exemplo, observa-se o século XVIII, na tabela: embora haja um número de ocorrências consideravelmente maior para o SENDO, a conjunção SENDO QUE, de acordo com o peso, mostrou-se igualmente distribuída, inclusive indicando uma maior probabilidade, com peso (0,55) em comparação com o de SENDO (0,45).

7.3 GRAMATICALIZAÇÃO E VARIAÇÃO

Assumindo-se o fenômeno da gramaticalização como um tipo especial de mudança linguística e uma vez que em termos de mudança pode haver variação em certas instâncias do processo, acha-se oportuno argumentar aqui sobre esses diferentes usos do SENDO QUE percebidos nos dados das tabelas apresentadas anteriormente. Ao se observar o resultado, constata-se, portanto, que a variação acompanha a mudança.

Menon (2003), analisando perífrases com o verbo *ir*, aponta essa possível concomitância de processos. Estudando a auxiliarização, isto é, o processo de gramaticalização em que verbos plenos passam a obter função mais gramatical, mais presa na língua, passando a categoria de verbos auxiliares na composição de perífrases, a autora ilustra esse fenômeno por meio do seguinte esquema:

Figura 3: Variação e gramaticalização, esquema 1 (MENON, 2003, p.79)



Esquema 1.

Esse esquema proposto pela autora como forma de evidenciar como se dá a concomitância do processo, apesar de ter sido criado para fazer referência à auxiliarização de verbos plenos, mostra-se também extensivo à conjunção estudada aqui. O SENDO QUE figura em ocorrências que assumem nuanças semânticas bastante variadas nos dados analisados, apresentando variação em alguns usos, como nas orações relativas, conforme tabela 4. Isso assegura a premissa de que se há mudança, haverá variação. Esse parece ser o curso habitual da renovação dos elementos da gramática da língua.

7.4 A CONJUNÇÃO *SENDO QUE* NO PORTUGUÊS

Acredita-se que a conjunção SENDO QUE, desde sua origem e na grande maioria de seus usos, tenha sido usada com um caráter multifacetado na língua. Isso se percebe observando os exemplos. Ela não teve, como as demais conjunções compostas do português (*só que, visto que, dado que, ainda que* etc.), um uso ou classificação mais específica (de causa ou concessão, por exemplo), mas apresenta vários sentidos entre as partes que liga.

Julga-se que passou a ocorrer com um valor mais acentuado de conjunção adversativa e, por vezes, concessiva[52]. A ideia de contraste não é apenas de oposições de ideias, mas também a questão da ressalva de um enunciado, contrastando orações e frases. Nos dados de língua falada, como os que seguem abaixo, percebe-se uma oposição de ideias e a ressalva, em que se adiciona, soma uma palavra, como ressalva à oração anterior:

(63) "[...] Ela foi pra lá ainda muito nova, não sei a idade exatamente, mas com certeza a igreja tem documentos com a data de entrada dela; ela foi pra lá muito jovem e ela disse que meu marido abusou sexualmente dela, desde que ela entrou até que ela saiu, SENDO QUE a mídia não informou, ou ela não informou para a mídia quanto tempo levou isso. Ela chegou aqui solteira [...]"[53].

---

[52] Usos do SENDO QUE com valor concessivo são encontrados com maior frequência hoje em dia, e na língua oral. Nos dados do córpus, como mostram os números, no último século, o XX, a ideia de concessão pende mais para o gerúndio, entretanto os últimos dados do córpus datam de 1997. É de se supor, portanto, que nesse intervalo de 18 anos (até o presente ano), a conjunção também tenha ganhado também novos usos.

[53] Trecho transcrito de um vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PjGhzx-gaqg>. Acesso em: 02/05/2014. Esposa do pastor marcos pereira desmente a rede globo.

(64) "Fizeram a devolução pra você ontem e colocaram 400MB 4G; eu vou fazer a devolução de novo pra você, 400 MB, SENDO QUE a 3G, tá?" (operadora de telemarketing[54]).

A conjunção SENDO QUE parece estar se encaminhando (dentro do seu quadro complexo de sentidos) a um comportamento análogo à conjunção *só que*, estudada por Longhin (2003), que defende que esta construção funciona como conector que (dentre outros sentidos) marca a quebra de expectativa gerada no enunciado anterior, porém ainda não atingiu o mesmo nível de gramaticalização que o *só que*, que liga não apenas orações, mas também palavras. O SENDO QUE apesar de coordenar orações, parece não apresentar quebra de expectativa de modo tão incisivo como o *só que* o faz, mas pode adicionar uma informação nova contrária, sustentando uma ressalva ao que foi dito. Esses exemplos indicam o que Bybee (2010) elucida: que no processo de gramaticalização, o item linguístico ou a construção em processo de mudança pode adquirir, pragmaticamente, novos sentidos, usos, valores, que podem vir a ser incluídos no processo, adicionados na forma linguística, concebido como contínuo; a noção de oposição de ideias indica ser uma. No exemplo (63), quem fala está imprimindo uma ideia contrária encabeçada pela conjunção SENDO QUE: "*... ela foi pra lá muito jovem e ela disse que meu marido abusou sexualmente dela, desde que ela entrou até que ela saiu,* ***mas/só que*** *a mídia não informou, ou ela não informou para a mídia quanto tempo levou isso*". Isso também se nota no exemplo (64): "*Fizeram a devolução pra você ontem e colocaram 400MB 4G; eu vou fazer a devolução de novo pra você, 400 MB,* ***mas/só que*** *a 3G, tá?*", isso indica que o SENDO QUE pode estar começando a adquirir valor mais incisivo de contraste.

Alguns usos do SENDO QUE suscitam o problema da noção adversativa nas coordenadas e da noção concessiva na subordinação (cf. LONGHIN-THOMAZI, 2011). Outros exemplos dessa conjunção levam a se pensar, em certos contextos, nos limites das relações oracionais, os critérios estrutural e semântico que de fato as distinguem. Há ainda exemplos retirados da *internet* - em contextos em que se percebe pouco monitoramento da língua, pois os falantes se encontram questionando coisas do quotidiano, sem se atentarem às questões formais de língua - exemplificam a relação de embate entre essas duas classificações oracionais. Na

---

[54] Trecho transcrito de uma conversa pessoal com uma operadora de telemarketing de empresa de telefonia.

modalidade falada está ainda mais presente esse tipo de construção. Aqui estão alguns exemplos:

(65) Eu gosto dele, SENDO QUE ele nem sabe que eu existo (www.br.answers.yahoo.com)[55].

(66) Porque eu não consigo achar meu amigo SENDO QUE, ele não me excluiu e nem eu...?[56].

(67) Meu celular tá com internet SENDO QUE eu nem tenho crédito...![57].

(68) Comprei na Pichau dia 27/01/15 e dia 28/01/15 despacharão para os correios. O prazo era até dia 2/02/15. SENDO QUE eu fui rastrear (hj) dia 1/02 e o pedido já foi entregue SENDO QUE eu nem recebi o produto e nem meus vizinhos e ninguém recebeu; fiquei (aki) a tarde toda esperando esse produto chegar. E eu fui nos *site* dos correios ver se não era o site da Pichau que tava, estrago ou sei lá e tava lá também no site dos correios dizendo que o produto já foi entregue entre em contato com os correios mandarão eu preencher um formulário eu preenchi *só que* não responderão eu ainda então resolvi falar com a Pichau pedi pelo Sedex para vim mais rápido para eu poder trabalhar (pq) eu estava precisando desse produto, *mas* não recebi o produto[58].

É sabido que as construções adversativas e concessivas partilham entre si algumas afinidades semânticas, e suscitam a questão das classificações oracionais, que possuem às vezes, entre algumas delas, fronteiras imprecisas no que concerne ao estatuto morfossintático e os valores que imprimem na frase. Longhin-Thomazi (2011) - estudando os conectores oracionais sob a perspectiva funcionalista da linguagem, citando Halliday 1985 e Martin *et al*. 1997, em que se toma um modelo de 'modificação' de orações – afirma que há uma *não-discretud*e nos processos de junção de entre informações sintáticas e semânticas (p. 4). Nesse horizonte, os conectores são tomados sob o sistema de uma *taxe* que diz respeito à interdependência entre as orações, e o sistema semântico sob o qual estão as operações de sentido. Com a relação à *taxe*, são colocadas as construções paratáticas (*parataxe*) cujo estatuto gramatical, a principio, é igual, e as construções hipotáticas (*hipotaxe*) em que os estatutos gramaticais são desiguais, isto é, há uma estrutura nuclear (principal) e outra modificadora. A autora reitera que as relações

---

[55]Disponível em: <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20110212152622AAxJODo>. Acesso em 17 de junho de 2015

[56] Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/help/community/question/?id=526234844120126>. Acesso em 17 de junho de 2015.

[57]Disponível em: <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20110607085526AACpUqN>. Acesso em 17 de junho de 2015.

[58]Disponível em: <http://www.reclameaqui.com.br/11744458/pichau-informatica/pedido-entregue-sendo-que-nem-recebi-o-produto-na-minha-casa/>. Acesso em 17 de junho de 2015

semânticas podem se acomodar em diferentes ambientes sintáticos, mas que às vezes estão numa fronteira imprecisa, indecisa, entre a parataxe e a hipotaxe, o que coloca em questão o tratamento das orações coordenativas e subordinativas pela tradição gramatical.

Margarido (2008) explica que vários autores classificam essas duas construções em um mesmo grupo (também, como já citado, Azeredo 2011). Alguns as concebem como tendo ambas ideia de 'contraste', outros como 'contrariedade à expectativa'. Margarido (2008) desenvolve uma pequena análise dessas orações, em especial as conjunções *mas* e *embora*, firmada na abordagem que Neves (2000) faz na *Gramática de usos do português* para esses juntores. Defende-se que ambas as conjunções sustentam ideia de contraste, restrição de negação de inferência.

Apesar de haver questões estruturais já bastante marcadas na classificação desses tipos de orações, como a questão da oração encabeçada por uma conjunção adversativa vir sempre posposta à oração principal e as concessivas desfrutarem de uma flexibilidade maior, podendo assumir a anteposição, ou intercalada ou ainda posposta (COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B, 2000), parece haver também questões bastante incisivas quanto à orientação discursiva nos usos desses juntores (mais ainda no caso das concessivas); por exemplo, sobre que parte do excerto se quer dizer algo, se quer apontar algo novo, ou se fazer uma ressalva, etc. "A família, *embora tenha ficado chocada*, não processou o medico; *Embora tenha ficado chocada*, a família não processou o medico; ou A família não processou o medico, *embora tenha ficado chocada*." (MARGARIDO, 2008, p. 3). Nesses exemplos, nota-se ênfase discursiva, em um momento, a 'ficar chocada', em outro momento a 'processar o médico' ou ainda quando se quer topicalizar o sujeito.

Se se toma os exemplos (65) a (68), percebem-se esses apontamentos conflitantes. O SENDO QUE, nesses dados extraídos de suporte *on line*, indica estar mais próximo de uma leitura adversativa do que concessiva, devido à posição e pelo traço semântico, embora ainda possa ser parafraseado por conjunções concessivas. Em (65), "Eu gosto dele, SENDO QUE ele nem sabe que eu existo", pode-se dizer que configura uma *adversativa* pelo fato de **não se poder mover a conjunção à anteposição** – haja vista possuir maior rigidez posicional, a parataxe (adversativa) - como seria possível na concessão: "SENDO QUE ele nem sabe que eu existo, eu gosto dele". Em (66), "*Por que eu não consigo achar meu amigo SENDO QUE, ele não me excluiu e nem eu...?",* há uma leitura parecida. Apesar de não tão explicita

como em (65) por conta do escopo da interrogação, pode-se interpretar como tendo dois eventos opostos e que o SENDO QUE exibe essa ideia adversativa. A princípio, se tenho alguém "gravado", adicionado à uma lista de telefone, é de se pensar que posso ver seu número, ter acesso a ele(a) se não houver a exclusão. No exemplo (67): *"Meu celular tá com internet SENDO QUE eu nem tenho crédito...!".* Há aqui uma quebra de expectativa, pois se supõe que para se poder ter *internet* tem de se colocar créditos: "tem *internet*, *mas* não tem crédito".

O exemplo (68) é bastante interessante, pois reúne dois casos de SENDO QUE e também por apresentar o **só que** e a conjunção **mas**, todos usados pela mesma pessoa. Os dois exemplos da conjunção SENDO QUE nesse trecho exibem, claramente, a ideia de adversatividade entre os enunciados. Como se vê na paráfrase, se trocado por conjunções prototípicas, o sentido se mantém: "O prazo era até 2/02/15, ***porém / mas*** eu fui 'hj' dia 1/02 e o pedido já foi entregue, ***mas*** eu nem recebi o produto e nem meus vizinhos e ninguém recebeu". O primeiro opõe as datas, ou se desfaz uma inferência (se se julga que a encomenda pode chegar até no último dia do prazo estipulado). A entrega estava marcada para 2/02 e a pessoa consultou numa data anterior; no segundo, há a ideia contrária de "previsão de entrega do produto" e "não recebimento do produto". Cabe mais uma paráfrase: "o produto foi entregue, mas não o recebi".

Esses exemplos elucidam uma questão bastante discutida na literatura sobre as fronteiras entre coordenação e subordinação. Os dados com o SENDO QUE marcando contraste indicam revelar essa discussão. Embora essa conjunção não tenha uma delimitação estanque no que concerne às relações semânticas entre concessão e adversidade, parece ter uma noção um pouco mais definida quanto a sua *taxe*, se comportando como uma construção paratática, ou seja, mais fixa no **contexto** frasal.

Outra análise dada ao SENDO QUE é a de poder também estabelecer conexão relativa na frase com a ideia do pronome *cujo(a),* estabelecendo um rearranjo sintático; possibilidade que atesta os múltiplos valores da conjunção.

(69) Analisando nossos dados segundo tonicidade e contexto vocálico, verificamos que a área de pré-sonorização, para a oclusiva bilabial, apresentou alterações significativas nos valores de

VOT[59] para as três vogais, SENDO QUE na posição tônica os valores foram significantemente maiores para as vogais [a] e [o]. (KLEIN, 1999, p. 58).

(70) Nos segmentos produzidos isoladamente, as consoantes bilabiais, isto é, mostraram alterações significativas dos valores médios de VOT da vogal baixa em relação às médias [e] e [o], SENDO QUE os valores de VOT das vogais médias foram maiores do que os valores da vogal baixa [...] (KLEIN, 1999, p. 67).

.

No exemplo (69), uma possível leitura com o pronome seria: "[...] para as três vogais, **cujos valores** na posição tônica foram significativamente maiores [...]"; no segundo dado, haveria algo como: "[...] em relação às vogais médias [e] e [o], **cujos valores** foram maiores do que os valores da vogal baixa". Apesar de não se encontrar mais dados desse tipo, o que poderia corroborar essa hipótese, ela não pode ser descartada, haja vista o comportamento semântico do SENDO QUE.

O valor relativo da conjunção é bastante recorrente. Como se observa, há uma marca muito forte de retomada nessa construção, o que pode se dever à presença do verbo; pode ter a leitura semântica de um pronome relativo, que retoma e acrescenta algo sobre o que está sendo dito, por isso, a classificação do SENDO QUE como um coordenativo aditivo ou relativo. A conjunção marca sentido de relação, pois há no gerúndio essa relação anafórica (se se observa o caráter de predicação dos verbos), que retoma e relaciona.

Observa-se os seguintes exemplos. Parece haver nesses dados coordenativos uma ideia de distribuição:

(71) Segundo esse trabalho, de cada 100 metalurgicos que foram dispensados, 15,3% estão aposentados e outros 15,2% estão desempregados. Os demais 69,5% estão empregados, **SENDO QUE** a maior parte, 31,1%, está na indústria, vindo a seguir a área de serviços, 24,2%, e o comércio, 10,7%. É curioso observar que, de cada 100 metalúrgicos demitidos no período, só 21,6% estão empregados na própria indústria metalúrgica. Eric Hobsb'awn não tinha as informações do Seade, mas antecipou alguma coisa que parece estar se verificando também em São Paulo. (www.corpusdoportugues.com.br – 1997 – Observatório do mercado de trabalho).

(72) ... comproMIssos com as editoras - tira - disponibilidade de tempo e até interesse em viagens - de cunho meramente turístico - o R. não sei se - viaja bastante ou igual proporção - minhas viagens são bem diferentes eu viajo mais é fazendo turismo mesmo - boto a família no carro - e - saio por aí não é? fiz assim três viagens nessa base – **SENDO QUE** - uma para o Rio Grande do Sul um mês inteiro depois - vinte dias na Bahia - no ano seguinte - e quinze dias no Espírito Santo - e Estado do Rio - essas foram as - as viagens melhores que eu fiz - assim maiores - o mais é viagem curta aí perto essa coisa - é no meu caso ocorre uma

---

[59] *Voice-onset time*. "Tempo de início de voz" ou 'começo da ativação da voz", sigla inglesa comum em trabalhos de estudos de fonética.

circunstancia - curiosa - raramente eu passo mais de quarenta e oito horas no locais em que - - viajo (www.corpusdoportugues.com.br - orBr-LF-SP-2:255).

(73) Já ganhou prêmio, também, no Festival de Tóquio. O filme foi indicado para o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. Seu futuro parece que vai ser espetacular. Já está, praticamente, morando na Europa e engatilhado com cinco filmes, todos eles feitos fora de Cuba, **SENDO QUE** dois na Itália e os demais na Espanha, em Porto Rico e na Argentina. Nós queríamos trazer um ator latino, um ator de língua espanhola, para haver uma melhor integração de uma peça da dramaturgia latino-americana e tentar romper o bloqueio cultural que existe contra Cuba, no mundo inteiro, de que a gente não participa (www.corpusdoportugues.com.br – 1997 – Neville de Almeida).

(74) [...] O índio pataxó morreu às 2h da madrugada de ontem, no Hospital Regional da Asa Norte de Brasília. O laudo, assinado pelo médico Paulo César Moraes, atestou que o índio teve 95% do corpo queimado, **SENDO QUE** 85% de queimaduras de 3º grau e 10% de lesões parciais profundas. O corpo foi transferido para o IML na manha de ontem, onde foi formolizado para que pudesse ser transferido para a aldeia indígena onde morava, no Sul da Bahia. # Os acusados, presos na Coordenação de Polícia Especializada (CPE) da Polícia Civil, tomaram o café normal dos detentos, passaram a manha conversando e só receberam a visita do advogado Rommel Parreira Correa. O diretor da divisão de administração da CPE, Silvério (www.corpusdoportugues.com.br – 1997 - Matadores do índio estão na papuda).

Em todos os dados acima, de (71) a (74), o SENDO QUE parece indicar uma construção distributiva ou enumerativa. A conjunção aparece inicialmente encabeçando as orações/frases que distribuem ou enumeram uma quantidade específica apontada anteriormente - que é expressa por percentagem ou por números absolutos. No caso dos exemplos citados: percentagem de desempregados em (71), número de viagens em (72), quantidade de filmes em (73) e percentagem de queimaduras no corpo em (74).

Agora, seguem alguns exemplos que esboçam uma ideia de partição, suscitando a hipótese de uma possível construção partitiva para o SENDO QUE:

(75) ... Das capitais as que mais poderão recursos com a prorrogação do FEF, da forma como o governo deseja, são: Fortaleza, R$ 10,8 milhões; Salvador e Recife R$ 6,9 milhões, cada uma, Belo Horizonte R$ 5,1 milhões, pelos cálculos da própria Yeda Crusius. O Paraná perderia R$ 5.568,168, **SENDO QUE** R$ 3.562.540 dos quais deixariam de ir para os cofres da Prefeitura de Curitiba nos cálculos do deputado federal Paulo Bernardo (foto), (PT-PR). O deputado federal Paulo Bernardo (PT-PR) é um crítico mordaz da prorrogação do FEF. Segundo ele, neste ano o governo FHC está deixando de arrecadar R$ 12 bilhões por conta de renúncias fiscais (www.corpusdoportugues.com.br - FEF divide a base do governo na câmara).

(76) ... Guerra entre a Alemanha, a Itália e o Japão (as potências do Eixo), de um lado, e a Inglaterra, a Commonwealth, a França, os Estados Unidos da América, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e a China (as potências aliadas) do outro lado. Estimam-se em cerca de 55 milhões o número de mortos, **SENDO QUE** 20 milhões eram cidadãos da URSS. A guerra teve como cenários o Atlântico e o Pacífico. Em 1945 a Alemanha rendeu-se (Maio) mas o Japão continuaria a lutar até que os EUA lançaram bombas atómicas em Hiroshima e em Nagasaki (em Agosto) (www.corpusdoportugues.com.br – II Guerra mundial).

(77) ... o Eremita. encpt_32763 ##vogal Som da fala, formado pela vibração das cordas vocais sem que a cavidade bucal coloque obstáculos à passagem do ar expirado. Em português, as vogais são representadas pelas letras do alfabeto a, e, i, o, u, **SENDO QUE** o i e o u, se situados junto a outra vogal, são, foneticamente, semivogais. Todas as outras letras são consoantes. Em português, as vogais são sempre o núcleo da sílaba. encpt_32768 ##voiceprint Mancha gráfica produzida por um osciloscópio, que mostra as alterações de frequência e intensidade na voz humana (www.corpusdoportugues.com.br - Vogal).

(78) Padilha, vai expor o panorama geral da situação. A seguir, o Dr. Ambrósio nos mostrará o que foi planejado no que respeita à questão de conquista do apoio da população. E, finalmente, o subchefe de operações, Dr. Tomé, discorrerá sobre o problema tático de combate - concluiu, sentando-se e passando a palavra a Padilha. - Senhores, como tivemos oportunidade de dizer anteriormente, os subversivos estão distribuídos basicamente em três grupamentos. O grupo dos Perdidos, que denominamos grupamento A, conta com dezoito elementos do PC do B, **SENDO QUE** três são considerados figuras principais do movimento revolucionário. O chefe é Paulo Paraná, chamado de o Velho. Os outros dois são Mauro Guerra e Olga. Esta última também é chamada de a Velha. Por isso, esse grupo é o mais importante. O grupamento que denominamos de B é o dos Caianos. Tem dezessete elementos e o chefe é Zenóbio, terrorista e assaltante de banco, também figura de proa no PC do B. O terceiro grupamento, o C, na região do Saranzal (www.corpusdoportugues.com.br - Guerrilha no Araguaia – (1993) – Pedro Correa Cabral Xambioá).

(79) A fraca participação do Molico/Nestlé na Copa Brasil repercutiu entre a torcida osasquense, que criou no Facebook, um evento para a "demissão por justa causa de Luizomar de Moura". Marcado para o dia 19 de abril, após o término da Superliga, o ato tem mais de 500 convidados, SENDO QUE 155 já confirmaram presença até a publicação desta nota. "Em qualquer instituição a incompetência de um colaborador leva naturalmente ao seu desligamento. Não tem porquê no Osasco ser diferente. São 8 temporadas no comando do time, acumulando 5 vices campeonatos da Superliga (todos eles perdendo para o mesmo adversário)..." (*Post* do Intagram, postado pela conta "Meninasdovolei"[60]).

Os usos do SENDO QUE nos exemplos acima, diferentemente dos exemplos de (71) a (74), parecem indicar uma noção de partição: *uma parte de um todo*. E que, às vezes, poderiam ser parafraseados por *dos quais*. Nos exemplos de (75) a (79), parece haver a *ideia de uma parte*: em (75), uma quantia monetária de R$ 5.568,168 outra menor R$ 3.562.540; em (76), dos 55 mil mortos apenas 20 mil eram indivíduos da URSS; em (77), das cinco vogais se quer dar ênfase apenas em duas, no *i* e no *u* e em (78) se diz que apenas 3 dos 18 elementos do PC do B são considerados figuras principais do movimento revolucionário.

Em (79), há uma mesma leitura, uma repartição da predicação anterior mencionada: dos 500 convidados, 155 já confirmaram a presença.

Em uma primeira análise, conduz-se a uma interpretação do SENDO QUE, nesses últimos exemplos, como tendo a ideia de partitivo (cf. RAUBER, 2013). No

---

[60] Acesso em 04 de fevereiro de 2015.

entanto, parece não ser razoável fazer tal previsibilidade, apenas com a apresentação desses dados, pois os exemplos não se equiparam à noção prototípica de partitivo, isto é, não correspondem à noção *técnica de partitivo*, como, por exemplo, a existente no francês. Nessa língua, há caso partitivo, uma palavra gramaticalizada, herança latina: '*en*', derivada de '*inde*'.

Ao se observar o SENDO QUE nos exemplos dados, parece ser mais identificável uma *estrutura distributiva*; o distributivo também é parte de alguma coisa. Na distribuição, há um repartimento, mas não com a noção semântica restritiva como o partitivo o faz.

Também não é analisável e comparável ao partitivo do português arcaico 'ende': "Colheu as novidades dando *ende* a mim o terço[61]", que conservava o uso dativo de retomada referencial, e que, com o progredir da língua, desapareceu e foi substituído por outros recursos, como o 'disso' ou pelo pronome relativo "deles(as)". Assume-se então que não se trata de um marcador partitivo e sim de uma repartição, porém de caráter distributivo. Não é ainda oportuno defender o SENDO QUE como uma estrutura partitiva, embora não seja nula a hipótese de que ele venha porventura a se tornar uma futuramente.

Como Rauber (2013) busca atestar, o SENDO QUE também assume ter papel de operador focal no português, em que traz , mostra, evidencia, a parte mais importante do enunciado anterior, ou a mais importante que o locutor quer evidenciar. Em alguns exemplos, depois de se listar ou descrever uma sequência de palavras, ideias, o locutor busca chamar a atenção do ouvinte ou interlocutor, usando o SENDO QUE como estratégia para alcançar esse objetivo. Aleatoriamente, pega-se esse trecho do livro *A linguagem* de Edward Sapir, traduzido por Camara Jr.; excerto que parece elucidar essa estratégia discursiva apresentada pela conjunção:

(80) Cabe uma análise dessas [sobre as palavras *storm*, *tempest* e *hurricane*], mas sem perfeita analogia, com as correspondentes palavras portuguesas "temporal, "tormenta" e "borrasca" SENDO QUE a segunda terá talvez, pela associação como cabo das tormentas e com o episódio camoniano do Adamastor aquêle "brilho surdo" ressaltado em *tempest* (SAPIR, 1954, p. 50).

O trecho, retirado de um livro em que se faz uso da variedade padrão da língua (escrito por um dos primeiros e mais bem conceituados linguistas do Brasil)

---

[61] Exemplo fornecido pela profa. Odete Menon durante orientação.

mostra um exemplo que evidencia esse uso focal da conjunção. O autor chama a atenção, depois de listar os três vocábulos, para a segunda palavra, lançando mão pragmaticamente da construção como recurso de foco. Por alto, poderia se parafrasear a conjunção na ocorrência acima como "e é possível que...", marcando uma coordenação aditiva, deixando, porém ainda a marca focal.

Exposto isso, percebe-se quão abrangente é o SENDO QUE, assumindo diversos valores na língua. Contudo, ainda não é possível dizer que se abordou e estudou essa conjunção em sua totalidade, mas, pelo contrário, acredita-se ter iniciado um estudo mais estreito sobre esta forma tão múltipla em significados no português hodierno.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, compreende-se que do ponto de vista da teoria da gramaticalização, a construção SENDO QUE configura um novo conector, isto é, uma conjunção surgida na língua a partir de um processo denominado gramaticalização, concebida como um subconjunto da mudança linguística (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, 2003). Essa construção, pelo que revelam os textos da língua portuguesa consultados, se comporta como um conectivo multifacetado, assumindo não somente o valor de conjunção causal como registrado por Ribeiro (1919, p. 472), mas também outros valores, como conector subordinativo condicional e também juntor coordenativo e relativo. Parece estar mais fixa no paradigma das conjunções do português atual, disponível às escolhas discursivas do falante. Uma construção que está na língua há bastante tempo, segundo a hipótese suscitada aqui, desde o século XVI, período no qual se julga ter aparecido na língua. De acordo com a teoria da gramaticalização, alguns mecanismos cognitivos e pragmáticos foram acionados para que se desencadeasse o fenômeno. Segundo Meillet (1912 *apud* LONGHIN 2003, p. 81), o falante tende a ser expressivo em seu trabalho comunicativo, o que o leva a buscar meios para essa expressividade no repertório lexical da própria língua. Nessa direção, Bybee e Pagliuca (1985) advogam que o falante age metaforicamente sobre a língua - que é uma disposição natural do homem - ação pela qual se desencadeia o surgimento de palavras com significados gramaticais, promovendo, assim, a mudança.

A forma gerúndio do verbo *ser*, segundo as premissas da gramaticalização, passou por um processo de perda de significado concreto e ganhou significado mais abstrato (SWEETSER 1990; BYBEE 2010), passando de funções lexicais a funções gramaticais (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991; BYBEE 2010); sofre desbotamento semântico (*bleaching*) e enriquecimento pragmático. Supõe-se que os usos de *sendo* em contextos adverbiais condicionais ou coordenativos aditivos tenham favorecido o amálgama com o conectivo *que*, que é a conjunção subordinativa por excelência no português (CÂMARA Jr., 1979, p 183-184). Afirma-se também que o SENDO QUE cumpre com os princípios da gramaticalização propostos por Hopper (1991) como a *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *pertinência* e *descategorização*, bem como os parâmetros propostos por Lehmann, a saber, os princípios da *integridade, paradigmaticidade, conexidade, variabilidade pragmática* e *variabilidade sintagmática*, conforme discutidos e atestados nesse trabalho.

É importante lembrar que a conjunção SENDO QUE, do ponto de vista da frequência de uso, só veio se estabilizar no século XX. No entanto, apesar de sofrer, em certas circunstâncias, com a normatividade e prescrição linguísticas, é uma construção presente no português há bastante tempo, desde o século XVII (com a conjectura de que tenha surgido ainda no século XVI). Pela hipótese que se sustenta, ela apareceu graças aos intensos usos de *sendo.* Se se considera as asserções de Simões (2007), quanto mais se recua no tempo, mais a língua tem se mostrado fecunda na produção de gerúndios adverbais e coordenativos, isso indica que mais orações com *sendo* eram produzidas. Com a frequência do uso, que é uma das proposições básicas do fenômeno da gramaticalização (TRAUGOTT; HEINE 1991; BYBEE, 2010), a forma gerúndio *sendo* foi amalgamada com a conjunção *que,* resultando na conjunção SENDO QUE.

Observa-se que o SENDO QUE figura num quadro complexo de conjunções, podendo ter (os que são mais recorrentes) valores *causal*, *condicional*, *aditivo*, *relativo*, e ultimamente parece que está tendo um valor mais acentuado de conjunção *adversativa* ou *concessiva*, sustentando, embora não nos mesmos moldes discursivos e semântico-sintáticos, uma analogia com a conjunção *só que* em algumas ocorrências, tanto na língua falada, quanto na escrita.

As análises quantitativa e qualitativa feitas do SENDO adverbial, coordenativo e da construção SENDO QUE ajudaram a tornar mais claras as hipóteses; os números indicaram uma distribuição relativamente homogênea quanto

a alguns valores, mas nem tanto para outros. Observou-se uma diminuição dos usos do gerúndio SENDO, sobretudo, para os tipos de oração *condicional, temporal* e *adversativa*, embora nas duas primeiras a análise probabilística aponte uma preferência pelo gerúndio; isso pode se dever ao aumento de uso de conjunções, dentre elas o próprio SENDO QUE. Quanto aos valores *relativo, causal, aditivo* e *conclusivo*, pode-se dizer que a construção sustenta interpretação para todas essas quatro, em menor proporção para a última. O SENDO QUE estabelece *adição*, *causa* e se destacam os usos em que denota *relação*, pois é permitida, em alguns exemplos, uma leitura distributiva/numerativa da predicação presente no enunciado anterior, como discutido no fim da análise. O SENDO QUE parece permitir também a interpretação de operador focal, como sustenta Rauber (2013), em que *focaliza* uma parte do que foi exposto na oração anterior, pela qual o falante busca chamar a atenção do interlocutor/leitor, se valendo assim da construção como marcador pragmático de foco. E, em última análise, adquire um valor mais marcado para o contraste de ideias.

Pelos resultados da análise estatística, levando-se em contas as duas formas analisadas, pode-se afirmar que a hipótese de que a conjunção detém as duas acepções (adversativa e concessiva) é confirmada parcialmente. Ao se tomar os valores dos pesos, a noção semântica concessiva indica peso 0,67 a favor do gerúndio, ao passo que apresenta 0,33 com relação ao SENDO QUE, o que implica dizer que, probabilisticamente, essa interpretação tende a ocorrer menos com a conjunção. No entanto, o SENDO QUE aponta para um aumento no seu uso se comparado ao SENDO (algo como 1 ocorrência da conjunção para cada 2 do gerúndio).

Dentro do quadro das adversativas, essa leitura ambígua ainda se observa em algumas ocorrências, algo que pode se dever a fatores linguísticos e extralinguísticos, como posição, noção semântica e ainda as manobras discursivas e pragmáticas presentes nos contextos comunicativos. Em resumo, o SENDO QUE parece mostrar um crescente uso nesse contexto de adversatividade.

Ainda sobre as relativas, percebe-se que há ainda uma indefinição entre o SENDO e o SENDO QUE, indicando se tratar de uma variação estável ou um estágio intermediário nos termos da gramaticalização, o que configura uma mudança ainda em curso.

Dito isso, assume-se que a conjunção SENDO QUE revela um quadro bastante amplo de possibilidades semânticas nos dados do português. O que leva a concluir que essa conjunção tenha surgido na língua se fazendo presente em múltiplos contextos, possuindo mais de um sentido entre as frases que liga. Mas, visto que a mudança segue seu próprio percurso (seu *continuum* na língua) pode ocorrer que os elementos linguísticos que foram submetidos à gramaticalização estejam sujeitos a continuarem a mudança, adquirindo novas facetas no falar e no debuxar dos usos que os falantes fazem da língua.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, J.L. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2011.

BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. L., PAGLIUCA, W. Crosslinguistic Comparison and the Development of Grammatical Meaning. In **Historical Semantics/Historical Word Formation (Trends in Linguistics: Studies and Monographs 29**), ed. J. Fisiak. Berlin: Mouton. Pp 59-84, 1988.

CAMARA Jr., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CANÇADO, M. **Manual de Semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

CASTILHO, A. T. A Gramaticalização. In **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador: Universidade Federal da Bahia n°. 19: 25-64, 1997.

_____. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASTILHO, C. M. **Fundamentos Sintáticos do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2013.

CEGALLA, D. P. **A Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nacional, 2012.

COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. **Cause, Condition, Concession, Contrast: cognitive and discourse perspectives**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000.

CROFT, W. **Typology and Universals**. Bambridge: Cambridge Press, 1990.

CUNHA, C., CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janiero: Lexikon, 2008.

DAVIES, M., FERREIRA, M. J. 2006. **O *Corpus* do Português** (45 milhões de palavras, 1300 – 1999). http://www.corpusdoportugues.org/

DIAS, A. E. S. **Syntaxe Histórica Portuguesa**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1953.

ESPOSA do Pastor Marcos Pereira Desmente a Rede Globo. Publicado por Henrique Costa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PjGhzx-gaqg>. Acesso em 02/05/2014

FAGES, J. B. **Para entender o Estruturalismo**. Lisboa: Moraes, 1973.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**, Philadelphia: John Benjamins North America, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

FARIA, E. **Gramática da Língua Latina**. Brasília: FAE, 1995.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FIORIN, J. L. (Org.) **Introdução à linguística I. objetos teóricos**, 5. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

GONÇALVES, S. C. *et al.* (Org.). **Introdução à Gramaticalização:** princípios teóricos e aplicação**.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguistica Quantitativa**: instrumental de análises. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **World Lexicon of Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HEINE, B; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. From Cognition to Grammar: evidence from African Languages. In: TRAUGOTT E.; HEINE. B. (*orgs.*) **Approaches to Grammaticalization**. v. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p.149-187.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. *On Some Principles of Grammaticalization*. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (orgs.) **Approaches to grammaticalization**. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 59-90.

ILARI, R. *As Conjunções*. In: ILARI, R. & NEVES, M. H. M. (Org.), **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. Volume II. São Paulo: editora da Unicamp, 2008.

KLEIN, S. **Estudo do VOT no português brasileiro**. Dissertação (mestrado em Linguística) Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

LEHMANN, C. **A auxiliarização de *ficar*.** Linhas gerais. Ignotae, Lisboa, 27 de janeiro de 2008. Consultado em (12/06/2014). No site: www.unierfurt.ed: http://www.uni-erfurt.de/aprachwissenschaft/personal/lehmann/CL_Publ/lehmann_ficar.pdf. Acesso em 28/10/2014.

LONGHIN, S. R. **A Gramaticalização da Perífrase Conjuncional SÓ QUE**. 2003. Tese de Doutorado. Unicamp: Campinas, 2003.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. **O papel do contexto na gramaticalização de conjunções**. In: VII Encontro do Celsul, 2006, Pelotas. Caderno de Resumos do VII Encontro do Celsul. Pelotas-RS, 2006.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. Junção e(m) aquisição: aspectos morfossintáticos e cognitivos. **Gragoatá**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, 7 de março de 2011. Disponível em: <http://www.uff.br/revistagragoata/ojs/index.php/gragoata/article/view/15/140>. Acesso em: 17 de maio de 2015.

LUCENA, J. S.J. 1550-1600, **Historia da vida do padre Francisco de Xavier** : e do que fizerão na India os mais religiosos da Companhia de Iesu / composta pelo padre Ioam de Lucena, da mesma Companhia, portugues, natural da Villa de Trancoso. - Em Lisboa : por Pedro Crasbeek, 1600. - [8], 908 [i.é 912], [36] p. : il. ; 2º (30 cm). Disponível em: http://www.bnportugal.pt/. Acesso em: 20 de julho de 2014.

MAHLER, B. (Ed.) **O Orto do Esposo**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1956.

MALER, B. **Orto do Esposo**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1956.

MARGARIDO, R. Construções adversativas e construções concessivas: semelhanças e contrastes. *Revista Online Inicie*, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, n. 2, fev. 2008.

MAURER Jr., T. H. **Gramática do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MEILLET, A. R'évolution des formes grammaticales. In: **Linguistique Historique et lingustique générale**. (Publicado originalmente em Rivista di scienza, Vol. XII, n° XXVI, 6. (=Lingu. hist. et lingu. gén.) 1921. 130-148. Disponível em:

MENON, O. P. S. **A Gente: um processo de gramaticalização**. Ribeirão Preto: Anais do XLIII Seminário GEL, 1996.

_____. **Analyse sociolinguistique de indétermination du sujet dans le portugais parlé au Brésil à partir des données du NURC - SP**. Tese de Doutorado, Paris, Universidade Paris 7, 1994.

_____. Perífrases de Gerúndio: o que mudou? In: CAGLIARI, L. C. **O Tempo e a Linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. p. 41-95.

_____. Gerundismo? In: **Lingua(gem)** Vol. 1, 2: Variação e Mudança Linguística Macapá: ILAPEC, 2004.

_____. Perífrases com o verbo ir: variação e gramaticalização. In: PUSCH, Clauss D. & WESCH, Andreas. (orgs.) **Verbalperipharsen in den (ibero-) romanischen Sprachen**. Hamburg: Helmut Buske Verlag, 2003.

_____. Para além da variação: tu/você vê vs. tu/você veja. In: Sella *et. al.* (Orgs.) **Pesquisas sobre o Léxico: Reflexões Teóricas e Aplicação** Vol. 26. Campinas: Pontes, 2013. p. 97-136.

_____. A história de você. In: GUEDES, M.; BERLINCK, R.; MURUKAWA, C. (Orgs.). **Teoria e análise linguísticas**: novas trilhas. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. P. 99-160.

_____. Concessivas "exigem" Subjuntivas? In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Org.) **Cadernos de Pesquisa Linguística**. Variação do Português Brasileiro. v. 3, n°. 1. Porto Alegre: PUCRS, 2007, p. 6-26.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, M. H. M. **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NUNES, Irene F. (Ed.) **A Demanda do Santo Graal.** Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1995.

RAUBER, A. L. **Gramaticalização do foco no português do Brasil e de Portugal: estudo de diferentes sincronias da construção *sendo que***. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RIBEIRO, E. C. **Serões Gramaticaes ou Nova Gramática Portuguesa**. Bahia: Catilina, 1919.

RUDOLPH, E. **Contrast: adversative and concessive expressions on sentence and text level**. Berlin; New York: de Gruyter, 1996.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

SAPIR, E. **A linguagem**. Introdução ao estudo da fala. (trad.) J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – instituto nacional do Livro, 1954.

SARDINHA, T. B. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.

SILVEIRA, R. L. **Diário do Conde de Sarzedas,** Vice-rei do Estado da India, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001[1655].

SIMÕES, J. S. **Sintaticização, discursivização e semanticização das orações de gerúndio no português brasileiro.** Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2007.

SOUZA, A. **A Palavra *QUE***. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1961.

SWEETSER, E. E. **From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. **Grammaticalization and Semantic Bleaching**. Berkeley Linguistic Society, Berkeley, n. 14, 1988, p. 389-405.

TAVARES, M. A. **Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística.** Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/1312/1162>. Acesso em: 05/10/2015.

TRAUGOTT, E. C., HEINE, B. **Approaches to Grammaticalization**, volume I. Philadelphia: John Benjamins B. V., 1991.

TRAUGOTT, E.; KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of Grammaticalization Revised. In: TRAUGOTT E.; HEINE B. (eds.). **Approaches to Grammaticalization**, v. 1 Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Pyblishing Company, 1991.

VITRAL, L., RAMOS, J. **Gramaticalização:** uma abordagem formal**.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.

APÊNDICES

Obras presentes no córpus de Davies e Ferreira (2006) por século. Estão listadas da seguinte forma: obra, ano, autor. Aquelas que não apresentarem ano ou o autor é pelo fato de o *site* não os fornecer.

SÉCULO XVI, CODIFICAÇÃO (5): 76 obras

Forais Manuelinos – (1496-1520) - Notários
Inquirições Manuelinas – (1496-1520) – Notários
Vida e Feitos d'el rey Dom João Segundo – (1533) – Garcia de Resende
O Espelho de Cristina – (1518) – Christine de Pisan
Carta Escrita em Cangoxina a 5 de novembro de 1549 – (1598) – Padre Mestre Franscisco Xavier.
Summário de Pregaçam fúnebre – (1551) – Antonio Pinheiro
Transladaçam dos ossos del rey Dom Manuel – (1551) – Antonio Pinheiro
Tratado d'arysmetica – (1519) – Gaspar Nicolau
Tractado da Prouincia do Brasil – (1570?) – Pêro de Magalhães de Gândavo
Contos e histórias de proveito e exemplo – (1575) – Gonçalo Fernandes Tramoso
Décadas da Ásia (Década Primeira, livros I – X) – (????) – João de Barros
Décadas da Ásia (Década Segunda, livros I – X) – (????) – João de Barros
Décadas da Ásia (Década Terceira, livros I – X) – (????) – João de Barros
O compromisso da confraria da Misericórdia – (1516) – Confraria da Santa Misericórdia de Lisboa
Leis Extravagantes – (1569) – Duarte Nunes de Lião
Cancioneiro de Resende – (1516) – Garcia de Resende
Tratado sobre certas duuidas da Navegação - (1537) – Pedro Nunes
Tratado as sphera com suas anotações – (1537) – Pedro Nunes
Obra completa (A – M) – (????) – Gil Vicente
Obra completa (N – Z) – (????) – Gil Vicente
Flos Sactorum (Flores de direito) – (1513) – (????)
Consolação às Tribulações de Israel – (fl 1553) – Samuel Usque
Diana – (1561) – Jorge de Montemor
História do descobrimento e Conquista da India – (-1559) – Fernão Lopes de Castanheda
Lendas da India – (1495-1561) – Gaspar Correia
Palmeirim – (-1572) – Francisco de Morais
Saudades – (1522-1591) – Gaspar Frutuoso
Távola – (1515-1585) – Jorge Ferreira de Vasconcelos
Trabalhos de Jesus (15Ferr: 540) – (1529-1582) – Frei Tomé de Jesus
Crónica do imperador Clarimundo - (1520) – João de Barros
Diálogos – (1589) – Amador Arrais

Crónica de Dom Afonso Henriques – (1500-1525) – Duarte Galvão

Itinerários... – (1529) – Antonio Tenreiro

Crónica de D. João II – (1500) – Rui de Pina

Rópica pnefma – (1532) – João de Barros

Soldado prático – (1588) – Diogo de Couto

Vilhaupandos – (1533) – Sá de Miranda

Proveito – (c1517-c1596) – Gonçalo Fernandes Trancoso

Quinta Década (livros 8-10), vol. 1, Décadas – (1584) – Diogo de Couto

Letters of John III – King of Portugal 1521-1557 – (1538) – D. João III

Da pintura antiga – (1561) – Francisco de Holanda

Gramática da língua portuguesa – (1540) – João de Barros

Textos Notariais. Clíticos da história do português - (1504-1548) – (????)

Chronica dos reis de bisnaga – (1500-1600) – (????)

Textos Notariais. Documentos notariais dos séculos XII a XVI – (1400 – 1500) – (????)

Cortes portuguesas (1499) – (1595) – (????)

Dois Roteiros do século XVI

Códice Valentim Fernandes – (1506-1510) – (????)

Enformações das coisas da China – (1520) – (????)

Cortes portuguesas – (1502) – (????)

História de um fidalgo quinhentista português – (????) – (????)

Gramática da língua portuguesa - (1536) – Fernão de Oliveira

Mosteiro de Guadalupe e Portugal.

O orçamento do Estado da India – (1571) – (????)

Pai dos Cristãos

Portugaliae Histórica vol.1

O Tombo de Diu – (1591-1597) – (????)

Tombo da Ordem de Cristo – (1505-1509).

Obras – (????) – Camões

Carta de Relação da viagem e missão a província do Brasil – (1590) – Fernão Cardim

Cartas dos jesuítas – (1588) – Padre Amador Rebello

Década oitava – (????) – Diogo de Couto

Crónica do príncipe Dom João – (????) – Damião de Góis

Espelho de Disciplina vol.1 (em crónica dos Frades Menores) – (????) – Frei Marcos de Lisboa?

História do Japam I - (1560-1580) – Frois

História do Japam II – (1560-1580) – Frois

História do Japam III – (1560-1580) – Frois

História da vida do padre S. Francisco Xavier – (1600) – Lucena

Introdução à Gramática Latina – (1875) – Verney

Menina e Moça – (1554) – Bernadim Ribeiro

Sentenças – (1554) – Andre Eborense Rodrigues

Vereações – Taxas (Arquivo nacional de Coimbra) – (1573-1585) – Anônimo
Dicionário de Latim –Português I – (1569-70) – Jerônimo Cardoso.
Dicionário de Latim – Português II – (1560-70) – Jerônimo Cardoso
Dicionário de Latim – Português III – (1560-70) – Jerônimo Cardoso
Pequenos Dicionários de Vozes Eclesiásticas – (1569) – Jerônimo Cardoso

SÉCULO XVII, CODIFICAÇÃO (6): 58 obras

Relação de tudo o que passou na Felice aclamação do mui alto e mui poderoso Rei Dom João IV, nosso Senhor – (1638).
Apolo – (1640?) – Francisco Manuel de Melo
Epanophora política primeira – (1637) – Francisco Manuel de Melo
Origem da Língua Portuguesa – (1606) – Duarte Nunes Lião
Regimento dos Boticários – (1604) – Fernão Marcos Botelho
Alívio de Tristes – (c1620 - >1693) – Mateus Ribeiro
Apólogos dialogais – (1608 – 1666) – Francisco Manuel de Melo
Báculo pastoral de flores – (fl 1624) – Francisco Saraiva de Sousa
Cartas – (1690 – 1700) – José da Cunha Brochado
Casamento perfeito - (1630) – Diogo de Paiva de Andrada
Crónica da Companhia de Jesus – (1663) – Simão de Vasconcelos
Desmaios de Maio – (1604 – 1674) – Diogo Ferreira de Fegueiroa
História de D. Domingos (1555 – 1632) – Frei Luís de Souza
Doze Novelas – (1618 – 1681) – Geraldo de Escobar
Epanáfora amorosa – (1608 – 1666) – Francisco Manuel de Melo
Infortunios trágicos da constante Florinda – (????) – Gaspar Pires Ribelo
Gusmán de Alfarache – (1595 – 1662) – Marques de Montebelo
Vida de D. Gregório Gadanha – (fl 1644) – António Henrique Gomes
Anais de D. João III – (1631) – Frei Luís de Sousa
Lusitania transformada – (1530 – 1600/1607) – Fernão d'Alvares do Oriente
Cartas familiares – (1650) – Francisco Manuel de Melo
Naufrágio – (1601) – Bento Teyxeira
Palmeirim 3 – (fl 1604) – Baltasar Gonçalvez Lobato
Paralelos de Príncipes – (fl 1623) – Francisco Soares Toscano
História do predestinado peregrino – (1629 – 1724) – Alexandre de Gusmão
Primavera – (>1580 – 1621) – Francisco Rodríguez Lobo
Poesia e Pintura – (1635) – Manuel Pires de Almeida
Nova Floresta – (1688) – Manuel Bernardes
Monarquia Lusitana – (1619) – Frei António Brandão
Da Monarquia Lusitana – (1601) – Bernardo de Brito
Cartas Espirituais – (1665) – Antonio das Chagas
Arte de Furtar – (1645) – Manuel da Costa

Discursos Vários Políticos – (1631) –Manuel Serevim de Faria
Gazeta, em que se relatam as novas todas – (1642) – Manuel de Galhegos
Côrte na Aldeia e Noites de Inverno – (1607) – Francisco Rodrigues Lobo
A vida do Frei Bertolameu dos Mártires – (1606) – Luiz de Souza
Letters – (1646) – Francisco Manuel de Melo
Tacito – (1646) – Francisco Manuel de Melo
Historia do Futuro – (1667) – Padre António Vieira
Sermons – (1667) – Padre Antonio Vieira
Carta – (1660 – 1665) – Marquês de Saude
Portugaliae Histórica vol. 2 – (????)
Diário do Conde de Sarzedas – (1656) – Rodrigo Lobo da Silveira
Abedario Real e Regia Instrucçam de Principes
Lusitanos – (1692) – Frei João dos Prazeres
Do reino de Cristo consumado na terra (livro terceiro) – (????) – Padre Antonio Vieira
Orthografia ou modo para escrever certo na língua portuguesa com um tratado de memoria artificial – (1631) – Alvaro Ferreira
Carta de guia de casados – (1650) – Francisco Manuel de Melo
Carta – (????)
Cartas – (1626 – 1692) – Padre Antonio Vieira
Centúrias – (1619 – 1621) – Amaro Roboredo
Adagios – (1651) – Antonio Delicado
Insulana – (1625) – Manoel Thomas
O hospital das Letras – (1657) – Francisco Mendes Pinto
Peregrinação – (1603) – Fernão Mendes Pinto
Prosopopeia – (1650?) – Bento teyxeira
Dos principaes adágios portugueses, com seu latim proverbial correspondente – (1697) – Bento Pereira
Prosodia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8 – (1697) – Bento Pereira

SÉCULO XVIII, CODIFICAÇÃO (7): 45 obras

Tratado da sciencia cabala, ou notícia da arte cabalística – (1724) – Francisco Manuel de Melo
Frutas do Brasil – (1702) – Frei Antônio do Rosário
Academia Universal – (1732) – Manuel Consciência
Colecção política de apotegmas – (1718) – Pedro José Supico de Morais
Aves ilustradas – (1738) – Soror Maria do Céu
Cartas familiares – (c1763s) – Francisco Xavier de Oliveira
Tres corcovados de Setúbal – (1791) – (????)
Brados do esengado – (1736) – Soror Madalena da Glória
Aventuras de Diófones – (1752) – Teresa Margarida da Silva e Orta

Obras económicas – (c1790s) – J. J. da Cunha Azeredo Coutinho
Cartas sobre a educação da mocidade – (1760) – António Nunes Ribeiro Sanches
Feliz independente do mundo – (1779) – Teodoro de Almeida
Nova Floresta – (c1710) – Manuel Bernardes
Relação... Navegação... S. Pedro – (1743) – Frei Francisco da Cunha
Navio... Bom conselho – (1753) – (????)
Nobiliarquia paulistana histórica e genealógica – (c1770s) – Pedro Taques de Almeida Paes Leme.
Compendio narrativo do peregrino de América – (1728) – Nuno Marques Pereira
Desgravos do Brasil e glórias de Pernambuco – (1757) – D. Domingos de Loreto Couto
História da América Portuguesa – (1730) – Rocha Pita
Reflexão sobre a vaidade – (1743) – Matias Aires
Cartas do Abade António da Costa – (1744) – Antonio da Costa
Regras da língua portuguesa – (1724) – Jerónimo Contador de Argote
A vida do padre Antonio Vieira – (1727) – Andre de Barros
Cartas – (1707) – J. Cunha Brochado
Cartas – (1756) – Cavaleiro de Oliveira
Obras completas – (1756) – Correia Garção
Cartas – (1735) – Alexandre de Gusmão
Rellação da Vida e Morte da Serva – (1721) – Maria do Ceu
Pina Manique e a Universidade de Coimbra – (1781) – Diogo Ignacio de Pina Manique.
Verdadeiro Método de Estudar – (1765) – Luís António Vernei
Mosteiro de Guadalupe e Portugal 1700 – (????)
Livro de Montaria – ([1400]) – Dom João
Adagios, provérbios, rifãos, e anexins da língua portuguesa – (1780) – Rolland
A aflição confortada – (????) – João Baptista de Castro
Antídoto da língua portuguesa – (????) – José de Macedo (assinado por António Melo da Fonseca)
Elementos da invenção e locução rhetorica, ou princípios da eloquência: ilustrados com breves notas – (1759) – Antonio Pereira
Carta a um filólogo de Espanha – (1750) – Candido Lusitano
Discurso apologético cirurgico-medico – (1729) – Manoel Caetano (Joseph da Sylva Fernandes)
Escolha Nova Christã e Política... – (1799) – Leonor Thomasia de Souza e Silva
Espelho de Disciplina v. 2 – (????) – Frei Marcos de Lisboa
Eva e Ave ou Maria triunfante – (1734) – António de Sousa de Macedo
Escola moral, politica, christãa, jurídica – (1729) – Diogo Guerreiro Camacho de Aboym
Miscelanea moral – (1722) – Gaspar de Carvalho
Promptuario histórico II, I – (1760) – Frei Manoel da Mealhada
Vocabulário portuguez, e latino... A1, A2 e A3 – (1712-1721) – Rafael Bluteau

SÉCULO XIX, CODIFICAÇÃO (8): 172 obras

Singularidades de uma rapariga loura – (1902) – Eça de Queirós
A ruiva - (1881) - Fialho de Almeida
A doença da mimi – (1879) – José Augusto Vieira
O Castelo de Faria – (1838) – Alexandre Herculano
Última corrida de Touros em Salvaterra – (1848) – Rebelo da Silva
Amaro: compêndio – (1817-1838) – Padre José Amaro da Silva
Correspondência de Fradique Mendes – (1900) - Eça de Queirós
O crime do padre Amaro – (1875) – Eça de Queirós
A ilustre casa de Ramires – (1900) – Eça de Queirós
Os maias – (1888) – Eça de Queirós
Paiva: enfermidades – (1844) – Manuel José de carvalho
Carvalho: eloquência – (????) – Francisco Freire de Carvalho
Arco de Sanct'Anna – (1850) – Almeida Garrett
Almeida: gastos 1, 2, 5 e 6 – (1881) – Fialho de Almeida
Carvalho: lições – (????) – Francisco Freire de Carvalho
Ribeiro: teoria – (1848) – António Leite Ribeiro
Vasconcelos: Zargueida – (????) – Francisco de Paula Medina e Vasconcelos
A condessa Vésper – (????) – Aluísio Azevedo
Histórias da Avózinha – (????) – Alberto Figueiredo Pimentel
Máximas, pensamentos e reflexões – (????) – Mariano José pereira da Fonseca Maricá
Obras seletas – (????) – Rui Barbosa
Tipos burlescos – (1858) – Bruno Henrique de Almeida Seabra
Amor de Perdição – (1862) – Camilo castelo Branco
Camões – (1825) – Almeida Garrett
Eurico o presbítero (1844) – Alexandre Herculano
Uma família inglesa – (????) – Júlio Dinis
Os fidalgos da Casa Mourisca – (????) – Júlio Dinis
A morgadinha dos Canaviais – (????) – Júlio Dinis
O bobo – (????) – Alexandre Herculano
Odes Modernas – (????) – Antero de Quental
Poesis – (????) – Antonio Feliciano de Castilho
As pupilas do senhor reitor – (????) – Julio Dinis
A queda dum anjo – (????) – Camilo Castelo Branco
Lourenço – (1878) – Franklin Távora
Um ano na corte – (????) – João de Andrade Corvo
A mantilha de Beatriz – (????) – Manuel Pinheiro Chagas
A mocidade de D. João V – (????) – Rebelo Silva
Última dona de S. Nicolau – (????) – Arnaldo Gama
A viúva do enforcado – (????) – Camilo Castelo Branco
Carta e outros Escritos – (1809) – Marquesa D'alorna

Letters – (1835) – Almeida Garrett

Teatro – (1835) – Almeida Garrett

6 Entremeses de Cordel – (1807) – José Daniel Rodrigues da Costa

Memórias do Marquês da Fronteira e Alorna – (1854) – Marquês de Fronteira e Alorna

Cartas a Emília – (1888) – Ramalho Ortigão

A campanha Abolicionista – (????) – José do Patrocínio

A filha de Maria Angu – (????) – Artur Azevedo

A joia – (????) – Artur Azevedo

As doutoras – (????) – Joaquim José da França Júnior

As memórias de um condenado – (????) – Aluísio Azevedo

Como se faria um deputado – (????) – Joaquim José da França Júnior

Discurso sobre a História da literatura do Brasil – (????) – Domingos José Magalhães Araguaia

Ensaio Histórico sobre as Letras no Brasil [1847]. Francisco Adolfo de Varnhagen

Eu – (????) – Augusto dos Anjos

Girândola de Amores – (????) – Aluísio Azevedo

História da Conjuração Mineira – (????) – Joaquim Norberto de Souza Silva

Histórias e Tradições da Província de Minas Gerais – (????) – Bernardo Guimarães

Livro de uma sogra – (????) – Aluízio Azevedo

Lucrécias – (????) – Bruno Henrique de Almeida Seabra

Luzia-Homem – (1878) – Domingos Olímpio

Memórias e cotidiano do Rio de Janeiro no tempo do rei – (?????) – Luís Joaquim Santos Marrocos

Minha formação – (????) – Joaquim Nabuco

Máximas, Pensamentos e reflexões – (????) – Marquês de Maricá

No país dos Ianques – (????) – Adolfo Caminha

Lira dos Vinte Anos – (????) – Álvares de Azevedo

O bom crioulo – (????) – Adolfo Caminha

O cabeleira – (1876) - Franklin Távora

O diletante – (1846) – Martins Pena

O dote – (????) – Artur Azevedo

O escravocrata – (????) – Artur Azevedo

O ermitão de Muquém – (????) – Bernardo Guimarães

O inglês maquinista – (1871) – Martins Pena

O juiz de paz na roça – (1842) – Martins Pena

O moço loiro - (1845) – Joaquim Manuel de Macedo

O vaqueiro – (1872) – Apolinário Porto-Alegre

Os dois amores – (1848) – Joaquim Manuel de Macedo

Paulo – (????) – Bruno Henrique de Almeida Seabra

Pareceres – (????) – Machado de Assis

Poemas irônicos, venenosos e sarcásticos – (????) – Alvares de Azevedo

Primeiras Trovas Burlescas de Getulino – (1859) – Luís da Gama

O cortiço – ( ) – Aluísio de Azevedo
O mulato – ( ) – Aluízio de Azevedo
A luneta mágica – (?) – Joaquim Manuel de Macedo
A moreninha – (?) – Joaquim Manuel de Macedo
Encarnação – (?) – José de Alencar
O ateneu – (?) – Raul Pompéia
Inocência – (?) – Afonso de E. Taunay
Os sertões – (1902) – Euclides da Cunha
A viúva de Simões – (1897) – Júlia Lopes de Almeida
Amor e pátria – (?) – Joaquim Manuel de Macedo
Ao correr da pena – (?) – José de Alencar
Artigos – (1884) – Euclides da Cunha
Diário de uma expedição – (?) – Euclides da Cunha
Fragmentos e pequenos textos – (1898) – Euclides da Cunha
O mambembe – (?) – Artur Azevedo
O garatuja – (?) – José de Alencar
O gaúcho – (?) – José de Alencar
Sonhos D'ouro – (?) – José de Alencar
Til – (?) – José de Alencar
O namorador ou a noite de São João – (?) – Martins Pena
O sacrifício – (1879) – Franklin Távora
O seminarista – (?) – Bernardo Guimarães
Lição de Botânica – (?) – Machado de Assis
A última receira – (?) – Machado de Assis
Textos Escritos – (?) – Machado de Assis
O último dos maçaricos – (?) – João de Guimarães Rosa (trad.)
A pata da gazela – (?) – José de Alencar
A princesa dos cajueiros – (?) – Artur Azevedo
Angélica e Firmino – (?) – Araújo Porto Alegre
Antonica da Silva – (?) – Joaquim Manuel de Macedo
As mulheres de Mantilha – (?) – Joaquim Manuel de Macedo
As vitimas-algozes – (?) – Joaquim Manuel de Macedo
Casa de Pensão – (?) – Aluízio Azevedo
Senhora – (1875) – José de Alencar
Remissão de Pecados – (?) – Joaquim Manuel de Macedo
Romance de uma velha – (?) – Joaquim Manuel de Macedo
Tentação – (?) – Adolfo Caminha
Uma pupila rica – (?) – Joaquim Manuel de Macedo
Eneida Brasileira – (1854) – Odorico Mendes
Canudos e outros temas – (1897) – Euclides da Cunha

Memorial de Aires – (?) – Machado de Assis
Esaú e Jacó – (?) – Machado de Assis
Helena – (?) – Machado de Assis
Iaiá Garcia – (?) – Machado de Assis
A mão e a lua – (?) – Machado de Assis
Quincas Borba – (?) – Machado de Assis
Ressurreição – (?) – Machado de Assis
Casa Velha
O segredo de Augusta
Linha reta e linha curva
Ponto de vista
Conto alexandrina
O lapso
A segunda vida
Último capítulo
A chave
Virginius
Casada e viúva
O caso do Romualdo
Bons Dias
Dom casmurro
Balas de Estado
Epistolário
Americanas
Faróis – (?) – Costa Cruz e Souza
Últimos Sonetos
Memórias de um sargento de milícias – (?) – Manuel António de Almeida
A margem da história – (1909) – Euclides da Cunha
Peru versus Bolívia – (1907) – Euclides da Cunha
Contrastes e Confrontos – (1907) – Euclides da Cunha
Últimas rimas – (1917) – Emílio de Menezes
Mortalhas – (1924) – Emílio de Menezes
Prosa de Circunstância – (?) – Euclides da Cunha
Ondas e outros poemas esparsos – (?) – Emílio de Menezes
O missionário – (1891) – Inglês de Souza
O coruja – (?) – Aluízio Azevedo
Uma lágrima de mulher – (?) – Aluísio Azevedo
O Japão – (?) – Aluízio Azevedo
O touro negro – (?) – Aluízio de Azevedo
O esqueleto – (1890) – Olavo Bilac e Pardal Mallet

Poemas esquecidos e outros poemas – (?) – Augusto dos Anjos
A conquista – (1899) – Coelho Neto
A Escrava Isaura – (?) – Bernardo Guimarães
A lotação dos bondes – (?) – Joaquim José da França Junior
Crônicas – (1892) – Euclides da Cunha
Dona Guidinha do poço – (?) – Manoel de Oliveira Paiva
Maria Dusá – (?) – Lindolfo Rocha
O garimpeiro – (?) – Bernarndo Guimarães
O matutu – (1878) – Franklin Távora
Os lobisomens – (?) – Araújo Porto Alegre
Sarças de Fogo – (1888) – Olavo Bilac
O noviço – (?) – Martins Pena

SÉCULO XX, CODIFICAÇÃO (9): 91 obras

97-03-06 – Veiga Simão
97-04-10 – Mario Laginha
96-03-31-1 - Durão Barroso
96-04-04-3 – José Lelo
96-04-07-05 - Narciso Miranda
96-04-07-7 – Miguel Galvão Telles
96-04-08-8 – Seixas da Costa
96-05-02-27 - Rui Rio
96-05-05-28- Fernando Melo
96-05-12-31- Manoel Monteiro
96-05-17-33- Alberto Joao Jardim
96-08-12-2- Vieira de Carvalho
96-08-25-5- Mario Almeida
96-10-10-17- Marcelo Rebelo de Souza
96-10-31-23 – Antonio Cluny
96-12-27-44- Jose Gama
97-03-01-10-Alberto Joao Jardim
97-03-31-20 – Carlos Lopes
97-04-27-31- Gil Robles
97-06-02-54- Jaime Gama
97-08-18-47- Jose Socrates
97-08-27-06- Paulo Barros Vale
97-09-08-15- Narciso Miranda
97-09-14-24- Augusto Mateus
97-09-15-26- Francisco Nurteira Nabo
97-09-16-28- Silvio Cervan
97-09-21-30 – Ilda Figueiredo
97-10-140-2- Joao de Deus Pinheiro
97-10-24-16- Angelino Ferreira
97- 10-27-17- Francisco Assis
97-10-01- Manoel Carvalho da Silva
97-dez1- Joao Braga
97-nov-15- Carlos Lopes

97- agost-28-Carlos Veiga
97- nov-16- Alberto Costa
97-ago-13 - Pedro Reis
97- ago-08- Jose Roquette
Gonçalo Castelo Branco
Jose Barata Moura
Carlos Lacerda
Concelho Directivo- professor Pedro
Maria Filomena Mônica
Antonio Manoel Baptista
Gustavo Bastos
Mario Claudio
Jerónimo de Sousa
Jorde Rino
Edgar Figueredo da Cruz e Silva
Vasco Martins
Andre Gonçalves Pereira
Joao Bernard da Costa
Melo Antunes
Mario de Carvalho
Almirante Pereira Crespo
Vitor Manuel Gouveia
Vasco Lourenço
A palavra magica – Vergílio Ferreira
Tal e qual o que era – David Mourão Ferreira
1998- Peregrinação de Barnabé das Índias – romance – Claúdio,Mario
1994- Um deus passeando pela brisa da tarde – romance – Carvalho Mário de
A versão de marta – Joao de melo
O fosso e o pêndulo – Luisa Costa Gomes
Alma – Manuel Alegre
As chagas – Mario Claudio
1974 - Mário – Episodios das lutas civis portuguesas de 1820-1834 – Gaio A. Silva
A estranha morte do prof .antena – Mario de Sá Carneiro
O roubo da quinta da vinhas – Fernando Pessoa
1999 – A republica dos corvos - contos – Pires, Jose Cardoso
Flor de estufa - Fernando Campos
O conto do diabo e as pedras – Jose Saramago
Os dias coloridos – Urbano Tavares Rodrigues
A comedia dos ociosos – Virgilio Martinho
1996 - insânia – Correia Helia
1988- páginas – Ruben.A – Ruben Andersen
1998 – O vale da paixão – romance – Jorde- Lidia
1972 – Carcere invisivel –Fransisco Costa
Historia do cerco de Lisboa – Jose Saramago
Historia do cerco de Lisboa – Jose Sarramago
1985 – Os nos e os laços - Anotnio Alçada Baptista
1988 – Missa in albis – Costa , Maria Velho da
1986 – O homem sem nome – Aguiar Joao
1994 – por tudo e por nada – Cronicas – Ferro, Rita.
1960 – A noite da vergonha – Mario Ventura
1917 – Fatal dilema – Botelho, Abel.
1952 – A arca de noé – Castro Augusto,de
1935 – A selva castro Ferreira de

1907 – Excentricos – Costa Sousa
1943 – a cidade do vicio – d'Almeida Fialho
1921 - Os galos de Apollo – Dantas Julio
1946 – Tons verdes em fundo escuro – d'arcos Joaquim Passos
1956 – O pouco e o muito: Cronica urbana – Lisboa Irene
1925 – Nome de guerra- Negueiros Jose de
1900 A ilustre casa de Ramires – Eça de Queirós
1910 – Serão inquieto – Patricio Antonio
1943 – Fanga – Redol Alves
1942 - O príncipe com orelhas de burro – Regio Jose
1953 Os avisso do destino – Regio Jose
1946 – Escadas de serviços – Ribeiro Afonso
1919 – Terras do demo- Ribeiro Aquilino
1927 – A planice Heróica – Ribeiro Manuel

ANEXO I

LISTA DE CONJUNÇÕES USADA PARA ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS DE *SENDO* E *SENDO QUE* DO CÓRPUS.

SUBORDINADAS ADVERBIAIS:

Causal: POR QUE, JÁ QUE, COMO, VISTO QUE, UMA VEZ QUE, DADO QUE;
Condicional: SE, CASO QUE, DESDE QUE, CONTANTO QUE, A MENOS QUE, COM A CONDIÇÃO DE QUE;
Consecutiva: QUE;
Temporal: QUANDO, ENQUANTO, DEPOIS QUE, ANTES QUE, ASSIM QUE, ATÉ QUE, LOGO QUE, AO PASSO QUE;
Concessiva: EMBORA, AINDA QUE, MESMO QUE, AINDA SE, MESMO SE, SE BEM QUE, POR MAIS QUE;
Relativa: QUE.

COORDENADAS:

Explicativa: ASSIM, PORTANTO, (LOGO).
Conclusiva: POR ISSO, ENTÃO, (LOGO);
Aditiva: QUE, E;
Alternativa: OU;
Adversativa: MAS, PORÉM, CONTUDO, TODAVIA, ENTRETANTO, SÓ QUE;